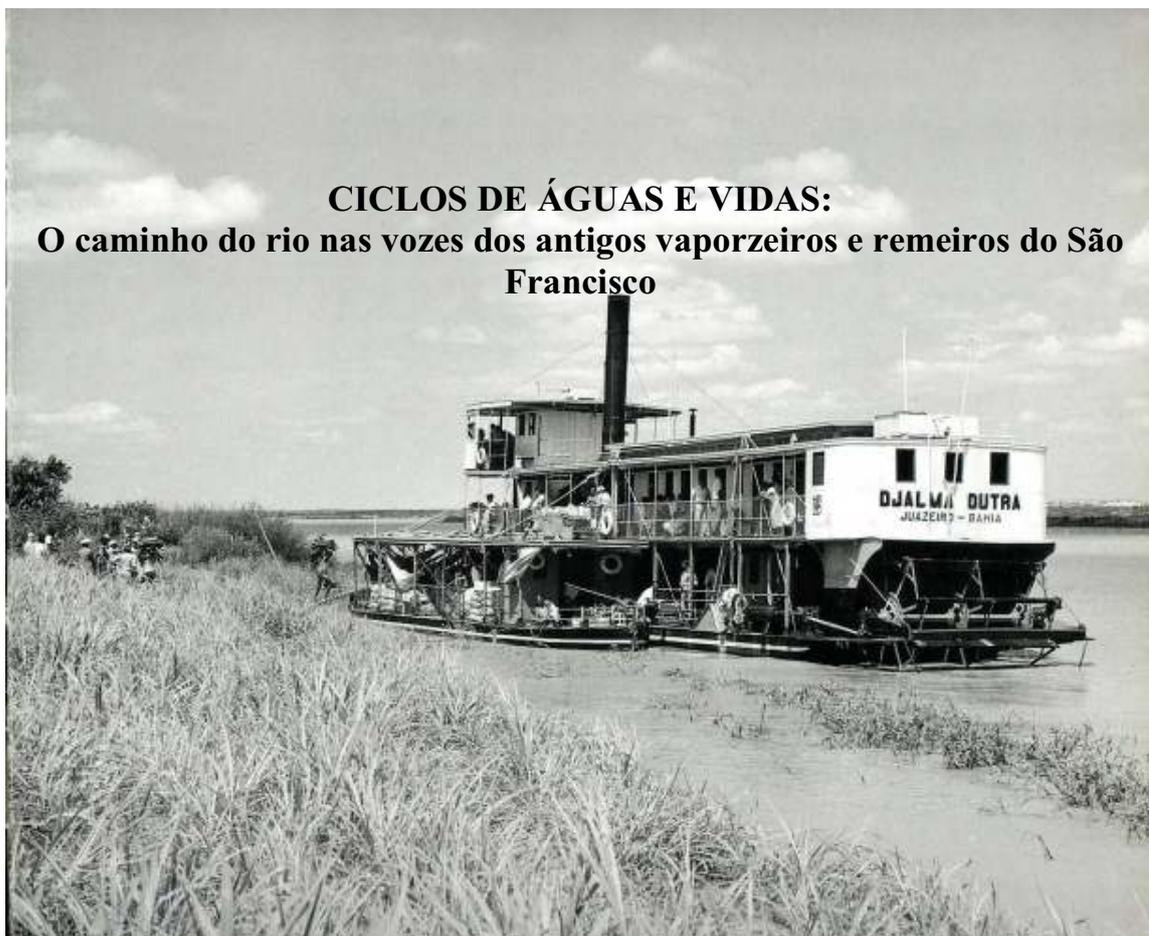


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO**

**CICLOS DE ÁGUAS E VIDAS:
O caminho do rio nas vozes dos antigos vaporzeiros e remeiros do São
Francisco**



Marcel Gauteroth

JOYCELAINE APARECIDA DE OLIVEIRA

**UBERLÂNDIA/MG
2009**

JOYCELAINE APARECIDA DE OLIVEIRA

**CICLOS DE ÁGUAS E VIDAS:
O caminho do rio nas vozes dos antigos vaporzeiros e remeiros do São
Francisco**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de Concentração: Geografia e Gestão do Território

Orientador: Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão

Uberlândia/MG
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

- O48c Oliveira, Joycelaine Aparecida de, 1982-
Ciclos de águas e vidas : o caminho do rio nas vozes dos antigos vaporzeiros e remeiros do São Francisco / Joycelaine Aparecida de Oliveira. - 2009.
144 f. : il.
- Orientador: Carlos Rodrigues Brandão.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia.
1. São Francisco, Rio - Navegação - Descrições e viagens - Teses. 2. São Francisco, Rio - Cultura popular – Teses. I. Brandão, Carlos Rodrigues. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 910.4(282.281.5)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia

JOYCELAINE APARECIDA DE OLIVEIRA

CICLOS DE ÁGUAS E VIDAS:

O caminho do rio nas vozes dos antigos vaporzeiros e remeiros do São Francisco

Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão (orientador) - UFU-MG

Profa. Dra Lúcia Helena Batista Gratão - UEL- PR

Prof. Dr. Samuel do Carmo Lima - UFU-MG

Data: ___/___/___

Resultado: _____

Dedico este momento aos homens do Rio São Francisco que por meio de suas lembranças me apresentaram um outro Rio.

AGRADECIMENTOS

“O melhor de mim sou os outros” são palavras de um poema de Manoel de Barros. Agradeço crescido de afeto sentido, todos os outros que me fazem, os muitos outros que estão a viver dentro de mim. Poeticamente vocês habitam os espaços do meu coração.

Carlos Brandão, amigo querido, meu mestre, “água de rio”. Um agradecer infinito, pela forma com que me conduziu e me orientou, na travessia dessas margens escritas do Rio de São Francisco. Pela beleza da sua presença em minha vida, pelos muitos conselhos, por tantos ensinamentos...

Aos professores Samuel do Carmo Lima e João Cleps, que de alguma forma, acompanharam esse meu caminhar, enquanto pesquisadora.

A professora e querida amiga Luciene, que mesmo distante se faz tão presente.

A professora Vera Salazar, pela leitura cuidadosa que fez desses meus escritos, pelas suas contribuições nas normas metodológicas. Agradeço por seu carinho e atenção.

A Leopoldo, que há tanto tempo me acompanha com suas filosofias poéticas, obrigada pela amizade e pelo cuidado com que sempre leu os meus escritos.

À professora Lúcia Helena, uma geógrafa e poeta que encontrei pelos caminhos desse rio da vida, que tão sensivelmente partilhou os seus escritos sobre o Rio Araguaia. Na travessia da leitura do seu rio, descobri outras sensibilidades geográficas, que vieram de encontro ao meu Rio de São Francisco. Obrigada pelo carinho e pela gentileza com que aceitou o convite de participar da minha banca.

A Andréa Narciso, por ter sido o começo de tudo. Você, que traz o sertão no coração, sertão vivido e sentido, sertão que por você é poeticamente escrito, sertão que me inspira. Nas margens escritas deste trabalho tem muito das nossas longas conversas, sobre o Rio e o Sertão que nos une. Meu carinho aqui, se estende a Fábio e as crianças, Mateus, Natália e a pequena Juliana. Vocês fazem parte de tudo isso, são parte de mim.

A Fernanda Amaro, em seu “riso-rio” de olhar azul, pelo carinho da sua amizade, pela partilha de tantas geografias.

O Cristiano e à Juliana, pelo aconchego da casa e pela presença dos dois na minha vida, quando aqui cheguei, apenas com alguns livros e uma mochila nas costas. O começo de tudo se tornou mais leve, na companhia da amizade de vocês.

Ao Marcelo, amigo querido, como falar de você sem recordar das nossas tardes avarandadas, acompanhadas do ritual do chimarrão, quando dividíamos irmãmente, as nossas angústias, os nossos sonhos e tantos devaneios.

A Taty irmã de alma, amiga para toda a vida.

Ao Rafael, amigo querido, pela brilhante ajuda nos mapas.

Aos amigos de beira de rio, Graça, Rodrigo, Anginha, Geraldo, Aninha, Lú, Tom, Sandrinha, Alessandra, Luciana e Elisa.

Aos amigos que aqui encontrei, Joelma, Maristela, Zé Luiz, Murilo, Dagmar, Bruna, Elton, Vinicius, Ludimila, Lucimeire, Eduardo, Dani e Sol.

Aos meus pais, as minhas primeiras águas, que, mesmo sem entender a dimensão de tudo isso, sempre acreditaram em mim. A minha mãe pela coragem e fé na vida, ao meu pai por toda a ternura e calma que transmite no seu olhar.

Aos meus irmãos, Ricardo e Natane pelo carinho de sempre; e a Cecília minha sobrinha, que com a inocência do seu sorriso torna tudo mais leve.

A CAPES, pela concessão da bolsa de estudos, pois sem ela teria sido praticamente impossível realizar este trabalho.

Aos companheiros do LAGEA (Laboratório de Geografia Agrária), pela estrutura física e pelo apoio técnico dos equipamentos.

Acredito que a montanha e o rio, a folha e a árvore, a raiz e a flor, tudo que já foi formando na natureza jaz pré formado dentro de nós e nasce da alma, cuja essência é a eternidade. Naturalmente essa essência está além de todo o nosso concebível conhecimento, mas, apesar de tudo, podemos senti-la.

(James Cowan)

RESUMO

Este trabalho objetiva estudar o Rio São Francisco com base nas lembranças de pessoas que trabalhavam nos vapores e nas barcas: os antigos vaporzeiros e remeiros. Os vapores são barcos grandes movidos a lenha, e as barcas são embarcações grandes movidas à força dos homens ao usarem remos e varejões — instrumentos de trabalho. Essas embarcações transportavam pessoas e mercadorias de Pirapora, no norte de Minas, a Juazeiro, Bahia. Com enfoque nas memórias afetivas que esses homens têm do rio, a pesquisa faz uma geografia dos afetos na qual as águas do rio são a vida e o trabalho. Desvelam essa geografia a vida em torno da viagem nas águas, a saudade de casa e da família, os encontros, as festas, o trabalho e a afetividade que une essa gente ao São Francisco como espaço do vivido, sentido e percebido. Os conceitos de espaço, lugar, percepção e memória que permeiam as lembranças das pessoas serão considerados à luz de autores da geografia, antropologia, literatura, filosofia e das histórias dos vaporzeiros que atravessam as águas do São Francisco em Pirapora.

Palavras-chave: Rio São Francisco. Espaço. Lugar. Percepção e Lembrança.

ABSTRACT

This work aims at studying São Francisco River based on the memories of the old *vaporzeiros* and the oarsmen, that is, people who use to work at steam launches and small barges, respectively. The former is a big boat moved by firewood; the latter is a small one set in motion by human force through the use of oars and barge-poles. Both of them were used to transport people and goods from Pirapora city (in the north of state of the Minas Gerais) to the city of Juazeiro (in the state of Bahia). By focusing on these men memories of the river, this research makes a geographical study of the affective feelings in which the river waters are their life and provide working means. Such geography of affective feelings is unveiled by the life around water travels, home and family nostalgia, meetings, feasts, work, and affectivities which unify these people to the São Francisco river as a place of the lived, of the felt, and of the perceived. Concepts such as place, perception, and memory permeating these workers reminiscences are considered in the light of geography, anthropology, literature, and philosophy authors as well as stories told by the *vaporzeiros* who cross São Francisco waters in Pirapora.

Keywords: São Francisco River. Space. Place. Perception. Reminiscence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FOTOS

Foto 1	O rio e a ponte um elo entre as duas cidades	22
Foto 2	Barcas de figura	82
Foto 3	O movimento no cais	84
Foto 4	Remeiro na proa da barca	88
Foto 5	Menina sertaneja na beira do Rio	89
Foto 6	Vapor ancorado no cais	93
Foto 7	Crianças na margem do Rio	95
Foto 8	Lembrança da navegação	98
Foto 9	Lembrança simbólica	99
Foto 10	Águas que remansam	100
Foto 11	Porto de lenhas	101
Foto 12	Marinheiro carregando lenha	103
Foto 13	casa da saudade	124
Foto 14	Travessias da infância	125
Foto 15	Águas meninas	126
Foto 16	Espaço da infância reinventado	127

LISTA DE DESENHOS

Desenho 1	O Rio e a vida se desenhando	112
Desenho 2	O percurso navegável do Rio em todos os portos de paradas	113

LISTA DE MAPA

Mapa 1	Percurso da navegação do Rio São Francisco de Pirapora-MG a Juazeiro BA.	16
--------	--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 ENTRE O MURMÚRIO DO RIO E O DESPERTAR DAS LEMBRANÇAS	19
1.1 Olhares sobre o Rio	19
1.2 Tecendo os fios para a construção da pesquisa	23
1.2.1 O contar	29
1.2.2 O lembrar	32
1.2.3 Lembro e sinto a um só tempo	36
1.2.4 Memória individual ou coletiva?	39
1.3 O São Francisco como espaço social	40
2 O OLHAR DO VIAJANTE ESTRANGEIRO	48
2.1 A chegada de uma gente estranha	48
2.1.2 A viagem e a pesquisa	50
2.2 O viajante e o sertão de Minas	54
2.2.1 A natureza e o sertanejo	59
2.2.2 A influencia da música e da religião	62
2.3 Uma barca no São Francisco...	66
3 MARGENS ESCRITAS: <i>per-cursos</i> de águas e vidas	72
3.1 O Rio e a vida	72
3.2 Travessia: da barca para o vapor!	74
3.2.1 Sr. João de Félix	75
3.2.2 Movimentos de águas e vidas	80
3.2.3 <i>Um rosário na mão</i>	84
3.2.4 <i>“A vida era assim, menina, tudo muito difícil, tudo muito devagar”</i>	87
3.3 A chegada do Vapor	92
3.3.1 Os espaços do vapor	100
3.3.2 No caminho do rio: um porto do Sagrado	104

3.3.3	Intervalos: “ <i>em cada porto era uma mulher</i> ”	107
3.3.4	“ <i>O olho que ia construindo a estrada de água que a gente passava</i> ”	109
4	ÁGUAS PRIMEIRAS	115
4.1	Encontro de tempos e águas	115
4.2	São Francisco meu destino	128
4.3	Um porto afetivo	131
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
	REFERÊNCIAS	138

INTRODUÇÃO

Trago nas mãos uns fios de água que apanhei das memórias do rio... Me ponho a tecer lembranças...

Lá estamos nós, Carlos Brandão e eu, numa manhã de sol quente no sertão, sentados diante das águas do Velho Chico, em Pirapora-MG. Faz muito calor! Acho que era janeiro, nessas beiras de rio.

Numa conversa sobre a vida, surge a pesquisa... Foi assim que tudo começou... A beira do rio diante de uma paisagem de sons de águas sertanejas.

Estávamos a fiar geografias... Entre palavras e silêncios, brota a idéia, nasce um convite, para pesquisarmos juntos as sedutoras águas do Rio São Francisco, e começamos a tecer, em nossos pensamentos, como que num entrelace de linhas, o que seria uma pesquisa barranqueira.

Foi aí que ouvi, pela primeira vez, falar em Gaston Bachelard, em suas “águas e sonhos” e de sua “poética do espaço”. Pelas mãos de Carlos Brandão, um antropólogo e poeta, chegava a mim uma geografia de intimidades.

Ali diante das águas do rio, numa primeira conversa sobre pesquisa, os saberes da antropologia e da filosofia já haviam tocado os meus saberes geográficos. Descobria que o meu próprio “viver barranqueiro” já era uma forma de fazer geografia. E foi por essa linha de uma geografia de vida, que nos interessamos em pesquisar pessoas ligadas ao Rio. Os vaporzeiros e remeiros do Rio São Francisco.

Influenciada pelo próprio antropólogo, nestas mesmas beiras de rio, entre tantas outras conversas de vida e de trabalho, descobri que podia viver e sonhar uma pesquisa acadêmica. Isso me fascinava...

Por meio dele comecei a ler mais poesias, a ouvir mais músicas, a ler romances, e tentar encontrar, nessas leituras, um “viver geográfico”. Pois “é preciso aprender com a “lente da arte” e ampliar o conhecimento através do “ olhar geográfico”(GRATÃO, 2002, p. 79). Na procura desse

“viver geográfico” me via à procura de mim mesma, me descobrindo, me redescobrindo enquanto pesquisadora e enquanto geógrafa. Comecei a perceber que esse “viver geográfico” estava presente em todos os cantos e recantos do meu espaço vivido, nas rodas de conversas com os amigos, na minha relação com o rio, nas aulas da universidade, nas reflexões de autores que lia. “Pois cada coisa tem sua geografia” (DELEUZE, 1992, p. 47). Uns fragmentos de geografias... Assim comecei a traçar imaginariamente, um desenho, tentando entrelaçar os meus “viveres geográficos”.

Na beira do Rio, nascia um projeto de pesquisa e um projeto de vida. Me lembro que dois cadernos recebi de presente, um para anotações de pesquisa e um outro para diário de campo. No diário de campo fui orientada a escrever todas as minhas sensibilidades geográficas, as descobertas, as angústias, as dúvidas que fossem surgindo durante o acontecer da pesquisa. Na paisagem dessa lembrança, uma única palavra, “encantamento”, para definir esse começo de vida como pesquisadora. Estava completamente encantada diante daquilo tudo, daquela conversa toda, daquela idéia. A minha intuição já dizia naquele momento, que um novo ciclo de águas e vidas se iniciava.

Assim aconteceu... por muitas vezes, sozinha, voltei a me sentar na beira do rio. Lá estava eu a meditar sobre a minha vida, a meditar sobre a vida das pessoas que pesquisava. Não sabia ao certo como escrever sobre isso. Mas segui entrevistando, conversando com as pessoas que encontrava.

Busquei, nas águas do próprio rio, inspiração para compor a pesquisa. Passei a observar o rio, a vivê-lo, mais intimamente. O rio não é apenas água, “é a voz da vida, a voz do que é, do eterno devir” (HESSE, 2004, p. 128). Estaria eu a procurar uma resposta nas águas do Rio? As caminhadas, em fins de tardes, foram se transformando em rituais. O cenário beiradeiro enchia os meus olhos com as cenas do pôr-do-sol, caindo sobre as águas, para além da linha do horizonte. Um pescador que lança sua rede dentro do rio. Um casal de namorados. Um barqueiro... Um teatro barranqueiro... “O Rio” (cenas, músicas, poesias, falas, imagens... e ... paisagens...)” (GRATÃO, 2001, p.5)

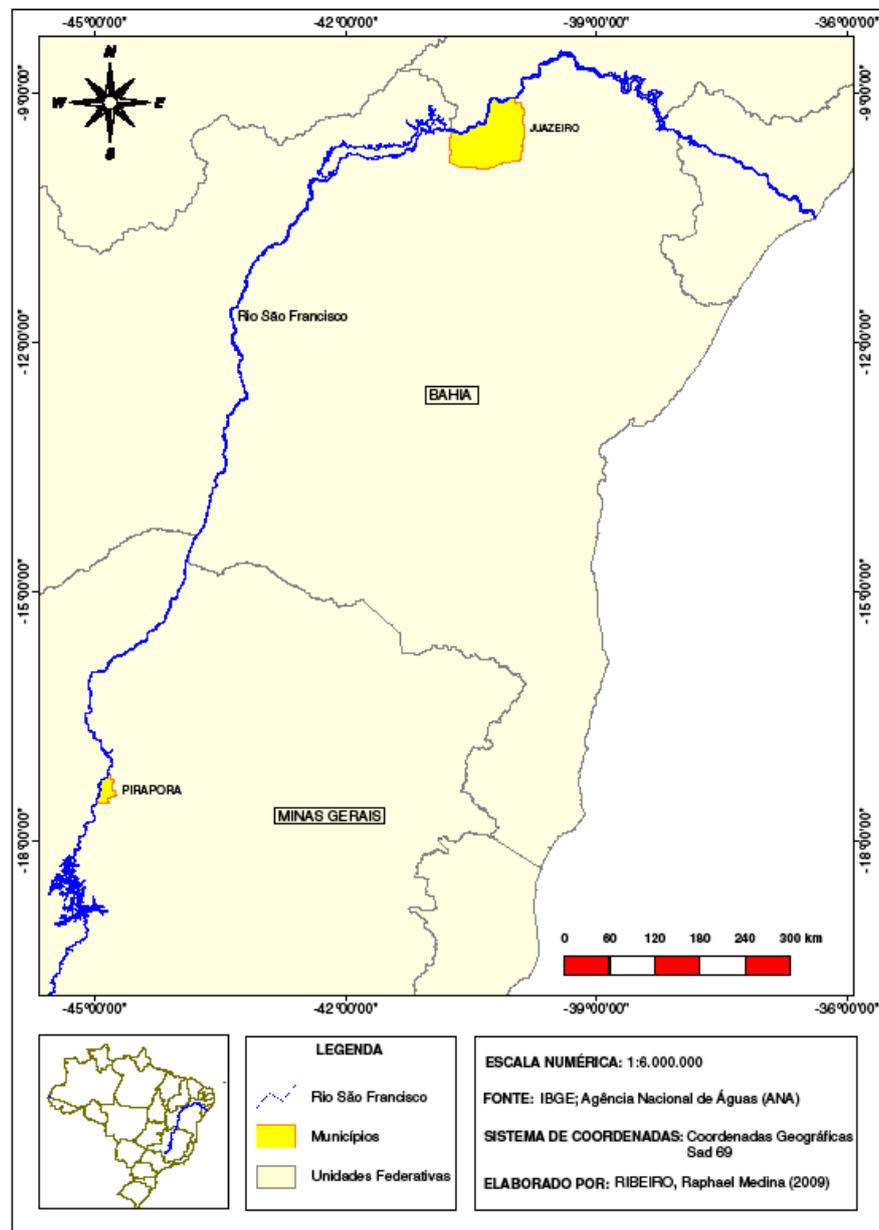
Muitas vezes, ali mesmo, diante do cais, eu encontrava algum vaporzeiro antigo, ou um pescador. E ali, despreziosamente, iniciávamos uma conversa sobre histórias e estórias do Rio.

Fui descobrindo um rio real e imaginário, um rio místico. Um rio que se re-inventa em cada pessoa... Um rio de muitas viagens... Um rio interior...

A Geografia me levou a perceber que a nossa casa é onde o nosso corpo está, como nos ensina o professor Carlos Brandão; “aqui estou, aqui eu faço o meu lugar”. Nesse “estar em Pirapora”, diante das águas do Rio São Francisco, fui construindo o meu lugar. Percebi, ao longo de todos esses anos em que por lá estive, que esse rio, que é um acidente geográfico da natureza, configura a vida das pessoas, na arte, na musicalidade, nas suas tradições, com seus rituais e crenças. Nas águas do rio, homens e mulheres vão desenhando suas histórias de vida.

Assim, fui desenhando a minha história de vida e de pesquisa nas águas, estabeleci, com o rio, uma relação de identidade e intimidade. Uma aliança foi criada entre nós, um elo de amor, uma *Topofilia* (Yi-Fu-Tuan). E é por meio de uma geografia dos afetos que me vejo envolvida pelo Rio São Francisco e pelos meus informantes de pesquisa, os antigos trabalhadores dos vapores e das barcas, vaporzeiros e remeiros do São Francisco. Que percorriam o rio por meio de embarcações grandes, levando pessoas e mercadorias, de Minas Gerais à Bahia. É como “homens do Rio”, que os vejo, conhecedores das águas, cartógrafos das águas, que, em suas travessias, iam traçando vidas, cartografias barranqueiras. Pelo rio iam remeiros e vaporzeiros seguindo em suas barcas e vapores desenhando o rio, traçando geografias na travessia de Pirapora-MG a Juazeiro-BA (Mapa 1).

Tal como o destino do rio é chegar a algum lugar, esses homens tinham um objetivo, precisavam trabalhar, ganhar o pão de cada dia, para as famílias que ficaram numa outra beira do rio. E para trabalhar era preciso viajar pelo rio afora, por longos e muitos dias, distantes de casa e da família. É esse viver em percurso que iremos, trazer neste trabalho. Contar um pouco, por meio da memória desses homens, a vida que girava em torno dessas viagens e das águas.



Mapa 1- Percurso da navegação do Rio São Francisco de Pirapora-MG a Juazeiro-BA

Vejo que nestes homens do Rio, e em mim, é o sentimento de afeto que temos pelo Rio, que nos aproxima. Os relatos, os depoimentos, foram narrados com profunda emoção, embora talvez não tenha conseguido, nas palavras, transmitir a intensidade dos sentimentos. Em nossos encontros, o rio era revelado a mim, não somente a poder de palavras desses homens, mas também por meio de seus olhares expressivos, de suas emoções, de vozes que alteravam os seus ritmos. Imagens de momentos que são invisíveis aos olhares da leitura, mas que estão tecidos nas entrelinhas da escrita.

E é por esse sentimento invisível aos olhos, o afeto, que só pode ser sentido quando evocado, recordado, que me vejo envolvida pelas suas histórias de vidas, por suas lembranças. A memória habita um lugar em curso, em que, o movimento se dá em espaços e tempos outros. Escolho o prazer de compartilhar. Como num ato de compartilhar o pão, partilho as lembranças, as histórias que ouvi sobre o Rio. Envolvendo-me com cada palavra, com cada olhar, deixando misturar, nas narrativas, as minhas percepções, os meus afetos, os meus sentimentos. Assim construímos juntos, eles e eu, histórias novas.

Quando nos propomos a ouvir e contar histórias, o mais bonito desse processo todo é uma rede de solidariedade que é tecida. Essa troca de percepções e sensações é um re-inventar histórias, um re-inventar vidas. Quando ouvimos, somos tocados pelo outro que conta, e quem conta se sente tocado porque, de certo modo, toca o outro com a suas palavras. E assim se tece a rede infinita da vida.

Desejo que as nossas histórias, desenhadas aqui, neste trabalho, desperte em você que lê uma vontade de seguir viagem conosco, por essas águas da lembrança, entrelaçando nas linhas as suas histórias e as suas percepções.

Juntos Carlos Brandão e eu, pensamos a estrutura da dissertação em quatro capítulos, tecidos da seguinte forma: No primeiro capítulo, justificar-nos-emos dentro da Geografia, sob esse olhar sensível de uma geografia da vida, do viver e conviver com os espaços e lugares. Nele estaremos trazendo o referencial teórico, com idéias de pensadores de diversas áreas do saber, como a Sociologia, a Filosofia, a Antropologia, a Geografia e a Literatura, que fundamentaram a pesquisa durante todo o seu desenvolvimento, definindo conceitos como espaço, lugar, memória, lembrança, cultura, para uma compreensão mais consolidada sobre o tema. Nele estaremos

apresentando todo o caminho utilizado para a construção da dissertação, as experiências em campo, as leituras, os autores que nos influenciaram.

No segundo capítulo, trataremos as percepções dos viajantes estrangeiros que passaram pela região do Sertão Mineiro, nos lugares de proximidades com o Rio São Francisco. Descrevendo os espaços vividos do homem sertanejo e barranqueiro, no século XIX. Percebendo, em suas descrições, como outras pessoas, de um tempo mais distante, viviam nas margens desse rio e desse sertão.

No terceiro, contaremos a viagem de trabalho pelo rio, por meio das lembranças dos vaporzeiros e remeiros. Trataremos também, autores que descrevem o espaço vivido do tempo em que o Rio São Francisco era navegado por barcas e vapores. Optamos por deixar uma das histórias de vidas completa, a do Sr. João de Félix, por ser ele o mais velho deles e o que mais trabalhou em viagens pelo rio, por ter acompanhado a travessia de barcas (movidas por velas, remos e varejões) e por ter feito a travessia de barcas para vapores e de vapores para os empurradores (embarcações movidas a diesel).

No quarto é ultimo capítulo, trataremos as minhas memórias, as minhas primeiras águas. Onde busco no rio do tempo, as minhas lembranças de infância, as minhas águas da infância. Pois, por um certo ângulo, elas influenciam, de alguma maneira, as águas franciscanas. São essas águas pequeninas que deságuam no rio maior, o São Francisco. O objetivo deste capítulo é tentar traçar uma geografia dos afetos, uma geografia evocada pela lembrança.

1 ENTRE O MURMÚRIO DO RIO E O DESPERTAR DAS LEMBRANÇAS

1.1 Olhares sobre o rio

Quando olhamos para o rio, a beleza que nos chega aos olhos está na água que corre para o seu destino. Se os nossos olhos fazem com que o rio e as suas águas tornem-se espaços e cenários cheios de significados e logo eles interferem com as nossas paisagens interiores que, num remexer vivo, tocam o nosso imaginário, re-significando as nossas geografias interiores e exteriores a nós. Os lugares, as paisagens, os espaços se entrelaçam com a vida que vem do rio a nós, em seu acontecer.

O Rio São Francisco aqui será considerado espaço social, como lugar de vida e trabalho. São diversas as formas de habitar um rio. Por exemplo, uma delas é a de quem vive do rio, como os pescadores, os remeiros, os vaporzeiros etc, trabalhadores do rio que estabelecem uma relação diretamente utilitária, embora também ela possa vir a ser, também afetiva e simbólica. Outra é a de quem vê o rio com um olhar direcionado para o simbólico, atravessado pela subjetividade, como músicos, poetas, artistas, artesãos. Diferentes pessoas que representam o rio em águas da poesia, do imaginário, da memória e do sentir.

O filósofo pré-socrático Heráclito lembra que não se pode banhar por duas vezes no mesmo rio, porque nem as águas nem os seres que se banham serão mais os mesmos. Ocorre neles uma transformação, entre as águas que vão com a corrente do rio e os homens que se transformam com a corrente do tempo e da vida que pulsa. Podemos então pensar a vida dos lugares como a vida das águas? As águas não serão as mesmas e os lugares não serão os mesmos para as diversas pessoas que o habitam? Uma transformação contínua acontece.

Assim como é a vida de um rio pode ser a vida de um lugar, como uma casa, por exemplo, um lugar cheio de sons, movimentos, cheiros, cores. Um rio que nasce, cresce e morre. Um rio que corre. Um lugar, nasce, ganha vida e identidade com o correr do tempo e morre também. Um lugar pode ter vários significados para as pessoas que passam por ele, assim como as águas de um rio. Um rio pode ser sentido e vivenciado em diferentes valores por diferentes

peças que habitam as suas águas, por anos, por dias, por uma noite ou um dia apenas, por algumas horas. Isso faz do rio, um lugar de vida, um lugar em movimento, um lugar em caminho.

Os lugares podem ser os mais variados possíveis, a sombra de uma árvore, uma praça, uma casa, um rio, são todos lugares, o que os torna diferentes são as nossas formas de habitar. Habitamos em terra, ar e em água. Um piloto de avião, por exemplo, passa grande parte do seu tempo, pelos ares no espaço do avião. Os pescadores do rio passam um bom período de suas vidas nos espaços das águas.

Habitar os espaços dos vapores ou barcas, moradas que flutuam sobre as águas, é um habitar em fluxo, em correnteza. Gaston Bachelard, no segundo capítulo do seu livro, “A poética do espaço”, se vê seduzido por um “devaneio do homem que anda, um devaneio do caminho” (Bachelard, 1974, p. 362). Um devaneio que revela um contraponto necessário, que o habitar não se restringe apenas a um ponto fixo no espaço, a uma dimensão de repouso. O exemplo da casa, que o próprio filósofo utiliza como metáfora para sonhar e delinear o espaço geográfico, a casa de madeira, ou de tijolos, é fixa, não se move do chão, a não ser por vias da nossa imaginação. Somos nós que, com nossos corpos percorremos os caminhos, saímos de nossas casas, às vezes retornamos, às vezes não, outras vezes mudamos de casas.

Por exemplo, percebo os vapores do Rio São Francisco como uma morada do caminho e, no tempo da navegação pelo rio, não era apenas por algumas poucas noites ou dias que os condutores dessa casa habitavam os seus espaços. Passavam 40 dias dentro de uma casa que flutuava sobre as águas e 20 dias numa casa fixa, em terra. Na verdade, o corpo e a casa se entrelaçam, o corpo que, com a sua força, conduz o barco e faz o caminho, o barco que abriga o corpo a caminho. O corpo e a casa, entre idas e vindas, a caminho.

É para esse rio a caminho, que corta sertão adentro, que direciono o meu olhar e a minha percepção, sob a influência de uma geografia que acontece no dia a dia. Esse Rio de São Francisco, que é uma grande casa, onde poeticamente habitam homens e mulheres ribeirinhos. “Poeticamente habita o homem”, são palavras extraídas de um poema de Holderlin, em que Hegel reflete sobre a verdadeira essência do habitar. Segundo o filósofo, o habitar vislumbra o traço da presença humana. Uma poesia que está na relação estabelecida entre os homens e a terra, um construir de vidas. O homem, ao habitar, constrói, poeticamente, a sua história, mostrando-se

digno de muitos méritos. “O homem que cuida do crescimento das coisas da terra e colhe o que ali cresce”. (HEIDEGGER, 2001, p. 168)

Nesse sentido, poeticamente homens e mulheres habitam o “Rio São Francisco”, na medida em que constroem suas relações de vida com ele. O peixe que se pesca em suas águas, os banhos de rios que abrigam os corpos encalorados, os rituais sagrados, a paisagem bonita que pode ser um acalanto para uma alma inquieta, um cenário para uma paixão, o trabalho no rio que sustenta muitas famílias.

Tentarei descrever, à minha maneira, em poucas linhas, como é a paisagem do Rio São Francisco que vejo diante do cais em Pirapora-Norte de Minas, para que o leitor possa imaginá-la.

Nos meses de julho a setembro, suas águas são claras e esverdeadas. Mesmo sendo esse um período de secas, o rio se constitui num dos mais belos cenários do sertão norte mineiro. Com o povo barranqueiro e sertanejo vivendo nas suas margens, ele é protagonista de uma vivência rica em símbolos, mitos, tradições, lendas, cantigas, danças que vão tecendo cenas bordadas da história e da geografia do velho Chico.

De outubro em diante, começam as primeiras chuvas, e o rio ganha outras formas, outras cores, outros cheiros, outros sons, quando se inicia o período da cheia das águas. Lembrome, que em janeiro de 2007, a água chegou ao cais. Uma imensidão em águas barrentas, quando o rio respondia aos sinais da natureza. Moradores das ilhas dentro do rio tiveram que sair de suas casas, pois o São Francisco pedia passagem. No cais, homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e velhos, todos estavam lá, em olhares extasiados, admirados, rostos expressivos diante do rio, que se mostrava imponente e forte.

No lugar onde pesquiso, as águas do São Francisco dividem duas cidades do Norte de Minas Gerais: Pirapora e Buritizeiro. Entre as duas margens, existe uma ponte centenária de ferro (Foto 1), a Marechal Hermes, utilizada, durante muitos anos, pelo transporte ferroviário. A ponte é um elo de comunicação entre os dois municípios. Trago esta ponte como referência de um mapa mental que tento desenhar agora, na memória, para exemplificar como as águas se alternam.



Foto 1- **O rio e a ponte um elo entre as duas cidades.** Na margem direita do rio está Pirapora e na margem esquerda Buritizeiro-MG. O rio como divisor de lugares.
Autor: Eliza Cotta Araújo (julho/2007)

Por baixo desta, ponte o rio tem, pedras e muitas corredeiras, em seus movimentos de águas que cantam e dançam. Logo mais adiante, ele junta areias, formando praias de águas doces com areias claras, transformando o espaço barranqueiro do sertão em diferentes cenários de beleza e de diversão de beira-rio. A meninada brincando dentro da água, as moças em banhos de sol, os garotos jogando futebol, pessoas reunidas conversando. Seguindo rio abaixo, rumo ao norte, quase na saída da cidade de Pirapora, deixando pedras e corredeiras, as águas vão suavizando o seu correr. Onde havia areias e pedras, tudo se transforma em um caminho manso de águas profundas. É possível em determinadas passagens do ano, ver o verde das árvores do cerrado refletido nas águas, e o brilho do sol bailando sob o silêncio do rio, que corre e desce em direção ao Norte.

É no cenário da cidade de Pirapora que começo a minha viagem, por um rio de leituras e interpretações. O São Francisco, aqui, começa a ser navegável. Os vaporzeiros e remeiros antigos trabalhadores do rio, senhores de um outro tempo, onde o rio era a travessia, a estrada transportando gentes e cargas de Minas à Bahia, serão os meus companheiros, nessa viagem. Eles

me revelarão segredos, mapearão o caminho das águas, recriarão um rio real e interior com seus desafios, seus mistérios, e mais o trabalho nos vapores e nas barcas, a vida dos homens das águas relatada através de suas lembranças. E as lembranças tecendo um sentido de vida e um sentido de mundo que o São Francisco imprimiu no imaginário de cada um deles. E assim, juntos, vamos costurar uma nova história, entrelaçando lembranças, e percepções novas e antigas. Memórias, imagens e idéias do rio que dão corpo e sentido a esta dissertação de mestrado.

Divago agora com o meu imaginário e convido o leitor a navegar comigo. Imaginemos uma roda de idéias, entre autores, vaporzeiros, leitores, e eu que leio, escuto e escrevo, todos nós em um dialogo harmônico. Onde os nossos saberes, não serão somente um simples contato sobre o assunto que nos une, mas o esboço de uma nova concepção do saber, que se estabelece por meio do encontro e do diálogo dos saberes diversos. Que as ciências e os saberes populares possam conversar uns com os outros! Que o Rio chegue até nós, num dialogar fecundo e profundo, como as suas águas.

1.2 Tecendo os fios para a construção da pesquisa

Há uma idade em que se ensina o que sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar (BARTHES, 2004, p. 47).

Como as cantorias, que aconteciam nas noites do vapor, acompanhadas do som da viola e da rabeca¹, que davam um toque de leveza na viagem demorada e longa, buscamos, na literatura, uma companheira de viagem, por essas águas pesquisadas, uma inspiração para um mergulho um pouco mais profundo, em busca de uma geografia poética, de uma geografia de sensações, de afetos, de percepções. É em Roland Barthes que me apóio para dizer que a literatura é uma boa forma de compreensão de uma realidade vivida. Na Literatura está a Geografia, com seus espaços e lugares, suas paisagens, em seus diferentes modos de viver, sentir e perceber, “é real porque é literatura, todas as ciências estão presentes no instante literário”

¹ A Rabeca é um instrumento feito de madeira, de cabaça ou de bambu e o número de cordas também varia podendo ter três, quatro ou cinco cordas. É um instrumento de arco de origem árabe que se assemelha ao violino. Ele é utilizado no Brasil em festas populares desde os tempos da colonização.

(BARTHES, 2004 p.18). Ao ler Roland Barthes, o semiólogo francês, em seu livro “Aula”, vejo que a literatura faz os saberes girarem, não fixa e nem fetichiza nenhum deles.

Porque ela encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da flexibilidade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático (BARTHES, 2004, p.19).

Ela consiste num teatro da linguagem que encena e ensina, onde, em todos os espaços, as palavras possuem sabor. Roland Barthes nos revela, que num romance como Robinson Crusoe, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). A literatura é uma fonte de muitos saberes, onde descobrimos o real por meio do imaginado.

Foi por caminhos literários que vim compreender a essência da realidade sertaneja, do lugar em que cresci e vivi, por muitos anos. Ao ler o Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa, ao acompanhar o jagunço Riobaldo, narrando cenas e cenários sertanejos, em suas poéticas geografias, ao descrever os rios, os riachos, os pássaros, o céu do sertão, os Buritis que se olham no espelho das águas das veredas, aprendi que para além de um sertão físico, há um sertão interior que vive dentro da gente, sertão dentro de mim, que me faz enxergar a beleza e a sensibilidade que existe na terra vermelha, no sol que brilha forte aquecendo o dia; nas suas árvores retorcidas, mostrando que há vida entrelaçada em todos os cantos.

João Guimarães Rosa tinha um verdadeiro fascínio pela ciência geográfica, tanto que ele mesmo reconheceu ser um “velho admirador” e “velho amoroso” da Geografia, assumindo-se assim, ao tomar posse, no dia 20 de dezembro de 1945, do cargo de sócio titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Devo explicar-me. De início, o amor da Geografia me veio pelos caminhos da poesia – da imensa emoção poética que sobe da nossa terra e das suas belezas: dos campos, das matas, dos rios, das montanhas; capões e chapadões, alturas e planuras, ipuêiras e capoeiras, caatingas e restingas, montes e horizontes; do grande corpo, eterno, do Brasil. Tinha que procurar a Geografia, pois. Porque, «para mais amar e servir o Brasil, mistér se faz melhor conhecê-lo»; já que, mesmo para o embevecimento do puro contemplativo, pouco a pouco se impõe a necessidade de uma disciplina científica. Desarmado da luz reveladora dos conhecimentos geográficos, e provido tão só da sua capacidade receptiva para a beleza, o artista vê a natureza aprisionada no campo punctiforme do momento presente. Falta-lhe saber da grande vida, envolvente, do conjunto. Escapa-lhe a majestosa magia dos movimentos milenários: o alargamento progressivo dos vales, e a suavização dos relevos; o rejuvenescimento dos rios, que se

aprofundam; na quadra das cheias, o enganoso fluir dos falsos-braços, que são abandonados meandros; a rapina voraz e fatal dos rios que capturam outros rios, de outras bacias; o minucioso registro dos ciclos de erosão, gravado nas escarpas; as estradas dos ventos, pelos vales, se esgueirando nas gargantas das serranias; os pseudópodos da caatinga, invadindo, pouco a pouco, os «campos gerais», onde se destrói o arenito e onde vão morrendo, silentes, os buritis; e tudo o mais, enfim, que representa, numa câmara lentíssima, o estremunhar da paisagem, pelos séculos² (ROSA, 1946, p.96, 97).

Foi com João Guimarães Rosa, pela poética da sua escrita literária, que pude compreender melhor as possibilidades experimentais, poético-estéticas, do homem do sertão, com seu mundo, misturando na literatura os espaços de realidade e ficção.

Pela literatura e pela poesia, chega até nós, uma geografia mais próxima da realidade, um “geo-grafar o cotidiano”, onde o espaço é preenchido de materialidade e significado. Uma geografia que traz, para o território, cheiros, sons, texturas, cores, sentimentos, lembranças, tramas, dramas, sabores... Sensações e percepções do nosso viver no mundo.

Na sensibilidade da linguagem da arte e da literatura, conheci novos caminhos para produzir e ler outros estilos de trabalhos, com características mais pessoais, abertos a uma interação intersubjetiva entre o pesquisador e as pessoas com quem ele trabalha. Estilos que incorporam uma diversidade de linguagens a uma mesma atividade de pesquisa, estilos usualmente mais ousados e sugestivos, do ponto de vista da integração entre o rigor científico e a expressão pessoal de criatividade. Assim, permito-me navegar por caminhos de interpretações fluídas e líquidas, com espaço para a descrição de fenômenos, percepções e sensações em torno da realidade vivida. Deixando-me envolver por esses “territórios alternativos”, como ensina o professor Rogério Haesbaert.

É uma nova geografia que há que inventar, rompendo ainda divisórias entre disciplinas, com geógrafos abertos à literatura e à arte e homens de letras a par da geografia. As especializações atuais progridem muito pouco neste sentido. Em última análise, a pedagogia do espaço deve ser criativa. [...] sobretudo quando se impõe como objetivo a elaboração de documentos de síntese que fazem apelo a uma certa imaginação, ao mesmo tempo que ao espírito de análise. Mas é preciso ir mais longe, incitar à crítica do que existe, recusar a ordem do “standard”, suscitar a elaboração de projetos que dêem aos lugares habitados, aos espaços de reunião, às regiões a viver, as cores e as formas, as

²Ao tomar posse, no dia 20 de dezembro de 1945, no cargo de sócio titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (Tomo LIII, 1946, p. 96-7) afirmou que sua paixão pela Geografia “veio pelos caminhos da poesia” e descreveu sua emoção pela beleza das terras brasileiras. Foi mantida a ortografia original do pronunciamento.

necessidades e os sonhos das imaginações jovens. Descobrir o espaço, pensar o espaço, sonhar o espaço, criar o espaço...(FRÉMONT, 1980 apud HAESBAERT, 2002, p.157)

Como um rio que, no correr de suas águas, recebe e acolhe tantas outras que encontra pelo caminho, riachos, riachinhos, rios e riozinhos, todas elas se juntando, se somando, virando um único caminho de águas que correm rumo ao mar, tantas águas encontro pelo caminho, tantas leituras, tantos autores que me inspiram, que me influenciam. Dentre elas uma geógrafa e poeta, a professora Lúcia Gratão, que me apresenta as águas de um outro rio, o Araguaia. “A Poética d’ O Rio – Araguaia! De Cheias... E... Vazantes... (À) Luz da Imaginação”.

Ao ler as margens escritas, de Lúcia, realizo uma bonita travessia imaginária pelas barranqueiras águas do Araguaia. O seu trabalho representa, para mim, ousadia geográfica. Uma geografia embebida em águas de arte e poesia, indo às profundezas das águas, mostrando um rio de muitas vozes, um rio que ensina, um rio generoso, um rio de amor, um rio que chora e ora.

Que possamos dialogar as geografias, como ensina Lúcia, em sua “geo-poética”. A sua tese de doutorado é na Geografia Física, embora siga a corrente humanística da Geografia. Vejo que os aspectos físicos geográficos falam, por meio de sua poesia, de uma Geografia que se torna física, humana e poética, a um só tempo. Ela faz com que as águas se misturem, alinhando o físico e o humano, o estético e o poético, o real e o imaginário, num processo de intimidade, ao descobrir o Rio Araguaia. Trabalhos como esse fazem com que eu me sinta inspirada e motivada para seguir pesquisando. É de um cuidar que as nossas pesquisas acadêmicas necessitam, um cuidar das palavras, um cuidar ao pesquisar. É preciso que haja um namoro com o que se faz, foi preciso “um namorar o rio”, revela Lúcia.

Saio em busca d’ “O Rio” por caminhos poéticos (à) luz da imaginação – da representação imagética e simbólica com o propósito de trazer “ O Rio” no sentido de despertar em cada um de nós a alegria de viver e de lutar por um mundo melhor, mais amoroso e solidário. Onde a educação e a cultura possam (con) fluir no campo da geografia para construir um canal de convergência geopoética. E no trabalho de construção desse canal, a correnteza se orienta em busca das águas da vida... (GRATÃO, 2002, p.4)

Na sua travessia pelo Rio Araguaia, ela se deixa tocar por uma geografia que é sentida, uma geografia que afeta porque tem afeto. O tempo todo ela nos convida a um exercício de sensibilização, de sentir a vida pulsando, de sentir os pés que tocam o chão, de sentir a água do rio, a água que é bebida, a água em que se banha, a água que é poesia, a água que oferta vida e

que é vida. O Rio que é sentido por Lúcia é olhado por lentes de afetos, de sentimentos, da sua própria vida, enquanto geógrafa e enquanto ser humano, que se entrelaça à vida das pessoas que ela encontra, durante o caminho do rio. Me lembro agora de duas palavras de Deleuze, em sua Geo-filosofia “perceptos” e “afectos”. Como fez a pesquisadora Lúcia, sigo também registrando os meus “perceptos” e “afectos”, sobre o Rio São Francisco. Acredito que esse seja o sentido vivo de uma geografia, o sentir, que acontece por meio de nossas percepções e sentimentos. Citado por Lúcia, David Lowenthal geógrafo humanista, explica melhor do que eu essa idéia:

Cada imagem e idéia sobre o mundo é composta, então, de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória. Os lugares em que vivemos, aqueles que visitamos e percorremos, os mundos sobre os quais lemos e vemos em trabalhos de arte, e os domínios da imaginação e de cada fantasia contribuem para as nossas imagens da natureza e do homem. Todos os tipos de experiências, desde os mais estreitamente ligados com o nosso mundo diário até aqueles que parecem remotamente distanciados, vêm juntos compor nosso quadro individual da realidade. A superfície da terra é elaborada para cada pessoa pela refração através de lentes culturais e pessoais, de costumes e fantasias. Todos nós somos artistas e arquitetos de paisagens, criando ordem e organizando espaços, tempo e causalidade, de acordo com nossas percepções e predileções (LOWENTAL 1982, apud, GRATÃO 2002, p.141).

Para cada um de nós, o rio assume um significado, que se re-significa ao longo da vida, pela forma em que nos relacionamos com ele por meio de uma “Geograficidade”, “que é a relação que necessariamente temos com o mundo através dos espaços, paisagens e lugares que encontramos nas nossas vidas diárias”. (GRATÃO, 2002, p. 37 apud Relph, 1979, p. 22). Assim existe um rio, que é da Lúcia, um outro que é dos vaporzeiros, um outro da Joyce... rios sentidos... rios infinitos...

É desse espaço geográfico, onde poeticamente habitam homens e mulheres, que tento me aproximar, de uma Geografia embebida de arte e poesia. Na leitura do Rio Araguaia, que poeticamente é apresentado pelo olhar da professora Lúcia, vim a conhecer outros geógrafos humanistas, o que me leva a pensar que esse saber geográfico embebido de arte e a poesia, não faz parte de geografias tão recentes assim; há, outros geógrafos que nos antecederam, e nos deixam referências e exemplos a serem seguidos. Geógrafos humanistas entre eles: David Lowenthal, Eric Dardel, Anne Buttimer e outros.

A idéia de uma geo-poética do Rio São Francisco não é nada nova, nenhum método foi criado com isso. Buscamos apenas dialogar a Geografia com outras fontes de saberes, com o

objetivo de significar este trabalho, uma forma de dar sentido às águas vividas desse Rio, por meio das pessoas que convivem com ele. Por isso uma aproximação com autores que nos ensinam sobre esta geografia do “sentir” e “perceber” o espaço vivido.

Acredito numa “ciência autobiográfica”, tal como ensina Boaventura de Sousa Santos, em seu “discurso sobre as ciências”, onde a nossa trajetória de vida pessoal e coletiva (enquanto comunidade científica) e os nossos valores, nossas crenças são provas íntimas do nosso conhecimento. E eles influem diretamente nas nossas pesquisas laboratoriais e de campo. “Para isso é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos” (SANTOS, 1987, p.22).

Boaventura de Sousa Santos fala de uma “ecologia dos saberes” (SANTOS, 1987), que consiste num convite ao reencontro com o outro, permitindo que os atores sociais diversos comuniquem-se, em um processo de construção do conhecimento. Sendo esta, comunicação operadora da transformação e da integração das múltiplas percepções e concepções, possibilitando a compreensão das diferentes vozes portadoras dos mais diversos saberes, não havendo imposição de uma voz sobre outra.

É o que Roland Barthes propõe em seu paradigma, ao se referir a linguagem, é um dizer “não” a esta partilha de funções: de um lado o cientista, os pesquisadores, e de outro os escritores, os ensaístas; ele sugere, pelo contrário, que a escritura se encontre em toda a parte onde as palavras têm sabor. E ele assinala para uma peculiaridade, que saber e sabor, etimologicamente, possuem o mesmo significado.

São muitos os geógrafos, filósofos, antropólogos que nos lembram que, em vez de confiarmos unicamente em um modelo de ciência, estamos talvez nos aproximando de autores encontrados na arte, na literatura, na música com todos os seus fascínios e encantamentos. Tal como afirma o sociólogo Roger Bastide.

O antigo mistura-se com o novo. As épocas históricas emaranham-se umas nas outras. (...) Seria necessário, em lugar de conceitos rígidos, descobrir noções de certo modo líquidas, capazes de descrever fenômenos de fusão, de ebulição, de interpenetração, noções que se modelariam conforme uma realidade viva, em perpétua transformação. O sociólogo que quiser conhecer o Brasil não raro deve transformar-se em poeta (BASTIDE, 1959, p.15).

É com esse olhar mais pessoalizado e “autobiográfico” que me volto para os meus atores sociais, os antigos trabalhadores dos vapores e das barcas que, hoje, já aposentados, estarão me revelando as suas memórias de vida no rio, junto com o silêncio que margeia as águas do passado e as águas do presente; misturando, entrelaçando tempos, águas e vidas.

Tentei, assim, seguir pesquisando e vivendo esse rio, que é sentido por águas subjetivas. O rio que corre dentro da gente, assim como o sertão de Guimarães Rosa. O rio do trabalho, o rio do coração, o lugar do amor, da vida.

1.2.1 O contar

“Ah, o prazer perdido das lembranças sem palavras, das evocações sem legenda, dos sentimentos sem um sentido” (BRANDÃO, 1998, p. 101).

Quero lembrar aqui o que me lembro de haver escrito na introdução. Antes de ingressar no mestrado, Carlos Brandão e eu já trabalhávamos juntos, há pouco mais de um ano, com memórias de pessoas que dedicaram toda uma vida a trabalhos no rio. Foi com ele e por intermédio dele, em orientações e leituras sobre pesquisas de campo, que aprendi a chegar às pessoas e começar uma entrevista. A partilhar com eles um pouco do mundo vivido, das suas histórias, das suas emoções que, muitas vezes, chegavam a me emocionar. Nosso objetivo comum era e continua sendo registrar a voz das pessoas, e através delas, a vida e o pensamento desses homens do rio. A princípio, um primeiro número de vaporzeiros foi entrevistado. Dentre eles selecionamos apenas quatro, para um estudo mais detalhado, uma vez que são eles, bons informantes de pesquisa, velhos comandantes do Rio, homens sensíveis, homens de águas, que me acolheram e me mostraram um rio até então desconhecido por mim.

Procurei fazer uma pesquisa de campo detalhada, registrando as minhas percepções diante das falas dos meus sujeitos em cadernos que são, na verdade, “diários de campo”. Fui, neles, tratando tudo de forma bem pessoal, como deve ser de fato um diário, com escritos, poesias, imagens de lugares do rio, desenhos. O diário de campo foi por muito tempo o meu companheiro fiel onde, o lápis e a caneta entre riscos e rabiscos davam vida aos meus pensamentos.

E, assim, tentei mergulhar nessas águas do passado. Tal como um diário de bordo dos vaporzeiros, meu diário de campo são escritos de uma viagem minha, de interpretações minhas sobre as falas. Ao transcrever as entrevistas, seguia fazendo as minhas interpretações e muitas vezes, em meus devaneios, pensava a pesquisa, tentando costurar subjetividade e objetividade.

A metodologia que utilizamos para obter esses “lembrares do rio” é a história oral com foco na memória social do trabalho. As entrevistas, na verdade, consistem em horas de conversas, num prostrar sem pressa, como um remanso de águas calmas de um rio. A nossa idéia não era a de uma entrevista formal, regida por perguntas e respostas, mas de uma conversa informal, onde houvesse espaço para risadas, brincadeiras. Caminho utilizado por nós para que esse momento de lembranças e revelações fosse contado de uma maneira descontraída, sem cansá-los muito, pois se trata de homens, com idade acima de 70 anos; o Sr. João de Félix, o mais velho deles, está hoje com seus 94 anos.

Segundo Sonia Maria de Freitas (2001) “a História Oral privilegia a voz dos indivíduos, e não apenas dos grandes homens como tem acontecido, mas dando palavra aos esquecidos”. (FREITAS, 2001, p. 51). Todas as pessoas possuem histórias, um camponês, um vaporzeiro, um pescador, um intelectual, uma dona de casa, um artista. E todas elas contribuem para a história do mundo. “Cada um de nós tem o direito de falar de contornos geográficos, de montanhas e desertos(...) carregamos em nossos corações, o mapa do mundo tal como conhecemos”(COWAN, 1999, p. 145). Este mapa interior que carregamos conosco, esse mundo percebido e sentido por nós, como explica: James Cowan em, “ O sonho do cartógrafo” deve ser revelado. E na História Oral os mundos vividos, são revelados pelas palavras. Aprendemos com a palavra que nos é passada pela voz do outro, com a história do outro, com a vida do outro. A História Oral é uma história viva, como define José Carlos Meihy (2002). É o presente que toca o passado, que re-significa a história. Este é seu principal fundamento, a presença do passado no presente imediato das pessoas.

Pelo sentimento de descoberta nas entrevistas, o meio ambiente imediato também adquire uma dimensão histórica viva: uma percepção viva do passado, o qual não é apenas conhecido, mas sentido pessoalmente. Isto se dá particularmente com alguém que acaba de se mudar para uma comunidade ou bairro. Uma coisa é saber que as ruas ou campos em torno de uma casa tinham um passado antes que ali tivesse chegado; bem diferente é ter tido conhecimento por meio das lembranças do passado, vivas ainda na memória dos mais velhos do lugar, das intimidades amorosas por aqueles campos, dos

vizinhos e casa em determinada rua, do trabalho em determinada loja (THOMPSON, 1992, p. 31).

Na História Oral, é toda a subjetividade do diálogo que se materializa em escrita, a voz que me conta a sua história de vida, o silêncio que consiste num intervalo ou uma pausa no meio da conversa, os olhares, a entonação da voz, os gestos do corpo. São todos esses fatores, documentos vivos de escrita. O sujeito, como agente histórico. Trabalhamos o tempo inteiro com a emoção do outro que está diante de mim, com a vida do outro. O que torna difícil o nosso trabalho. Muitas vezes, no meio das entrevistas, me emocionava, saía dali envolvida com tudo aquilo que era revelado a mim. Torna-se difícil colocar, no papel, toda a riqueza desses diálogos, é impossível trazer para a escrita a cena e o cenário, tal como acontecidos no momento. “O essencial consiste em aprender a detectar o que não se está dizendo e a levar em consideração o significado dos silêncios durante a entrevista” (FREITAS, 2001, p. 71).

Quando compartilhamos nossas vidas com outras pessoas, existe uma espécie de troca, entre o ser que conta e o que ouve. Percebo que ambos sofrem um processo de mutação. Eu posso dizer que não sou mais a mesma, porque agora sei e partilho o que os outros me contaram, compartilhando com todos e cada um os seus mundos vividos e sonhados. Quando contamos nossas vidas, enlaçamos o outro. Trazemos o outro para nós. Nem o que conta e nem o que ouve serão mais os mesmos. O que conta porque revela algo de si e da sua vida, e o outro que escuta porque agora sabe o que lhe foi contado e que antes não sabia. Carlos Brandão, em “Memória Sertão” revela sobre a difícil missão de ser “espelho”.

Que quando ouvimos somos o espelho de quem conta “Contando ao outro e dele recebendo em troca, preenche com o fruto da partilha da fala do vazio do sentido, ou porque cabe ao outro, alheio dizer o significado dos silêncios da narrativa” (BRANDÃO, 1991, p. 136).

Para tornar a lembrança compreensível para o ser que lembra e o ser que escuta é necessário que o outro se faça presente. A lembrança não é só uma imagem que fica na nossa memória, por isso é necessária a presença do ouvinte para quem narramos histórias, precisamos que o outro compartilhe conosco o que vivemos e precisamos contar. É necessário um diálogo, um encontro de vidas, um encontro de almas. Acredito nesse caminho, numa perspectiva do encontro, de um diálogo harmônico, de estar em sintonia com o outro. Acredito ainda que, antes de irmos encontrar as pessoas que pesquisamos, devemos nos orientar por essa frase de Carlos

Brandão, “de sermos espelhos refletidos do outro enquanto ouvimos”. O encontro, o diálogo verdadeiro, se dá quando “cada um em sua alma volta-se para o outro de maneira que, daqui por diante, tornando o outro presente, fala lhe a ele e se dirige verdadeiramente” (BUBER, 1982, p. 8).

Ensina Paul Thompson que, para sermos bons historiadores orais, é preciso antes saber ouvir. Quem lembra precisa recontar a sua vida a sua história, as palavras são o sal que dá gosto e sentido às lembranças. “Eu preciso narrar! Preciso de quem me ouça! Pois a lembrança já é a minha vida narrada sem fim para mim mesmo” (BRANDÃO, 1998, p. 101).

Quando nos lembramos de algo, como um fato que nos aconteceu, é como se tivéssemos, na mente, um roteiro de um filme, onde cenas e cenários estão em pleno movimento. Quando contamos estamos vivendo de novo, só que agora com os sentimentos e as sensações de um tempo presente. O contar ao outro nos remete à nossa própria vivência, não porque ele nos explica, mas porque nos redescobrimos, na narrativa. “Existe um reviver no rememorar que não é apenas bom como a boa saudade redita, revisitada a poder de palavras. Ele o reviver na narrativa, completa mais do que o sentido não sabido, completa uma parte da vida ainda não vivida e tão passada” (BRANDÃO, 1998, p. 152).

1.2.2 O lembrar

As pernas, os braços, estão cheios de lembranças embotadas
(PROUST, 1990, p. 12).

Tento viajar por essas águas da memória na companhia de Ecléa Bosi, Maurice Halbwachs, Henry Bergson, Merleau Ponty e Carlos Brandão. São autores que escolho para me acompanharem durante a travessia dessas águas, serão os meus condutores, autores muitas vezes mais especializados no assunto “memória” do que eu, autores que leio e com os quais aprendo, embora algumas vezes ache difícil compreendê-los. No entanto navegar por estas águas misteriosas da lembrança é uma aventura difícil para que eu realize sem a companhia deles, são águas perigosas, para uma navegante de primeira viagem. O caminho da memória é água de rio, que na correnteza segue rumo ao infinito, sozinha me perco nela.

Começo com Carlos Brandão, em “Memória sertão”, em seu dizer que as nossas memórias são o que nos constrói como sujeitos conscientes de nós mesmos, capazes de nos comunicar conosco e com os outros. Nós pensamos os nossos pensamentos, mas a memória revela quem somos nós, as nossas identidades. “Lembrar” refere-se ao de onde se veio. “Antes, com os outros, os meus, minha gente; depois sozinho, minha alma, suas idas, minhas vidas: a de agora e as passadas, o meu eu” (BRANDÃO, 1998, p. 12).

Existem muitos “eus” quando nos lembramos de alguma coisa, por exemplo, no último capítulo, falo sobre as minhas lembranças de infância, no entanto não é a imagem da menina que fui que me reaparece, é a imagem da menina que se mistura à da mulher, as meninas que fui e as mulheres que me transformo. Escrevo sobre a menina num corpo de mulher, com as sensações vividas e percebidas da mulher que sou; o lembrar é um reconstruir momentos vividos. É isso que não devemos esquecer, que a lembrança não reconstrói apenas uma fração do passado, ela se funda cada vez mais em um tempo presente.

É nesse reconstruir “momentos”, reconstruir o “passado” que Maurice Halbwachs sustenta sua teoria, na qual lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com as imagens de hoje. Para ele, a conservação total do passado e a sua ressurreição só seriam possíveis se o adulto conseguisse manter intocável o sistema de representações, hábitos, relações sociais da sua infância, o que é impossível. O passado nunca será o mesmo, pois em nossas lembranças ele não sobrevive exatamente como foi, pois existe um agente transformador que é o tempo, e ele transforma as pessoas em suas percepções, idéias e valores.

O tempo é a essência da memória, o tempo que age sobre o nosso corpo, e que o transforma de menino em velho. O nosso corpo é uma memória que fala por meio de sua imagem. É pelo tempo que os nossos pensamentos envelhecem, é por ele que uma época fica marcada, é por meio dele que nos lembramos de fatos e acontecimentos.

Percebo que é no outono da vida que se vive, de um modo mais intenso, a memória; ao conversar com os velhos que pesquiso, às vezes sinto que a dimensão de suas vidas está atrelada ao passado, revivem o passado no presente. Homens aposentados, o corpo já cansado do tempo, já não possuem a mesma força de outrora, às vezes uma tosse interrompe a conversa, a voz já está trêmula e rouca, mas as lembranças continuam a brotar como água. “Que nos seja permitido viver

enquanto as lembranças não nos abandonarem e enquanto, de nossa parte, pudermos nos entregar a elas” (BOBBIO, 1997, p. 30).

É dessas águas da lembrança dos velhos homens do Rio São Francisco que bebo, para dar vida a um rio do passado. Um rio desconhecido por mim, por outros jovens, por crianças, por muitas pessoas. São eles os guardiões desse rio navegável por meio de vapores e barcas, e são eles os únicos que podem nos contar sobre esse passado vivenciado.

Só o velho sabe daquele vizinho da avó, há muita coisa mineral dos cemitérios, sem lembranças nos outros e sem rastros na terra – mas que ele pode suscitar de repente (como o mágico que abre a caixa dos mistérios) na cor dos bigodes, no corte do paletó, na morrinha do fumo, no ranger das botinas de elástico, no andar, no pigarro, no jeito – para o menino que está escutando e vai prolongar por mais cinqüenta, mais setenta anos a lembrança que lhe chega, não como coisa morta, mais viva qual flor cheirosa e colorida, límpida e nítida e flagrante como um presente (NAVA, 1984, p. 24).

Sabemos que, no jeito de ser de um povo, nos gestos do corpo, na maneira de falar, de arrumar a casa, existe muito das gerações passadas. Carregamos, dentro de nós, as pessoas que nos antecederam. Somos netos do retrato de nossos avós, que estão pendurados nas paredes.

Porém, a velhice é uma fase delicada da vida, a última pela qual passamos. É quando desembarcamos no ultimo porto da viagem por esse rio da vida. No correr da vida existem outras fases, que nos levam a ter crises de identidade também - a adolescência é uma delas. Mas o adolescente vive um momento de passagem, outras fases ainda virão, há ainda muito que se viver. Para o velho não, tudo se dificulta, o corpo cansado que já não consegue subir as escadas direito, o barulho que incomoda, as ruas que se tornam difíceis de atravessar. Eles pedem um cuidado maior por parte dos familiares, que nem sempre estão dispostos a ajudar, não compreendem.

O mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos. Além dos afetos que alimentamos, a nossa riqueza são os pensamentos que pensamos, as ações que cumprimos, as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e das quais somos o único guardião (BOBBIO, 1999, p. 30).

Carlos Brandão, em uma das sete visitas que faz as casas da memória, em “Memória sertão”, segue rumo ao encontro de autores que escreveram sobre “memória e lembrança” para conversar com eles. Em uma dessas visitas ele revela que o velho recorda o tempo vivido do

passado, desqualificando os tempos de hoje. Talvez seja esse um dos indicadores mais difíceis da velhice, o de habitar um tempo presente que já não é mais o seu, e além de velho corre o risco de ficar sozinho.

(...) em nome de um outro, vivido, lembrado e perdido... “que já não volta mais”, servia, entre o silêncio e a confissão tímida diante do outro, mas carregada de afeto de quem “perdeu”, a assinalar que o tempo todo se está falando da vida. Se está narrando como se era, o que se foi, como se “menos”, agora, quando se está velho e tudo à volta “mudou” (BRANDÃO, 1999, p. 66).

Para compor essas lembranças de rio, outras lembranças me inspiraram, lembranças colhidas por Ecléa Bosi em seu livro: “Memória e sociedade: lembrança de velhos”. Os homens e mulheres da sociedade paulista, entrevistados por ela, de alguma forma foram, para mim, e continuam sendo, ícones para os velhos vaporzeiros que pesquiso. Primeiro, por pertencerem a uma ideologia de classe que é referência de um marco de um determinado tempo, representantes sociais através da memória. E, depois, pela proximidade com que Ecléa tratava os seus velhos. Marilena Chauí, na apresentação do livro descreve essa relação de proximidade nas palavras dos entrevistados que, muitas vezes, se referiam a ela como: “minha filha”, “meu bem”, instantes significativos carregados de afetos. Sendo o principal método de pesquisa de Ecléa Bosi a relação de afeto e cumplicidade que mantinha com os seus sujeitos de pesquisa. Muitas vezes, no simples ato de acompanhá-la até o portão, ali, na hora da despedida, a memória dos velhos paulistanos tinha algo a revelar.

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutar infinito (BOSI, 1994, p. 39).

Percebo o olhar atento e sensível da pesquisadora, tentando aproveitar cada detalhe da presença de seus entrevistados, não esquecendo que o essencial pode-se mostrar até na hora da despedida. Sempre quando estou em campo, nas minhas pesquisas, lembro-me dessa aproximação que a pesquisadora mantinha com estes homens e mulheres da sociedade paulista. Não procuro imitá-la e, sim, segui-la como exemplo de um trabalho extremamente sensível e criativo. Atenta às minúcias, registrando os olhares, os silêncios, as emoções que margeiam o ato de narrar.

Carlos Brandão visita Ecléa Bosi em seu livro “Memória Sertão”, ao encontrá-la, ele revela que a autora convive com os seus velhos na dimensão afetiva da evocação, da imaginação, da memória.

Eis que os seus homens e mulheres, desobrigados de conviver sob o imperativo da memória – hábito – ou porque já utilizaram demais, ou porque não precisam mais tanto dela, como antes, para o exercício da vida cotidiana – podem entregar-se, diante dela e para eles mesmos, como moradores de si, como evocadores (BRANDÃO, 1998, p. 62).

Quantas aproximações existem entre os meus velhos vaporzeiros e remeiros do Rio São Francisco, trabalhadores aposentados da Companhia de Navegação do São Francisco, a extinta FRANAVE, e os homens e mulheres paulistanos de nascimento ou de adoção, do “Memória e Sociedade” de Ecléa Bosi. Dentre elas, uma sensibilidade de lembrar os tempos, que entrelaça os acontecimentos sociais, regidos pela vida de trabalho, com os da vida subjetiva, pessoal, uma história de vida regida e lembrada por meio do trabalho. São as lembranças de uma vida de trabalho, que colhemos dos homens do Rio São Francisco, o trabalho acompanhado da vida que girava em torno das viagens no vapor.

Mais entre tantas aproximações, uma diferença se torna evidente, entre os velhos paulistanos e os velhos barranqueiros do São Francisco. Ao contrário dos velhos paulistanos, os velhos barranqueiros foram entrevistados no aconchego de seus lares, alguns ao lado de suas companheiras, as respectivas esposas, mas todos eles inseridos ao grupo familiar. Em Ecléa Bosi, a solidão de seus velhos se torna um pouco mais evidente, estão em lares de idosos, longe dos familiares.

1.2. 3 Lembro e sinto a um só tempo

Ecléa Bosi ao estudar Halbwachs, nos revela que tudo o que nós percebemos é vivenciado como um momento de presente. Um instante virgem de relação entre nós e o mundo. Mas ele próprio nos surge já misturado com milhares de pormenores da nossa experiência passada. As nossas vivências, experiências vividas guardadas como lembranças estão em nós como um constante movimento. A lembrança é uma imagem construída pelos elementos que se

dispõem no conjunto de representações do tempo presente. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos mais os mesmos meninos e meninas daquele tempo, as nossas percepções foram alteradas, mudaram as nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. Lembrar é um constante devir, porque somos seres de devir.

Merleau-Ponty concorda com Ecléa Bosi no sentido de que o presente existe entre dois horizontes de ausência, passado e futuro. Um que já foi e o outro que ainda está por vir. Segundo ele, recordar não é trazer um quadro do passado subsistente em si. É enveredar no horizonte do passado e, pouco a pouco, desenvolver suas perspectivas encaixadas, até que as experiências que ele resume sejam como que vividas novamente, em seu lugar temporal. Este é o verdadeiro problema da memória, que está ligado a nossa percepção, o passado nunca é rememorado como aconteceu de fato.

A consciência pode com o tempo, alterar a estrutura de suas paisagens – como, em cada instante, sua experiência antiga lhe está presente sob a forma de um horizonte que ela pode reabrir, se o toma como tema de conhecimento, em um ato de rememoração, mas que também pode deixar “a margem”, e que agora fornece imediatamente ao percebido uma atmosfera e uma significação presentes (PONTY 1994, p. 58).

A memória permite que o corpo presente vá ao encontro do passado, e ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. “Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, sendo a memória um lado subjetivo do nosso conhecimento sobre as coisas” (BOSI, 1994, p. 47). A lembrança nunca vem sozinha, às vezes na companhia de uma saudade. O Sr João de Félix, antigo remeiro e vaporzeiro do Rio São Francisco, me diz: “a gente trabalhava muito, mais eu tenho saudades do movimento daquele rio, daquela vida movimentada”. Ele se refere à quantidade de imagens, sons e gestos, nas beiras do Rio, quando os vapores e as barcas, ancoravam no cais.

Um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhar – lá para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição (BOSI, 1994, p. 81).

Para tentar entender a memória é preciso que se entenda um outro conceito, que é percepção. Não existe percepção sem lembrança, o passado é percebido, portanto perceber em si

já é um ato de lembrar, como ensina Henry Bergson em seu livro: “Matéria e Memória”. “Na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (BERGSON, 1990, p. 18). O espaço vivido do tempo presente está impregnado com os espaços vividos do passado. Segundo Bergson, percepção e lembrança se trocam, se penetram. Tudo o que guardamos, no baú de nossas memórias, são fragmentos do vivido e percebido.

Por mais breve que se suponha uma percepção, com efeito, ela ocupa sempre uma certa duração, e exige conseqüentemente um esforço da memória, que prolonga, uns nos outros, uma pluralidade de momentos. Mesmo a subjetividade das qualidades sensíveis, como procuraremos mostrar consiste, sobretudo em uma espécie de contração real, operada por nossa memória. Em suma, a memória sob estas duas formas, enquanto recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata, e também enquanto ela constrói uma multiplicidade de momentos, constitui a maior contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas; e, ao deixar de lado essa contribuição para tornar nossa idéia mais clara (BERGSON, 1990, p. 23).

Merleau-Ponty (2004), em seu livro “Conversas”, discorre sobre o conceito de percepção. O que aprendemos, de fato, ao considerar o mundo da percepção? Segundo ele, aprendemos que nesse mundo é impossível separar as coisas de sua maneira de aparecer. Decerto, quando definimos uma mesa, de acordo com o dicionário, seria nada mais que uma prancha horizontal sustentada por três ou quatro suportes e sobre a qual se pode comer, escrever etc. E esquecemos dos demais atributos da mesa, não sendo interessante os outros atributos que podem acompanhá-la, a forma dos pés, a textura da madeira, estilo da moldura, etc. Isto não é perceber, é definir. Ao contrário, quando percebemos uma mesa, o ato de percebê-la não faz com que nos desinteressemos da maneira como ela cumpre sua função de mesa, e o que interessa é a maneira, a cada vez singular, com que ela sustenta seu tempo, é o movimento único, desde os pés até o tempo, que ela opõe ao peso e que torna cada mesa distinta das outras.

Na percepção não há detalhe que seja insignificante, como a fibra da madeira, riscos ou arranhões que marcam a sua idade, e a significação “mesa” passa a interessar à medida que emerge de todos os detalhes que encarnam a sua modalidade presente. Seria este o mundo da percepção, o mundo que nos é revelado por nossos sentidos e pela experiência de vida. É preciso, então, penetrar nele. Percepção seria esse olhar individual, diante de uma paisagem, de um objeto, de uma pessoa. E como essa mesma paisagem, esse objeto, essa pessoa, influencia minha maneira de ser, ao perceber.

1.2.4 Memória individual ou coletiva?

Creio ser importante dizer que lembramos em duas vertentes da memória, uma individual e outra coletiva; são essas duas descritas e refletidas por Maurice Halbwachs, em seu livro “A memória coletiva”. Ele explica que a memória individual, não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar o seu próprio passado, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outros, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento de uma memória individual não é possível sem esses instrumentos, que são palavras que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado do seu ambiente.

Não é bem menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela está muito estreitamente limitada no espaço e no tempo (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Neste sentido, percebemos que a memória individual e a memória coletiva estão juntas, entrelaçadas, apesar de existir diferença entre elas, cada uma com suas particularidades e semelhanças.

Seguindo as idéias de Halbwachs, entendemos por uma memória coletiva aquela que se busca na relação homem-sociedade. É por quadros sociais da memória que ele segue em suas pesquisas. Não é somente o mundo da pessoa que interessa ao pesquisador, mais sim as suas relações sociais. Na citação a seguir, Ecléa Bosi sintetiza as idéias de uma memória coletiva, por meio da leitura de Halbwachs.

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, com os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo. Nessa perspectiva, lembrar-se é uma ação coletiva, pois, embora o indivíduo seja o memorizador, a memória somente se sustenta no interior de um grupo (BOSI, 1994, p. 17).

Ao estudar as lembranças dos vaporzeiros e remeiros do Rio São Francisco, percebo que as suas lembranças estão inseridas nessas duas vertentes da memória, são em grande parte coletivas e individuais. Não consigo separar uma da outra, neste caso específico do meu estudo. Pois as lembranças que chegam até mim, por meio das vozes dos meus informantes de pesquisa, são lembranças de uma vida coletiva, de uma história coletiva, de grupos de pessoas que seguiam

trabalhando em viagens pelo rio. Mas, como diz o próprio Halbwachs, a pessoa que lembra é única e a forma com que recorda também, os pensamentos chegam de maneira pessoal e única; entretanto, o viver do passado, a história do passado não se fazem sozinhos, eles vêm acompanhados de personagens, que podem ser amigos, inimigos, famílias, amores. A história do passado está limitada ao ambiente de vida, à disposição dos objetos no espaço e no tempo.

Sinto que é difícil fechar uma discussão sobre memória e lembrança. Lembrança puxa lembrança, já disse Ecléa Bosi. As águas da memória são como as águas de um rio, que encontram outras muitas águas pelo caminho e seguem juntas, entre muitas curvas e desvios, com suas cenas e cenários, rumo ao infinito. Na memória, é a linha do horizonte que fecha o território. Talvez daqui a alguns anos, com outros saberes que venha a adquirir, eu possa lembrar, sentir e escrever com mais clareza, margens de um diálogo um pouco mais fecundo e profundo em torno de memória e lembrança.

1.3 O São Francisco como espaço social

É conhecido que, quando num vilarejo ou num bairro um bar fecha, é um pouco de vida que cessa (MAFESSOLI, 2001, p. 93).

O homem, ao produzir o espaço, segue redesenhando a superfície terrestre, vai atribuindo novas formas de relações, re-significando o meio em que vive, por meio de representações transitórias que são contínuas e metamorfoseadas pelo próprio processo de travessia histórica. Se o espaço sofre contínuas e constantes mutações, o mesmo pode ser dito das paisagens, dos lugares, dos territórios e das regiões: são diversos os modos de se fazer ou se perceber o uso do espaço e de atribuir a ele significações. Podemos dizer que as categorias geográficas estão entrelaçadas umas com as outras; estão interconectadas. Entretanto, podemos estudar os lugares por meio das paisagens, os territórios com suas paisagens e seus lugares, o espaço, por intermédio da paisagem. Isto não significa que cada uma dessas categorias geográficas não tenha suas características específicas.

As idéias de Gaston Bachelard (1989) em “A Poética do Espaço”, e Yi-Fu-Tuan (1983) em “Espaço e Lugar” possibilitarão uma primeira idéia acerca da compreensão de como os espaços e lugares vão sofrendo transformações na vida cotidiana das pessoas, de acordo com as relações estabelecidas. E um deles é um filósofo e o outro, um geógrafo. No meio do caminho aparecem outros autores, que ora ou outra também ajudam a tecer idéias sobre espaço e lugar.

Gaston Bachelard, delinea o espaço geográfico por meio da representação de uma casa, estando os quartos, as salas, a varanda, o sótão, o jardim, o quintal, os cofres, os armários, lugares íntimos, carregados de sentimentos e valores. Bachelard vê, no espaço, o “instrumento de análise para a alma humana” (BACHELARD, 1989, p. 20). É por caminhos de uma fenomenologia da imaginação, uma fenomenologia do devaneio, que ele tece a sua poética do espaço. É sob a luz e o silêncio da noite, no Bachelard noturno, que a sua memória sonha e a lembrança lhe vem por meio de seus devaneios. Mais o que venha ser um devaneio?

O devaneio é uma fuga para fora do real, nem sempre encontrando um mundo irreal consistente. Seguindo a inclinação que sempre desce, a consciência se distende, se dispersa e, por conseguinte, se obscurece. Assim, quando se devaneia, é hora de fazer fenomenologia (BACHELARD, 1988, p.7).

Em Bachelard existe uma poética do cotidiano, constituída de pequeninas atitudes diárias, trajetos, discussões, cozinha, passeios, compras. Atitudes pequeninas de todos os dias que necessitam de um território, de um espaço físico e concreto para serem realizadas. Há uma sensualidade nessa poesia do espaço, há uma sensualidade no correr da vida, nos passeios de domingo, nas crianças brincando nas praças, nos velhos que conversam na porta das casas, o voltar para casa depois de um dia de trabalho, um chá tomado antes de dormir, uma cerveja no bar com amigos. Essa sensualidade da vida, só existe devido a um enraizamento de pessoas que habitam um lugar. Michel Mafessoli (2001) em “a conquista do presente” revela que o espaço produz de uma maneira coibitiva os hábitos e costumes do dia-a-dia, que é nesse sentido que se pode dizer de “encarnação” da sociabilidade que necessita de um solo para enraizar-se.

Voltemos então ao devaneio do espaço. Para Bachelard, a casa possui todo um significado sobre como se habita um lugar, estando ela intimamente ligada a nossa memória e a nosso ser. É no espaço da casa que se integram os pensamentos, as lembranças, os sonhos.

Ele realiza uma espécie de geografia do devaneio, que acompanha toda uma vida e que transcende um outro habitar: os lugares da memória, reconstruídos a todo instante com as nossas lembranças. Assim, a vida dos lugares se entrelaça com os seres que os habitam. “Quando nos lembramos das “casas” dos “aposentos” aprendemos “morar” em nós mesmos. Vemos que as imagens da casa seguem dois sentidos: estão em nós como nós estamos nelas” (BACHELARD, 1989, p. 189). Lembro-me de Carlos Brandão em um texto no qual, como Gaston Bachelard, por meio de suas lembranças, devaneia sobre a casa em que morou, no Rio de Janeiro, em tempos da juventude.

E as casas que habitei me habitam agora. Dentro de mim as construo uma vez e muitas, entre imagens de cenas de memórias e palavras como estas, com que busco torná-las outra vez reais. No entanto, o que é “real”, agora? A casa na Gávea que há mais de 40 anos não é mais “a minha casa”, no mesmo lugar, com a mesma cor branca dos meus anos sessenta? Ou a “Casa da Gávea” que de tempos em tempos ora se reconstrói por si mesma em alguma rua interior de um lugar chamado “Gávea”, dentro de mim, ora eu a levanto do chão com as palavras que, ao falarem dela, como agora, a tornam a casa um dia habitada que me habita agora (BRANDÃO, 2007, p. 6).

A casa descrita é percebida como uma referência “geo-poética” do espaço, em Yi-Fu Tuan, que também devaneia a seu modo, influenciado por uma geografia afetiva onde se vive o espaço e lugar, ligados por uma relação de sentimento, o que ele define como Topofilia. A casa é representada por ele como lar e lugar.

A casa é um lar íntimo. Pensamos na casa como lar e lugar, mas as imagens atraentes do passado são evocadas não tanto pela totalidade do prédio, que somente pode ser visto, como pelos seus elementos e mobiliário, que podem ser tocados e também cheirados: o sótão e adega, a lareira e a janela do terraço, os cantos escondidos, uma banquetta, um espelho dourado, uma concha lascada. Nas coisas menores e mais familiares, a memória tece as alegrias mais intensas, algum som, o tom de uma voz, o cheiro das coisas (...) Este certamente é o significado de lar, de um lugar em que cada dia é multiplicado por todos os dias anteriores (TUAN, 1983 p. 160).

A maneira com o que arrumamos a nossa casa, o nosso quarto, a organização dos objetos, reflete o que somos. E revela um pouco das nossas personalidades. Cada objeto que se encontra no lugar em que vivemos representa uma experiência vivida. Adentrar a casa é conhecer as águas afetivas do morador.

Traz a essência da noção casa, verdadeiro cosmo e ao mesmo tempo, um ninho, por conter a grandeza do universo e a infinidade aconchegante de um refúgio, pleno de aspectos familiares e indissociáveis, permitem à pessoa “sentir-se em casa” o lar ou

lugar integra o âmago dos nossos seres e guardam similitudes, mistérios, continuidade e interiorizações (TUAN, 1989 p. 186).

No dizer do filósofo Merleau-Ponty (2004), “a nossa casa é a nossa residência e com a qual estabelecemos relações carnis, redescobrimos em cada coisa certo estilo de ser que a torna um espelho das condutas humanas, entre nós e as coisas, existe uma relação de um ser encarnado e limitado” (PONTY, 2004, p. 38).

Na concepção de Tuan, lugar e espaço são termos familiares e indicam experiências comuns. “Vivemos no espaço. O lugar é segurança e o espaço é liberdade, estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (TUAN, 1983 p. 152). Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar, sendo o espaço mais abstrato e mais relacionado com a idéia de estar livre, do movimento.

O espaço permanece aberto e é um símbolo da liberdade nos diz Yi-Fu-Tuan , é como se fosse uma folha branca na qual se pode imprimir qualquer significado. E o lugar, comparado ao espaço, é um centro calmo de valores estabelecidos. Pois o lugar é marcado pela permanência o viver e o conviver todos de todos dias, numa rua, num bairro, numa casa. No entanto os seres humanos, necessitamos de espaço e lugar, pois a nossa história de vida se faz de movimento, entre refúgio e aventura, dependência e liberdade. Espaço e lugar não podem ser pensados separadamente.

Em Yi-Fu-Tuan, um espaço só se transforma em lugar na medida em que adquire definição e significado. E a experiência é uma das características fundamentais de um lugar, pois nele as pessoas conhecem e constroem a realidade. Quanto mais se conhece um lugar, maior é o seu valor. O traço de afeição e identificação diz respeito à força do sentimento, do reconhecimento e da sensação de pertencimento dos lugares, o que Rosendhal (2005, p. 7) define como: “a alma dos lugares”. Aquilo que, segundo Marcel Mauss, é traduzido na idéia de que tudo não passa de misturas. “No fundo são misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas” (MAUSS, 1997, p. 71).

O lugar é uma fração do espaço onde os homens reconhecem a sua história, onde estabelecem suas relações, onde criam vínculos e constroem laços de pertencimento e identidade. Pode ser uma praça, uma rua, um bairro, uma casa, um barco, etc. É como se os lugares fossem

águas espelhadas de um rio, um riacho, uma vereda, que quando olhamos vemos o nosso rosto refletido neles, uma espécie de espelho vivo, em que podemos ver a nossa imagem refletida. Como uma imagem que ganha movimento quando as nossas mãos tocam a água, ou quando o vento altera o seu ritmo. Lugares e vidas refletindo um ao outro.

É o ritual da vida cotidiana que se inscreve no espaço, pela repetição dos gestos, dos hábitos e costumes de um viver em sociedade. A dinâmica de uma rua, de um bairro, de uma cidade, de uma casa, as organizações das horas espaciais, recheadas de memórias e de afetos. Nessa poética do habitar como lembra Hídgger, que se concretiza o apego, o laço com o lugar, a partilha dos afetos no espaço. As lojas, as praças, a igreja onde acontece os cultos religiosos, os mercados, as feiras de domingo, representam a vida desenhada, grafada no espaço.

No vale do rio São Francisco, há encantos e mistérios, espaço de águas, profundas e rasas em tempos de secas e de chuvas, que seguem rumo ao mar, ao longo do rio da unidade nacional. Para muitos ribeirinhos ele é vivenciado a partir da experiência íntima de cada pessoa; no trabalho, na arte, na imagem, na contemplação do simples olhar para o rio, na diversão da brincadeira do banho, nas aventuras dos jovens e adolescentes em esportes radicais, no mergulho, vão construindo, “a alma do rio”.

O rio é expresso na alma do seu povo como um centro de significâncias, um lugar de expressiva intimidade, bordado, simbolicamente, por fios de afinidades e sentimentos impregnados por vivências do passado e do presente, possuindo uma força efetiva de expressão simbólica. E essas representações simbólicas, as diversas maneiras que representamos a realidade resultam num emaranhado de ações, nas quais os significados são produzidos e compartilhados entre as pessoas de um mesmo grupo cultural. Para esclarecer as formas simbólicas de se viver um lugar ou um espaço, Rosendhal define:

As formas simbólicas são representações da realidade, resultantes do complexo processo pelo qual os significados são produzidos e comunicados entre as pessoas de um mesmo grupo cultural (...) As formas simbólicas, no entanto, são sujeitas a interpretações distintas, caracterizando-se por uma instabilidade de significados, por uma plurivocalidade (ROSENDHAL, 2005, p. 9).

Yi-Fu-Tuan define formas simbólicas de vivenciar o espaço como características de um espaço mítico, sendo uma resposta do sentimento e da imaginação às necessidades humanas

fundamentais. A imaginação é capaz de construir “geografias míticas” que podem ter pouca ou nenhuma relação com a realidade.

O espaço mítico tem outras características gerais, organiza as forças da natureza e da sociedade associando-as com localidades ou lugares significantes dentro do sistema espacial. Tenta tornar compreensível o universo através da classificação de seus elementos e sugerindo que existem influências mútuas entre eles. Atribui personalidade ao espaço, conseqüentemente transformando o espaço em lugar (TUAN, 1983, p. 187).

Essas “geografias míticas” estiveram presentes desde os povos antigos, e um bom exemplo disso são os índios com os seus deuses, seus mitos, suas danças, cantigas e a sacralização da natureza. O mesmo pode se dizer sobre os camponeses tradicionais. Para eles a lua, as estrelas, o céu, as estações do ano possuem influências no plantio, na colheita, no manejo com a terra. É a vida que se configura pelos espaços e tempos da natureza.

Podemos perceber essas formas simbólicas de se relacionar com o mundo natural representadas também, na literatura. Novamente reaparece João Guimarães Rosa e o seu livro “Grande Sertão: veredas”, cuja história se passa, em grande parte, no norte de Minas Gerais. Ele traz uma geografia com espaços de intimidades, na riqueza de detalhes do sertão e das suas águas. No romance, o lugar sertão é o espaço do místico, do sagrado, do demoníaco, dos grandes combates dos jagunços, do trabalho árduo, da vida difícil, do homem forte, valente e sensível. Um sertão de feios lugares, sertão de águas e de paisagens belas, fios tecidos do viver simples e complexo do sertanejo.

“A Geografia é o estudo da terra como lar das pessoas” (TUAN, 1983, p. 89). O que implica uma busca de um lado mais interior, um lado feminino de se olhar e perceber a realidade. Uma realidade em que o território não é apenas um lugar físico, onde se instalam os homens. Em que o espaço não é só lugar de conflitos de operação produtiva da terra, de transformações feitas pelo ser humano, mas, sim, a teia dos diferentes espaços e lugares de vivências, em que a paisagem é também uma paisagem subjetiva.

Milton Santos (1997) nos fala de uma paisagem que não é somente física, constituindo-se apenas no que é fisicamente visível. Ele se refere a uma paisagem que é composta de sons, cores, cheiros, movimentos, etc. Assim, quando olhamos para uma paisagem, seja um rio, uma montanha, essa paisagem nos é representada conforme nosso olhar, a nossa sensibilidade, nossos

valores culturais, nossos modos de vida e as múltiplas sensações que a imagem contemplada é capaz de despertar. O mundo natural como parte de nossas vidas. O nosso olhar, dirigido a um determinado lugar, é atravessado pelo que estamos sentindo no momento, as nossas sensações se emaranham com as paisagens e com os lugares, o visível que é apreendido pelos olhos e o sensível que é apreendido pelos sentidos.

A paisagem do rio São Francisco é um cenário múltiplo, onde o tradicional e o moderno se misturam. Podemos observar, na vida de alguns barranqueiros, uma diversidade de representações. Por exemplo: o rio, como espaço do sagrado e do simbólico, cenas de vidas, onde as dimensões ecológicas, sociais e espirituais estão emaranhadas, a partir da cultura local de cada região do povo do sertão, em seus rituais sagrados, suas memórias, seus modos de ver a vida. Frei Luiz Cáppio (1995) expressa, em suas palavras, o sentimento místico que toca o coração do povo sertanejo. “Muitas pessoas, por lugares variados ao longo do São Francisco, molham a mão no rio e fazem o sinal da cruz, pedem a benção ao rio, conseguem perceber o encanto, o mistério, a força do rio, que é mais do que H₂O correndo” (CÁPIO, 1995, p. 105).

O reconhecimento do rio como um espaço do simbólico e do sagrado, como algo que transcende um acidente geográfico da natureza que é capaz de despertar vínculos afetivos e ideacionais, que se manifestam na relação diária do homem do sertão com a natureza, tal como o ato de se benzer com as águas, faz do rio um ser de reverência à vida. Essa é uma sensibilidade espiritual presente no viver de cada homem e mulher do sertão, onde o sentimento está em sintonia com a natureza. “O São Francisco é visto pelo seu povo como um dom de “Deus” o rio que é pai e mãe, aquele que gera vida” (UNGER, 2001, p. 104).

Na relação que o sertanejo estabelece com o Rio, existe toda uma relação de trocas de sobrevivência, entre as várias pessoas e o rio, na maneira de senti-lo e vivenciá-lo: numa geografia da percepção das águas. O que significa, por exemplo, o rio da lavadeira, que quer beira com água limpa e pedra? O do pescador, que prefere as corredeiras? O do poeta e do cantor, que buscam, nas suas águas, inspiração para escrever seus poemas e compor suas músicas? O rio do vaporzeiro e do remeiro, que hoje já não trabalham mais navegando pelas suas águas? O rio que vive na memória do povo? E, assim, o rio e os diversos lugares do rio são diversamente representados na vida do seu povo.

Em pleno século XXI, com os avanços de uma tecnologia de tempos rápidos que comprometem a vida do rio e das gentes que vivem das suas águas, há uma mistura crítica do novo com o velho. Pois ainda persistem os rituais, as lendas do rio, as danças e as cantigas presentes nas memórias dos velhos e que vão passando de geração em geração para os seus descendentes, pessoas que, no passado, tiveram uma intensa relação de trabalho com o rio. As antigas lavadeiras que hoje, nas cidades de Pirapora e Buritizeiro, raramente se encontram na beira do rio lavando roupas. Mas ainda assim, em pleno sertão, onde o cerrado predomina com suas árvores retorcidas, mesmo que devastado, onde o sol brilha forte, onde a terra é vermelha, existem homens e mulheres que conseguem preservar uma tessitura de símbolos, de mitos, de rituais, um entrelace de vidas e percepções de vidas ainda fragilizado e fragmentado, mas vivo.

Esse é o Rio de hoje, o São Francisco que vejo diante do cais, o Rio e o sertão do meu presente. No próximo capítulo, um sertão e um Rio São Francisco diferentes, sertão e rio do século XIX, por onde andaram outros homens também diferentes dos homens de vapores e de barcas. Eram eles os viajantes estrangeiros, vindos de terras distantes, com olhares curiosos e de estranhezas sobre a nossa terra e a nossa gente. Diferentemente dos trabalhadores do rio, que na lida da vida de um trabalho pesado, sustentavam as suas famílias com o pouco que ganhavam em viagens pelo rio, os viajantes eram homens cultos e as suas viagens pelo sertão e os entornos do rio, mesmo que desconfortáveis e cansativas, o objetivo era outro, o de pesquisar, de descobrir e revelar ao mundo o descoberto durante a viagem. É o olhar do viajante que em suas andanças, irá desenhar o Sertão do Rio São Francisco do capítulo a seguir.

2 O OLHAR DO VIAJANTE ESTRANGEIRO

2.1 A chegada de uma gente estranha

Dentre os viajantes que passaram pela região do rio São Francisco destacam-se os, Auguste de Saint Hillaire, Richard Burton, Spix e Martius, Alcide D'Orbigny, George Gardner, Ferdinand Denis, ente outros que se dedicaram a estudar o sertão mineiro e os seus rios. No entanto esses foram os lidos por mim durante a pesquisa para a escrita deste capítulo. Ao longo das páginas, os lugares de passagens estarão descritos através do olhar de cada um deles.

Desde o século XVI, o Brasil vem recebendo a visita de estrangeiros que vinham com as mais diversas intenções, movidos, muitas vezes, por uma ansiedade de aventura em distantes terras desconhecidas. Porém, a política imposta à Colônia, pela Coroa Portuguesa, impedia e dificultava a presença desses viajantes, particularmente em Minas Gerais, com a finalidade de manter em sigilo o conhecimento dos recursos naturais e as potencialidades de exploração da região. No entanto, com a vinda da Família Real, em fuga das tropas de Napoleão, em 1808, colocou o Brasil como sede do Reino. A Coroa, com fins de modernização da colônia, decretou a abertura dos portos, realizando tentativas de exploração científica do território, por meio da vinda de vários especialistas europeus, a fim de realizar estudos em diferentes áreas do conhecimento. O século XIX foi marcado por grandes transformações, no campo político, social, cultural e educacional.

Esses viajantes imprimiram, na história, um Brasil de múltiplas faces, de acordo com as suas impressões sobre a nossa natureza, nossa sociedade, nosso governo, nossa gente. O Brasil daquela época era caracterizado, por eles, como uma terra de muitos potenciais, ainda iniciando um processo de civilização, cujo espelho não podia ser outro senão o modelo europeu, transposto ao Mundo Novo.

A chegada da família real ao Brasil foi identificada, por eles, como um desligar inevitável do antigo sistema colonial. Foi quando, se começou a pensar na possibilidade de um país independente, uma nação. Sentimentos nacionais, espírito público, patriotismo, sentimento de independência sustentariam os primeiros passos de uma nação conduzida por um monarca

constitucional, sob a aprovação européia. Uma vez que entramos no cenário europeu através dos olhos de europeus, como não poderia deixar de ser o paradigma da observação estava na Europa. O “como” observar correspondia às necessidades do observador e às injunções históricas, econômicas e políticas a que estava submetido.

Mas não se pode esquecer que esse “olhar de fora” sobre a descrição geográfica e histórica do povo brasileiro implicava uma série de enlaces ideológicos, que pertenciam a uma polivalente cultura européia; o que, por diversas vezes, era traduzido por meio de percepções preconceituosas e eurocêntricas. O olhar do europeu, mesmo quando um olhar de cientista, frente aos povos de regiões descobertas, julgava o outro como um europeu inacabado, em que algo faltava. No dizer de Wilton Carlos Lima da Silva (2003), era como se essas populações fossem um espelho invertido do povo europeu, considerado por eles como representantes legítimos e quase únicos do que concebiam como sociedades e povos civilizados.

É a esse contexto de viagens que se deve parte das representações sobre o Brasil. Foram viajantes, cientistas ou artistas que, em suas andanças e viagens, em busca do desconhecido e do exótico, se propuseram a elaborar diários de viagens, escritos capazes de transmitir, para as pessoas que ficaram, as experiências vividas em lugares desconhecidos e pouco acessíveis.

Eles chegaram aqui, adentraram as terras sertanejas brasileiras com suas florestas, cerrados e caatingas, conviveram com populações exóticas que se colocavam, diante dos seus olhos, como um novo mundo que descortinavam, em meio a geografias físicas e humanas revestidas de um viver diferente, em suas formas de representar a vida, o tempo e o espaço. Entre tantas percepções de paisagens sonoras e visuais, entre espaços e lugares do Brasil, trouxeram e levaram, juntamente com seus navios, não só mercadorias, exemplares de nossa flora, fauna e de nossas culturas, e dados de interesses diplomáticos, mas também novos saberes, sabores, cheiros e cores, visões dessa terra, até então desconhecida por muitos.

2.1.2 A viagem e a pesquisa

O gosto pela História Natural faz nascer o de viajar. Após ter estudado os objetos que o rodeiam, o observador sente a necessidade de examinar outros, e daí esse desejo ardente, que experimentam quase todos os naturalistas, de visitar regiões longínquas. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 17).

A experiência da viagem, o testemunho vivo de cenas e cenários, que se mostravam diante dos olhos do descobridor viajante, proporcionaram a oportunidade de escrever sobre esse “Mundo Novo”: viagem como “certidão da verdade”, assim denominada por Flora Sussekind em: “O Brasil não é longe daqui”. A autora segue dizendo: “o que parece dar confiabilidade a essas impressões e notas é, de um lado, a própria experiência da viagem, de outro o fato de se tratar de um “olhar de estrangeiro” (SUSSEKIND, 1990, p. 49). Isto é trata-se de alguém de fora, mas que teria testemunhado o que narra.

O pensamento intelectual do século XIX foi dominado pelo interesse em pesquisar países e culturas diferentes. Sabemos que boa parte da cultura material europeia expandiu-se devido a elementos descobertos do “Novo Mundo”. Para o europeu, era uma espécie de modismo investigar os países descobertos. E novos conhecimentos, advindo, de tão longe, eram fundamentais para que as teorias e as políticas europeias fossem aperfeiçoadas visando à consolidação das conquistas do “Novo Mundo” que surgia.

O viajante tornava-se uma espécie de intérprete de um tradutor, dentro desse espaço do desconhecido. As diferenças nos modos de vidas, a fisionomia das pessoas, o exótico eram sempre evidenciados. O europeu tinha, como principal objetivo, revelar o “outro”, no que possuía de diferente e de desconhecido.

As viagens foram ganhando importância para os governos envolvidos com o desenvolvimento científico, a partir das terras descobertas e colonizadas. Pois havia um conhecimento que só se tornava possível por meio do olhar e do sentir ao vivo, um testemunho pessoal, o que justificava viajar para escrever, descobrir e revelar, desvelar o descoberto.

Todas as informações contidas nos relatos de viagens foram escritas através de diários. Neles estavam registradas as descrições dos lugares, do espaço e do tempo, assim como do viver

das pessoas. Rotas, desenhos, palavras diferentes, indicações para contatos, nomes de plantas, minerais, animais, nomes de lugares e de pessoas, tudo deveria ser anotado em diários. Sendo ele um companheiro íntimo de viagem, o confidente, o amigo e o cúmplice. As noites ao relento, a acolhida, com simpatia ou não, na casa de alguém, o momento das refeições, desde o preparo até a hora da ceia, sob a luz da lua e das estrelas, do fogo, no abrigo da chuva e do frio, à sombra de uma árvore, a beira de um riacho, ou de um rio, uma vereda, os momentos de descontração, os medos, o cansaço, as dores, tudo deveria ser confidenciado ao diário. E alguns vinham acompanhados de belas ilustrações.

No entanto, cada viajante possuía um estilo próprio de escritos. Pois, além de ser um registro bastante pessoal, tudo dependia da importância atribuída, para cada detalhe que encontravam, os viajantes durante a jornada. Às vezes o vestido de uma escrava, ou a roupa de um homem do campo, ou uma velha curandeira, os modos de uma cabocla, prendiam a atenção de alguns observadores, bem mais do que a outros. Eram mais importantes do que um rancho de beira de estrada, ou até mesmo um determinado trecho de natureza de alguma região. Em cada viajante um olhar diferenciado, o que influía diretamente na sua forma de escrever.

Herdeiros de uma tradição rousseauiana, considerados “viajantes da ilustração”, como denomina Flora Sussekind, para os naturalistas o viajante não podia ser apenas um expectador, explica Miriam Moreira Leite (1984), mas devia ser um ator de passagem, observador atencioso da realidade, exercitando, diante dela, a arte de pensar, desprendendo-se do seu mundo imaginário, para dirigir a atenção ao verdadeiramente útil, como bem revela esta passagem de Spix e Martius.

Nas horas de espera, pode o caçador europeu abandonar-se as impressões do sossego da mata brasileira. Os seus olhos investigam formas estranhas de árvores, de folhagens e de frutas, em torno de si, observa a curiosidade dos macacos que descem aos extremos galhos para contemplar a estranha aparição, assiste a guerra silenciosa dos insetos, à atividade das grandes correições de formigas; às vezes, ouve ressoarem as marteladas do pica-pau ou os chiados das araras, na solidão tranqüila. (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 83)

“Nada de olhares desatentos e desarmados. Nada de apenas passar pelos lugares” Lembra Flora Sussekind (1990 p. 115). Tudo deveria ser analisado, conhecido e registrado, desde os menores detalhes. Uns com olhares mais sensíveis que outros, merecendo o devido respeito, como por exemplo Saint-Hilaire, Spix e Martius e Ferdinand Denis. Flora Sussekind, ao se referir

a Gonçalves de Magalhães, em seu “discurso sobre a literatura do Brasil”, e ao se perguntar se o Brasil poderia “inspirar a imaginação dos poetas e ter uma poesia própria”, sugere, com orgulho, que fossem lidas as descrições de alguns viajantes estrangeiros, como comprovação.

Vimos esse céu que cobre as ruínas do Capitólio e do Coliseu; sim, é belo esse céu mas o do Brasil não lhe cede em beleza! Falem por nós todos os viajores, que por estrangeiros não os tacharão de suspeitos. Sem dúvida que eles fazem justiça, e o coração do brasileiro, não tendo por hora muito de que se ensoberbeça quanto às produções das humanas fadigas, que só com o tempo se acumulam, enche-se de prazer, e palpita de satisfação, lendo as brilhantes páginas de Langsdorff, Newied, Spix et Martius, Saint-Hilaire, Debret, e de tantos outros viajores que revelam à Europa as belezas de nossa pátria (SUSSEKIND, 2007, p. 73).

Essa abertura para a poesia da natureza, o canto dos pássaros, a beleza das águas, que é retratada na linguagem poética e subjetiva do narrador viajante, torna-o alguém a meio caminho entre o poeta da paisagem e o “viajante da ilustração”. No entanto, esse olhar de minúcia e contemplação diante da natureza é também uma característica do momento vivido do século XIX, o século das luzes, quando a arte e a ciência começavam a se tornar métodos relevantes para a aquisição do conhecimento. O objetivo era investigar os espaços, os lugares, as paisagens, os objetos, as pessoas em seus costumes e crenças. Isso já era algo pré-determinado para a realização dessas viagens.

Ao saírem de seus lugares de origem os viajantes europeus deixavam por um longo tempo, os seus afazeres cotidianos, as suas culturas, as suas línguas, e adentravam em um outro tipo de vivência, que se traduz no espaço do outro, compartilhando do seu mundo vivido e representado como tão diferente do seu. É sob esta condição que o tempo da narrativa é construído. A viagem não é uma espécie de continuação da vida. Ela é constituída de um momento especial de vivência, a partir de onde se sai da condição de habitante, de morador de um lugar, e se torna um assumido e curioso estrangeiro, um alguém que mora em diversos lugares em um curto período de tempo. Durante as viagens, as moradas podiam ser desde o lombo de um cavalo, a um rancho de beira de estrada, a beira de um riacho, a sombra de uma árvore. O que importa para o viajante é o movimento, o deslocamento de um lugar para outro, as andanças- mudanças.

Esse ser em travessia, sempre a caminho, sem se fixar em um lugar e ali construir a vida, criar identidade, essa fase especial da condição do viajante é o que Gennep chama de “fase

liminar” dos ritos de passagem ou de “transição”. Indivíduos ou grupos, que passam por um período intermediário ou transitório, em que não são nem este, nem aquele. São um alguém colocado à margem. São a própria indefinição, a “linearidade”. Genep (1977) vem-nos dizer que as mudanças de lugar, estado, idade, posição social, etc são marcadas por ritos de separação, margem e agregação. Os ritos de passagem são sucessivamente repetidos em cada chegada e saída dos viajantes, em lugares desconhecidos. O chegar, o estar ali, o viver e o conviver com as pessoas e os lugares, o partir e compartilhar momentos que se repetem em cada lugar diferente, tal é o movimento que marca o tempo das narrativas, bem mais do que o movimento do ponteiro do relógio.

Através dos relatos de viagens, a linguagem e o espaço se entrelaçam, na construção de um novo fundamento simbólico. Pois ali se está em um espaço onde o pensamento humano se apropria do desconhecido, ou do estranhadamente conhecido, atribuindo semelhanças e diferenças. A viagem, enquanto texto, traduz-se como itinerário aberto a várias leituras, com muitas representações sociais entre várias viagens imaginárias, que possuem, como seu itinerário, as páginas de cada livro.

Há o viajante que vive as experiências desse mundo descoberto, partilhando de modos de vidas diferentes do seu. Aquele que pela escrita, representa as suas experiências. E há o leitor que, ao ler os livros prontos, se reconhece como parte da narrativa, construindo as representações à sua maneira e de acordo com o seu pensamento e imaginação.

O narrador, enquanto viajante, enlaça o leitor e o convida a fazer parte do mundo vivido das viagens; mesmo que esse “viver” aconteça nos espaços do imaginário. O desconhecido, o medo de animais selvagens, as tempestades, a chegada nos lugares, o estranhamento diante do outro encantam os leitores, transformam-nos em companheiros de uma viagem exótica e interior, misturando a vida com a viagem, ou será a viagem com a vida? Ou permitindo que a vida viaje?

Nem viajante noturno, nem geógrafo, o narrador, não sem certa superioridade, faz as vezes de guia para um público que na verdade viaja unicamente ao redor de si mesmo ou pelo próprio quarto, e para longe apenas nos folhetins de jornal e nas seções de “Variedades” que lê. E a cada história ou a cada virada na trama, nova cidade, nova viagem, nova condescendente descrição deste narrador viajado dirigida ao seu sedentário leitor. (SUSSEKIND, 1995, p. 58)

Agora que já situei o leitor na perspectiva das viagens, tal como elas eram realizadas, e os seus objetivos, procuremos nos localizar no tempo e no espaço, no interior do contexto histórico que o país vivenciava na época. Procuremos agora viajar com os viajantes que, por alguns momentos de suas vidas, conviveram com os cenários, os seres e as paisagens dos sertões do Norte de Minas e das margens do Rio São Francisco, por onde estarão viajando, anos mais tarde, “homens do vapor” e “homens da barca” cujos relatos constituem a parte mais substantiva deste estudo e que nos esperam, no próximo capítulo.

2.2 O viajante e o sertão de Minas

A primeira pergunta que nos vem à mente é: O que é o sertão? Ao longo desses mais de 500 anos de história, o conceito de sertão vem sendo construído, desconstruído e reconstruído pela ciência e pela arte. Há um pouco de sertão em tudo, nas representações de músicas, da Arte, da Literatura, da Antropologia da Geografia, são infinitas interpretações... Fragmentos de sertões... Travessias... Um sertão de misturas geográficas, físicas, humanas, subjetivas, poéticas, estéticas, conceitos que se atravessam.

Aqui estaremos trazendo um sertão percebido e descrito desde fora. Minas, com o seu sertão, sob o olhar distante e atento dos viajantes, é o que pretendemos apresentar aqui. O aspecto geográfico, em suas descrições de paisagens, de cenas e cenários, com as tramas do mundo vivido, do homem sertanejo com o seu lugar.

A fala do viajante será a principal via de informação, e a intenção, aqui, é apenas descrever os “Cenários-Sertão” tal como eles o descreveram, durante suas viagens. Pois a idéia é justamente esta, a de dar voz ao outro, o outro que se coloca diante de nós na condição de viajante, de estranho e de estrangeiro, e de quem chega de longe a um lugar desconhecido. Pretendo pouco interferir e analisar a partir do que foi dito, pois a idéia é o apresentar e partilhar, junto ao leitor as opiniões e percepções sobre o que viram e sentiram “eles”, por essas terras sertanejas mineiras.

Saint-Hilaire, viajante francês, desembarcou no Rio de Janeiro em 1816 e permaneceu no país durante seis anos. Em seu livro “Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais” esboça, em linhas gerais, o que é o sertão:

O nome de Sertão ou deserto não designa uma divisão política de território; não indica senão uma espécie de divisão vaga e convencional determinada pela natureza particular do território e, principalmente pela escassez de população. O Sertão compreende, nas Minas, a bacia do São Francisco e dos seus afluentes, e se estende desde a cadeia que continua a Serra da Mantiqueira ou, pelo menos, quase a partir dessa cadeia, até os limites ocidentais da província. Abarca, ao sul, uma pequena parte da comarca do Rio das Mortes, a leste, uma imensa porção das comarcas de Sabará e do Serro do Frio, e finalmente, a oeste toda a comarca de Paracatu situada ao ocidente do São Francisco. Essa imensa região constitui cerca da metade da Província de Minas, e se estende aproximadamente, desde os 13° até os 21° de latitude; mas não se deve pensar que o sertão restrinja à Província de Minas Gerais, prolonga-se pelas de Bahia e Pernambuco, e a Província de Goiás, pela qual se continua, não é ela toda senão um imenso deserto (HILAIRE, 1975, p. 307).

De acordo com as suas observações o viajante explica que, embora as diversas partes do Sertão de Minas tenham entre si muitas analogias, percebe-se que apresentam diferenças conforme as latitudes, a elevação do solo, etc. E que, nas regiões do São Francisco, a paisagem sertaneja é diferenciada.

Essa parte do Sertão apresenta, como disse noutra lugar, um terreno ondulado, talvez cortado por algumas montanhas, e salpicado de pântanos. Crescem caatingas em diversos lugares e em particular às margens do São Francisco. A majestosa palmeira chamada boriti embeleza os pântanos. Finalmente, em uma imensa parte do solo se estendem pastagens em meio às quais se dispersam árvores retorcidas e enfezadas, de córtex fendilhado, e folhas duras e quebradiças, que tem, na maioria das vezes, a forma da de nossas pereiras. Os que falam do Sertão garantem que ele se assemelha a um jardim, e essa comparação ficou até proverbial. Admito, efetivamente, que essa região possa ter o aspecto que lhe atribuem, quando os relvados estejam perfeitamente verdes, e as árvores e esses arbustos tão numerosos, tão variados, fiquem cobertos de flores em geral tão vistosas; entretanto, por mais florido que seja, um jardim plantado quase pelo mesmo modelo durante um espaço de várias centenas de léguas, fátiga, finalmente pela monotonia. Mas qual o tédio que experimenta aquele que, como eu, percorre o Sertão durante o tempo da seca, quando as campinas perderam o frescor, e a maior parte das árvores está despojada de folhas? Então um calor irritante abate o viajante; uma poeira incômoda ergue-se debaixo de seus passos, e algumas vezes mesmo, nem sequer encontra água para aplacar a sede (HILAIRE, 1975, p. 310).

É interessante esta percepção de solidão que o sertão representa, agravada pelos cenários ásperos que a seca desenha e colore de cinza. A solidão que permeia o sertão está presente em quase todas as percepções das paisagens norte-mineiras, sob o olhar do viajante. Nessa passagem de Saint-Hilaire ficam bem delineados os momentos da vida no espaço

sertanejo, de acordo com a estação do ano. Fica evidenciado o belo e o feio, quando ele comenta os incômodos da seca.

A monotonia da paisagem do sertão mineiro reflete, no narrador, um estado de profundo desânimo. O calor irritante, o sol forte que queima a pele, poeira, sede, de um lado; silêncio e uma paisagem de cerrado uniforme, que parece não ter fim de outro. Assim, não faltam registros de desconforto e irritação nas “viagens” de Saint-Hilaire. Confessa ele: (...) acabei por me sentir desesperar de tédio, e não pude deixar de amaldiçoar as viagens” (HILAIRE, 1975, p. 345).

Ferdinand Denis descreve o sertão de Minas, em seus campos gerais, com imagens semelhantes às de Saint-Hilaire. Assim, ele se refere a uma paisagem associada à melancolia, na estação da seca. Observando o sertão com a tristeza do inverno de sua terra natal, mas com o sol forte e ardente de um verão. Ressalta, também, a graciosidade das flores e das árvores que, com seus galhos entrelaçados, mostram que há vida, também entretecida por todos os lados, que resiste a um clima quente e árido. Ele não se limita a dar medidas exatas do tamanho do sertão, e afirma que cada província tem o seu.

Este ultimo distrito é a que se chamam proverbialmente de Jardim du Brésil; para que possa, porém, merecer este nome do viajante europeu, não deve este visitá-lo durante a estação das secas, é na época em que o inverno acaba de dar a sua frescura à terra, no tempo em que abundantes plantas cobrem as agradáveis elevações que fazem ondular a campina, e quando formosas árvores separadas de tempos surgem para se ornarem de flores e de frutos, que os campos podem merecer esse nome, Na outra estação, e quando o sol aqueceu a terra, só se encontram pastos minados, dos quais nada interrompe a melancolia. Houve um viajante quem com muito acerto dissesse: “É toda a tristeza de nossos invernos, com um céu brilhante e os ardores do verão”. Que é pois, na realidade essa região chamada deserto, numa província que apresenta ela mesma ainda, tão vastas solidões? O sertão de Minas (porque cada província tem o seu) ocupa pouco mais ou menos da metade desta grande região (DENIS, 1980, p. 383).

Podemos dizer que os sertões se espalharam e se espalham, até hoje, de norte a sul do Brasil, assumindo as mais diversas territorialidades e significâncias, ao longo do tempo: como deserto, longe de regiões povoadas, interior, isolado, terra áspera, incivilizada, onde sobrevivem os sertanejos, uma gente forte, capaz de tirar, mesmo da falta, as condições para sobreviver.

Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo-MG e ali viveu a sua infância. Voltou algumas vezes ao sertão e apenas uma vez o percorreu por vários dias, na conhecida viagem acompanhando a boiada conduzida por Manuelzão. Mas, tal como na entrevista dada a Gunter

Lorenz, ele se afirma como um sertanejo, como um amante do sertão, considerando-se um viajante do sertão. Ressalta ele que o sertão é sem tamanho, que está em toda parte. O que lembra as reflexões de Saint-Hilaire e Ferdinand Denis, sobre a impossibilidade de serem estabelecidos limites exatos da geografia do sertão, e afirmando que cada província tem o seu. Não apontando para um ponto fixo no espaço, mas, sim, dando abertura para uma cartografia mutante, assim como o próprio processo de representação da sociedade sertaneja.

Adriana Ferreira de Melo em: “O lugar sertão: grafias e rasuras”, sua dissertação de mestrado, lembra que:

O sertão ou os sertões são feitos de representações espaciais datadas, construídas historicamente pelo imaginário social e pelas ações dos homens nas quais, inevitavelmente, esse imaginário está incluído. São feitos de grafias produzidas pela história dos sujeitos de fora e de dentro dos espaços grafados (MELO, 2006, p. 85).

Como podemos perceber, não há como desenhar um mapa com uma localização precisa sobre o espaço do sertão. Pois ele consiste num sistema complexo tecido de representações, imagens e discursos, que se alteram, ao longo do tempo. O espaço é representado por meio de fixos e fluxos, como nos ensina Milton Santos, em a “Natureza do Espaço” e de “movimentos e pausas” como nos ensina Yi-Fu-Tuan em “Espaço e Lugar”. O que me faz pensar numa outra cartografia sertaneja, que desse conta das linhas da vida, de homens e mulheres que representam e modificam os seus espaços, em suas ambigüidades e contradições.

Seguindo as idéias de Guimarães Rosa, desse lugar sertão, que está por toda a parte, Minas tem o seu sertão, ou os seus vários sertões. Mas o que vem a ser os Gerais de Minas? Ou, o que seriam os seus campos gerais, tão citados por nossos viajantes? O sertão corresponde aos gerais? Um está entrelaçado ao outro? Saint-Hilaire, de algum modo, responde a esses questionamentos acerca dos Campos Gerais.

O terreno descamba cada vez mais até a Ilha, e os arbustos diminuem também de altura na mesma proporção, até que se avistem os “Campos Gerais”, que surgem como um mundo novo. Planícies imensas e inteiramente descampadas, ou então colinas de declive suave que se prolongam em série, cobertas de capim alto e ressequido, e de arbustos esparsos, se desdobram a perder de vista. Esses campos, que se estendem até o Rio São Francisco, Pernambuco, Goiás e além são cortados em diferentes direções por vales, em que nascem rios que descem do planalto para o mar. O mais notável deles é o Rio São Francisco que nasce na Serra da Canastra, e pode ser considerado como formando o limite entre as capitânicas de Minas Gerais e Goiás. (...) Esses Campos Gerais não são perfeitamente planos; sua superfície apresenta alternadamente fracas elevações e

planaltos, mas seu aspecto é uniforme e inanimado, sobretudo na estação da seca. Todavia não são tão despidos como os “lhanos” e os pampas, e menos ainda que as estepes do Velho Mundo, pois são sempre cobertos de plantas baixas, que as vezes crescem bastante; pequenos arbustos cobrem comumente os declives e, algumas vezes, o planalto todo; por conseguinte, os raios do sol não produzem efeitos tão violentos como nos “lhanos”, e neles não sopram os ventos secos e abrasantes, nem os turbilhões de areia, tão incômodos para os viajantes nos lhanos da América, nos desertos da África e Ásia, e nas estepes da Ásia (HILAIRE, 1981, p. 335).

Segundo dados do Professor Ivo das Chagas (2003), os campos gerais começam a aparecer na margem esquerda do rio São Francisco, no oeste e noroeste do estado de Minas Gerais, alcançando e dominando a paisagem do oeste da Bahia, Goiás, Piauí e o Maranhão (pelo menos boa parte). Os campos gerais são a região mais protegida com relação à água, com abundância de buritizais. Guimarães Rosa (2007) nos diz sobre as águas muitas que existem nos Gerais. “O senhor vê, nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando debaixo da terra. O senhor dorme é sobre um rio” (ROSA, 2007, p.73). Nos gerais predominam as veredas, formadas por buritizais e pequenos riachos que correm entre elas. “Onde há buriti, existe, na certa, água aflorando e nos raros casos em que isso não acontece ele mesmo se encarrega de fornecê-la” (PROENÇA, 1943, p. 142).

Para o sertanejo, o buriti é também um poço de virtudes. Tudo dele é aproveitado as folhas, os frutos, o caule. Embarcações eram feitas de buriti, cestas, redes, coberturas de casas. Era utilizado pra fazer doces, bolos... São muitas as utilidades da palmeira. Martius nos conta que, em São Romão, costumava-se dar um certo numero de buritis a uma filha como dote de casamento.

O buriti é a árvore da bondade, considerada pelos habitantes do sertão como sagrada. É elegante e compõe uma bela paisagem do sertão. Enchia de beleza os olhos do viajante pelo balançar de seus leques, oferecendo uma paisagem de refrescância e calma. Paisagem que encanta pela beleza como expressa Guimarães Rosa, que a palmeira não é apenas uma árvore grande, mas antes, a presença de uma paisagem mágica. O balançar do vento nas suas folhas, o seu reflexo nas águas claras e espelhadas das veredas, permite um ar de devaneios e sonhos diante da imagem que se reflete. Muitos dos viajantes, cansados de tanto andar por esses sertões dos Gerais, devem ter parado com a sua gente, embaixo de um buritizal para descansar o corpo e apreciar o riozinho que corre entre as palmeiras.

2.2.1 A natureza e o sertanejo

A literatura sertaneja revela que as características físicas do lugar sertão parecem refletir-se na identidade, na personalidade, no modo de vida e na própria figura humana do sertanejo. Euclides da Cunha estabelece uma relação entre a terra e o homem do sertão. “O homem é inconstante como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela o talhou à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto” (CUNHA, 1979, p. 84).

Em Euclides da Cunha está revelada a capacidade de o ser humano mesclar-se com o seu lugar de vida, habituando-se a conviver com a seca e com todas as conseqüências que ela traz para a vida do homem, como uma vida de miséria e de luta cotidiana para a sobrevivência. E, quando vem a chuva, chega de forma impiedosa.

São dois os cenários que o sertanejo convive, o da chuva e o solo verdejante, e um outro, de uma terra áspera e espinhenta; ora com água em abundância, que corre pelos rios e córregos, com as temerosas enchentes na época das cheias das águas; ora com uma terra vermelha, de poeira fina, onde, por todos os lados, se avista o cerrado e a caatinga, com suas árvores miúdas, ásperas e resistentes, com seus galhos que na seca parecem quase sem vida. “Nas noites de lua os ramos desfolhados e retorcidos produzem efeitos de sombra que fazem compreender porque existem tantas histórias de assombração” (PROENÇA, 1943, p. 36).

Diversos são os autores que nos informam sobre essa realidade do sertanejo e o seu “lugar sertão”: Raquel de Queiroz, José de Alencar, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Afonso Arinos, entre outros. Ao longo de toda a história do Brasil, muitas foram as percepções deixadas pelos portugueses, pelos viajantes e cronistas que, das mais diversas maneiras, procuraram caracterizar o homem do sertão.

Assim como possuímos as nossas histórias de vidas, possuímos também as nossas geografias. Os lugares, em seus modos de vidas, revelam muito de nós mesmos, a nossa identidade. Os nossos gestos, a maneira de falar são definições dos lugares onde vivemos. Isso pode ser bem compreendido em geógrafos como Yi-Fu-Tuan, Milton Santos, entre outros, os quais nos mostram sobre esse elo que une as gentes e os lugares. Nesse sentido, o sertão e a sua gente são, ao mesmo tempo, pessoa e lugar.

Por muitos anos, ao longo da história, as regiões sertanejas foram demarcadas pelos currais, pela expansão da pecuária, devido ao solo, que não era muito propício à agricultura, como revela M. Cavalcanti Proença. No sertão viviam os vaqueiros, os pastores do deserto, com suas vestimentas de couro, um facão pendurado na cintura, as botas. Retratando, no estilo de vestir, a terra áspera e espinhenta em que viviam, como descrevem muitos viajantes.

A expansão dos currais influenciou o sertanejo em seus costumes, sua maneira de vestir, de habitar. Esse modo de viver, lidando com o gado, proporcionou, também, uma intimidade com a natureza. A própria estrutura social do homem sertanejo sofreu influências desse ajustar-se com o espaço geográfico dos currais, o que imprimiu, nesses agrupamentos, as características de uma unidade regional, uma identidade regional.

Em casa o homem traja apenas umas calças de algodão branco, curtas e abertas nos joelhos, e, por cima, uma camisa do mesmo tecido ou de chita estampa de cores diversas. Igualmente simples é o vestuário das crianças e das mulheres, as quais além de tudo são privadas, do privilégio dos chinelos. Nas caçadas ou no serviço de campeiro, o sertanejo usa calças compridas, de couro de capivara ou de veado, que vestem com uma só peça as pernas e os pés, e uma jaqueta curta; cobre a cabeça com um chapéu de copa hemisférica baixa de aba larga, com uma pala presa, para proteção contra os espinhos (...) Um facão metido na bota ou no cinturão é a sua arma ordinária; de resto ele maneja tão bem o laço, como peão das províncias do Sul. (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 76).

“Esses pastores do sertão” eram percebidos como componentes de uma primitiva sociedade, onde as leis eram regidas pela natureza, leis que não estão registradas em papéis, mas que são respeitadas por todos. Homens que se organizavam em grupos, para caçadas; muitos eram os mutirões em que se reuniam, para trabalhos de lida com a terra. Há estudos sobre a sociedade camponesa que nos falam dessa realidade.

A vida do homem sertanejo era regida pelo tempo da natureza. A natureza era o fio condutor para a organização do seu viver. Nos seus tempos de cheias e de secas, os rios, em suas águas volumosas e baixas, compunham o calendário natural de vida dessas gentes; o que faz com que essa relação de homem-natureza seja um traço marcante dessa psicologia sertaneja. Como assinala M. Cavalcanti Proença:

A fraternidade para com os bichos, herança de índios que aprendiam com os animais a sua medicina, que descendiam de animais e que neles se transformavam depois de mortos. Deles aprendem os sertanejos a considerar os bichos como irmãos e não como inferiores, segundo o Gênesis que manda que o homem domine os peixes do mar, as aves do céu e os animais que se movem sobre a terra (PROENÇA, 1943, p. 68).

Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas* já falava sobre essa relação de intimidade entre o homem e a natureza do sertão. O carinho e a delicadeza que Riobaldo, o personagem jagunço e narrador do romance, diz sobre as aves, o céu do sertão, as veredas em suas águas espelhadas, os rios, os riachos e os riachinhos; merecendo um destaque maior para o “Manuelzinho da Croa”, como no dizer de Riobaldo, o passarinho que cultivava carinhos.

O rio, objeto assim a gente observou, com uma croa de areia amarela, e uma praia larga: manhazando, ali estava em instância de pássaro. O Reinaldo mesmo chamou minha atenção. O comum essas garças, enfileirantes, de toda brancura; o jaburu; o pato verde; topetudo; marrequinhos, martim pescador; mergulhão; e até uns urubus, com aquele triste preto que mancha. Mas, melhor de todos – conforme o Reinaldo disse – é o passarim mais bonito de rio-abaixo e rio-acima é o manuelzinho da croa (ROSA, 1985, p. 134).

Os viajantes descreviam os sertanejos de Minas como homens sensíveis e hospitaleiros. Descrevem a mistura das raças por meio de cores que diferenciam as diferentes figuras humanas do sertão. De acordo com eles, o homem do sertão pode ser considerado como uma gente rude e com pouca instrução, pela maneira de se vestir, de se portar diante das pessoas.

O acolhimento, por toda parte nesse sertão, não era menos hospitaleiro. O sertanejo é criatura da natureza, sem instrução, sem exigências, de costumes simples e rudes. Envergonhado de si próprio e de todos que o cercam, falta-lhe o sentimento de delicadeza moral, o que já se demonstra pela negligência no modo de vestir; porém, é bem intencionado, prestativo, nada egoísta e de gênero pacífico. (...) Ademais, só a mínima parte dos sertanejos é de origem puramente européia; a maioria consta de mulatos, na quarta ou na quinta geração; outros são mestiços de índios com negros ou de europeus com índios. Escravos e negros são raros, devido a miséria geral dos colonos; os trabalhos da lavoura e da criação de gado são feitos pelos próprios membros da família (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 76).

Muitas são as percepções dos viajantes em relação à população negra, com uma arrogância peculiar, como se a cor da pele fosse o único conotativo para a composição de ignorância de uma pessoa, esquecendo, assim, de um leque de questões que compõe essa problemática racial. E assim a população brasileira se definia nos olhares europeus entre brancos e negros. Richard Burton em sua passagem de “viajante navegante” pelo Arraial de Manga³ revela, de acordo com o olhar típico de sua época, que quanto mais escura fosse a cor da pele, mais rude e ignorante seria o homem do sertão. Assim sendo, a cor da pele servia a uma definição da classe social, sendo os rostos mais claros pertencentes a pessoas e famílias de posições sociais mais elevadas.

³ Segundo Richard Burton, Arraial da Manga, chamado geralmente de Porto. P. 159

O acolhimento, por toda parte nesse sertão, não era menos hospitaleiro. Entre esses respeitáveis mestiços, há os que são, invariavelmente, bem educados e prestimosos. A falta de educação aumenta com a pigmentação da pele, e, às vezes, quando essa é muito escura, surge a arrogância peculiar do negro, que usa de uma grosseria bem intencional (BURTON, 1977, p. 159).

2.2.2 A influencia da música e da religião

Um aspecto citado e que chama a atenção refere-se à religiosidade do sertanejo e aos rituais e valores, entre os quais ele se move, na vida, em termos de crença em um Deus.

A solidão era a definição da personalidade do homem do sertão. Nenhuma instrução os vem procurar em seus desertos, eles terminam por se achar estranhos às mais simples noções da moral e da religião, numa palavra, uma profunda indiferença por tudo o que existe além da sua solidão, é o sinal distintivo de seu caráter (DENIS, 1980, p. 384).

A fé do sertanejo não aparecia, aos olhos de Dênis, vinculada a qualquer instituição religiosa, talvez pela própria solidão que cercava a vida daqueles homens. Os cultos religiosos não eram freqüentes em diversas regiões do sertão, havia padres que celebravam missas somente em algumas regiões mais povoadas. Os sertanejos mais isolados se restringiam apenas ao batismo, o casamento e à extrema-unção. Aqueles que quisessem participar das cerimônias religiosas tinham que se deslocar de seus lugares e ir a uma região próxima, onde elas aconteciam.

Segundo Ferdinand Denis, essa suposta ausência de crença dos sertanejos abriria espaço para inúmeras superstições e esquisitices. “E, se o sertão de Minas não é a região das práticas minuciosas do culto, como certas partes do Brasil, é a pátria dos adivinhos e feiticeiros” (DENIS, 1980, p. 384). Ferdinand Denis prossegue dizendo que, por muitos anos, a fé do sertanejo de uma das regiões pelas quais ele passou estaria ligada a um velho homem que por ali vivia e transmitia os seus ensinamentos sagrados para os moradores do lugar.

Percebo que essa “ausência de crença” a que se refere o viajante relaciona-se aos padrões formais da religião, como, por exemplo, a igreja católica. Porém, não se pode dizer que existe uma “ausência de crença” do sertanejo, pois mesmo o que ele o viajante chama de esquisitices são filosofias de vidas, regidas por um “acreditar”.

Existe um misticismo que é natural nas regiões sertanejas, que estão relacionadas com a natureza. É comum encontrar pelos sertões até nos dias atuais, mulheres benzedeadas que com os seus ramos e algumas palavras de fé, benzem contra o “olho ruim”, “quebranto” etc. Há lugares que as roças são benzidas, contra as pragas dos insetos. Estes homens e mulheres acostumados a viver e a conviver com a seca, que traz fome e sede, são corajosos e fortes, e a fé é uma constante em suas vidas. Desde tempos antigos que é sabido de novenas para na esperança da chegada da chuva.

A solidão do homem que vive no e com o sertão é um aspecto que ganha destaque, também, em Martius. A solidão e a falta de ocupação espiritual arrastam o sertanejo para o jogo de cartas e dados e para o amor sensual, no qual, incitado pelo seu temperamento insaciável e pelo calor do clima, goza com requinte. “O ciúme é quase a única paixão que o leva até ao crime”. (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 76). Duas solidões que se tocam e se penetram, a solidão da paisagem em seus vastos desertos refletindo na solidão da vida do homem.

Ao associar o clima quente a uma natural sensualidade no amor, na paixão, ela lhe aparece quente como o sol forte do sertão que queima a pele. E uma vida sensual e guiada por frágeis valores estaria associada a uma também suposta ausência de uma vida religiosa e espiritual mais intensa. Sabemos, de leituras de Euclides da Cunha e de João Guimarães Rosa, entre outros, que a verdade não seria bem esta. Pois até mesmo entre jagunços e cangaceiros uma religiosidade sertaneja conduzia uma vida que, entre momentos de intensa violência, era, no entanto, pautada por preceitos e práticas de fé e de devoção. São muitas as manifestações religiosas dos sertanejos, a devoção em alguns santos; na região do São Francisco, por exemplo, o Santo Bom Jesus da Lapa era reverenciado pelos trabalhadores do campo, pelos remeiros, canoeiros. Como os próprios trabalhadores do rio, os remeiros e vaporzeiros, irão detalhar no capítulo seguinte.

A solidão, como companheira da vida do sertão, torna o sertanejo um ser sensível aberto ao amor, e sonha achar um companheiro de destino ou uma companheira para vida. A música retrata bem a poesia de uma vida sertaneja, tal como a podemos perceber nas modas de violas. Em suas melodiosas sonoridades e em suas pesarosas letras podemos observar algumas

representações de ser do sertão, em seus amores sonhados e desamores vividos e lamentados.

Ferdinand Denis escreve sobre isso:

Como os pastores do Peru, como os do Chile e dos Pampas, os sertanejos do Brasil tem seus iarabis tristes, seus cantos de amor, que repetem na solidão. Estas modinhas melancólicas que poderiam causar inveja a habitantes de São Paulo, foram por certo imitadas dos ditos habitantes dos vales de Piratininga. Têm também suas cantigas de pastoreios, confessamos que, uma vez as tendo ouvido, nos parece difícil esquecer esta poesia selvagem, sonhada no deserto. É porque ouvimos, com profunda emoção, um destes pastores exilados, que já tentamos descrever, em outra obra, uma poesia que ninguém se preocupa em recolher, e que, todavia é marcada por uma inspiração poderosa (DENIS, 1980, p. 386).

As cantigas, as modas cantadas ao som da viola e da rabeca, são paisagens musicais tecidas como um bordado de fino traço, onde aparece a poesia de uma vida sertaneja, rústica e até mesmo áspera, mas vivida com intensidade e sentimento. E ainda há os cantos do trabalho na lavoura, na lida com o gado e até mesmo no trabalho feminino, aparentemente rotineiro. Na beira do Rio São Francisco até hoje as mulheres lavadeiras cantarolam as suas cantigas, misturando-as com o som que vem das águas.

Essa sensibilidade musical do sertanejo surpreendia o viajante, que dele possuía a idéia de um homem rude e sem instrução, mas com uma tão surpreendente poética, presente para música. George Gardner foi um deles. Ao passar pela vila de São Romão, ele ficou surpreso ao ouvir o som de uma rabeca por quase todas as casas. O som desse instrumento musical era bastante comum no lugar, fazendo parte da educação dos habitantes, sobretudo entre as mulheres; era uma pequena vila no interior de Minas, situada nas beiras do São Francisco, um espaço de sonoridades de arte através da música. A percepção de que o sertanejo é um homem rude, sem instrução, sem religião, grosseiro e bruto é relativizada, sob o seu olhar.

Na primeira tarde, ao passear pela vila, fiquei surpreendido por ouvir tocar uma ou mais rabecas em quase todas as casas. É um instrumento usado quase exclusivamente pelos barbeiros no Rio de Janeiro e outras grandes cidades do litoral, mas no interior é raro encontrá-lo porque a guitarra é muito preferida e tocada em geral tanto por homens como por mulheres. Em São Romão, porém, a moda é diferente e a educação de uma moça não se considera completa senão quando aprende a manejar o arco (GARDNER, 1975, p. 189).

A passagem por lugares diferentes, com hábitos de vidas diversos, mesmo que de forma efêmera, ainda permitia um envolvimento do viajante com o lugar, por dias ou semanas. O espaço em que convivia entre gentes e natureza era também o seu lugar de passagem; o mesmo

que também ajudaria na escrita dos relatos. Quanto maior a proximidade com as pessoas dos lugares, maior seria o fluir da escrita. Na citação que se segue, de Spix e Martius, podemos ver um bom exemplo de trocas sociais, quando os viajantes e a sua equipe são convidados por um sertanejo a tocarem juntos. Tamanha foi à surpresa do viajante, pois não esperava encontrar no sertão entretenimentos musicais. A descrição abaixo é de um profundo conhecedor de música, vivendo em pleno coração do sertão.

Um sertanejo, que habitava vinte léguas a oeste de Salgado, e casualmente tinha ouvido falar de nossa prática de amadores de música, mandou um mensageiro, para pedir-nos o prazer de tocar conosco em quarteto. Ao cabo de alguns dias, apareceu o moreno Orfeu das selvas, à frente da mais estranha caravana. Às costas de mulas, trazia ele uma viola, violinos, trombetas, estantes para música, e, como testemunha de sua dedicação, a mulher e os filhos. Dois de seus vaqueiros tocaram as partes secundárias, e, com alegre confiança, atacamos os mais antigos quartetos de Pleyel. Que mais alto triunfo podia celebrar o mestre do que exercer o poder de sua música aqui, no sertão americano? E, com efeito, o gênio musical pairava sobre a nossa tentativa, encantados eram músicos e ouvintes, e tu, excelente melômano, João Raposo, viverás sempre em minha memória, com as tuas feições animadas por triunfante enlevo! (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 94).

No caminho de suas andanças, em cada novo lugar, um ritmo de viver, particularidades de um sertão grande e cheio de surpresas. Não quero me alongar por demais nesse momento da viagem. Espero ter conseguido passar mesmo que de forma não tão profunda, o homem sertanejo na percepção do viajante do século XIX.

É importante destacar a época em que cada viajante passou pelos lugares que descreveu, pois cada viagem é um testemunho do que se vê e vive, num exato momento de passagem, preso a uma época. Assim, podemos imaginar que o viajante não é senhor do que vê e nem um dono da razão. O próprio Saint-Hilaire no prefácio do seu livro “Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, comenta” “que o viajante não pode ver tudo com seus próprios olhos. Passa quando se está semeando, já estará longe quando se fizer a colheita”. (p. 4) E ele lembra que muitas informações são obtidas por outras pessoas, o que pode levá-lo a enganar-se, e dar informações incorretas.

Isto nos leva a um exercício constante de voltarmos no tempo e observar as representações dos espaços descritos no olhar do viajante e tentar contrapô-las às representações do presente.

Cada um descreve o sertão que vê, o espaço que percebe e vive, no instante da passagem. E, assim, o sertão do século XIX é apresentado possuindo no caminhar errante, a marca essencial do ser viajante, em seu olhar minucioso de naturalista, associado a uma mão de cartógrafo ou de paisagista, colhendo o que vê e sendo ele mesmo uma espécie de “museu de tudo” como no dizer de Flora Sussekind (1995, p. 64).

2.3 Uma “barca” no São Francisco...

Ao longo de uma viagem que vem de séculos atrás e que passou por paisagens e pessoas dos sertões de Minas Gerais, estamos chegando finalmente ao porto que mais importa aqui. O nosso encontro e também o dos nossos viajantes – com o São Francisco, nosso destino. Confesso ao leitor que nesse momento de escrita, em que me deparei com o São Francisco espiado de fora, no olhar desses homens estrangeiros, encontrei, entre muitas escritas e rasuras, sob o que dizer sobre o rio, na percepção do viajante.

Em momentos atrás, falo sobre o sertão humanizado, e esse sertão, como já disse algumas vezes, neste capítulo, são lugares próximos ao São Francisco. Aí pensei que, talvez, ficasse redundante falar sobre o rio humanizado, uma vez que já tinha dito sobre o homem do sertão, que é também, nesse caso específico, o homem barranqueiro do São Francisco. Como a idéia é de fluxo de uma viagem em movimento de vidas e águas, não queria que este momento fosse de redundância. Por isso não quis falar aqui, sobre as cidades barranqueiras e as suas gentes, não desmerecendo a importância desses lugares. Histórias e geografias de vidas foram e são cartografadas nesses espaços, sendo eles os lugares povoados por uma gente que vive nas margens do rio, configurando se em beiradeiros, barranqueiros, ribeirinhos, gentes das ribeiras do rio.

No entanto, muitas são as passagens e as descrições em que o viajante se refere ao São Francisco, em tempos de cheias, de secas, em águas claras e barrentas, em correntezas e calmarias. E não conseguiria descrevê-las e refleti-las com profundidade, neste momento, sem me alongar, por demais, na escrita.

Diante de tudo isso que acabo de expor, ao ler os relatos de Richard Burton, em sua viagem de canoa, de Sabará ao Oceano Atlântico, preferi seguir na companhia desse único viajante, pois foi através deles, que obtive dados mais detalhados sobre o rio. Toda a idéia da pesquisa perpassa por um rio que viaja em suas correntes de águas e homens que navegaram através das águas do São Francisco, como é o caso dos antigos vaporzeiros e remeiros.

Richard Burton, em um barco de nome “Elisa”, percorreu o itinerário das águas São Franciscanas. Observou e descreveu as gentes barranqueiras, o sistema do rio, os lugares beiradeiros, a navegação, os simbolismos do rio. Nada mais justo que ser ele o nosso guia dessa viagem pelo São Francisco.

Orientar-nos-emos por umas poucas páginas do seu livro: Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico, nas páginas 171 a 175. Onde ele menciona ter visto no Arraial da Manga, pela primeira vez, uma barca, que consistia em uma embarcação grande, como outras que faziam o comercio ambulante da região.

Ao ler com cuidado essas cinco páginas, não tive mais dúvidas que era por elas que deveria me orientar, nesse momento de escrita. Nessas páginas, pelas quais iremos nos guiar, Richard Burton descreve o rio dos barqueiros. É com esse rio dos barqueiros descritos pelo olhar detalhista do viajante inglês que faço a travessia para a outra viagem que se segue, no capítulo 3, na voz e no dizer dos próprios trabalhadores viajantes desse rio.

Não colocarei aqui citações fragmentadas, como vinha fazendo até então, para não perder os pormenores da narrativa do viajante. A idéia aqui é deixar o seu dizer, na inteireza da sua narrativa. Colocarei apenas alguns títulos a fim de orientar a leitura por assuntos. Portanto viagem nas palavras de Richar Burton⁴.

⁴ A fala do viajante Richard Burton está em itálico e em espaço simples. Os grifos são nossos das páginas 171 a 175, onde o viajante descreve o barqueiro, que na verdade é o remeiro, o “moço de barca” como informa Zanoni Neves no livro “Remeiros do São Francisco”.

A etnografia da barca:

“Em Manga, vimos pela primeira vez a ‘barca’, que fez com que meu companheiro se lembrasse de ‘yawl’ do Mississipi. Só apareceu nos últimos quarenta anos; antes daquele tempo, todo o serviço era feito por ajojos e canoas. O formato provavelmente é copiado do Douro, mas aqui assumiu mais o estilo holandês, arredondado, para se adaptar melhor ao rio; falta-lhe, também, a imensa quilha de deriva portuguesa, embora de modo algum esteja privada de um leme grande e forte. As pranchas são das melhores madeiras da região, cedro ou vinhático, a quilha é de aroeira e as costelas ou cavernas, do mesmo modo que as peças transversais e os passadiços, são da dura e resistentes roscas. O comprimento é de uns 15 metros por 5 de largura, calando 1,1 ou 1,6 metros quando carregada, e podendo transportar 400 arrobas, calculadas em rapaduras, cada uma de 2 quilos aproximadamente. Em Salgado foi construída a ‘Nossa Senhora da Conceição da Praia’, agora fora de serviço; tinha 27 metros de comprimento e 2 metros de calado. Essas grandes embarcações são sempre de fundo chato (de prato), por causa dos baixios. As quilhas são perigosas, pois provocam inclinações e desequilíbrio, quando a corrente leva a embarcação para os lugares rasos. As proas e popas são elevadas, como nas antigas caravelas, e o carregamento é coberto com esteiras ou couros no meio da barca, deixando uma estreita passagem de cada lado. Acima de Paulo Afonso, o toldo é colocado muito erroneamente, na popa, e reduzem suas dimensões. (...) A cabine de popa, com 2,5 metros de comprimento no mínimo, às vezes ocupa uma quarta parte da extensão da barca e é feita de pranchas resistentes e, nas embarcações mais pobres, coberta com folhas das palmeiras indaiá ou carnaúba, ou mesmo com capim; as extremidades da cobertura prolongam-se dos dois lados, para proteção contra a chuva. O dono de barca mais rico, adota uma denominação pomposa para sua barca, como ‘Baronesa de Minas’, e ostenta uma bandeira com uma ‘Santa Maria’ e portas e janelas de vidro, que é também sua casa de comércio, é guarnecida de prateleiras para as mercadorias; ele se balança comodamente em uma rede e não faz as refeições em uma mesa sem toalha. A tripulação de uma embarcação é do tamanho médio é, aproximadamente de dez homens, sendo os extremos seis e quatorze. O piloto fica sentado de pé junto do leme, na popa elevada. Os homens vestidos de saiotos brancos e, às vezes, de camisas esfarrapadas, com chapéus de couro ou de palha, trabalham pesadamente. Suas varas de cerca de 7 metros de comprimento, são muito pesadas do que as do ajojo, e, como a lança dos beduínos, seu manejo exige mão adestrada. Usam também enormes remos, que um homem puxa e o outro empurra. Durante as cheias pode fazer a embarcação avançar à media de duas léguas por dia, à custa como dizem, de buracos em seus peitos e expostos a todos os insetos das praias; por isso via de regra, só fazem uma viagem por ano, e, no começo das chuvas voltam para a casa, onde cultivavam a terra para si mesmo ou para os outros”.

Os trabalhadores:

No grande rio, os barqueiros não abandonam sua profissão; é constante contratá-lo por travessia ou viagem, das quais, como se verá, há onze. Contratei os serviços dos

primos Manuel Cassimiro de Oliveira e Justino Francisco da Conceição; ambos eram muito pretos, e o último, com 2 metros e 7,5 centímetros de altura, fazia me lembrar o ‘Guled Comprido’ da Somália. Os dois conheciam bem o rio, eram bem educados e cumpridores do dever, mas faltava-lhes o ânimo e a disposição da tripulação montanhosa. Em geral, os piores trabalhadores são os que oferecem seus serviços aos forasteiros e estes podem ver-se assim sem apuros. Todos os homens desta região são mais ou menos ‘anfíbios’; a canoa, como dizem é o seu cavalo. O barqueiro de verdade é um tipo tão característico como o barqueiros dos velhos dias na Inglaterra, é também um homem que nasceu livre; poucos viajantes gostam de empregar escravos. Mais industrioso que os nossos marinheiros, como o africano, ele está inteiramente familiarizado com todas as pequenas atividades necessárias ao seu bem estar; é capaz de construir sua casa ou seu abrigo e de fazer telhas ou suas roupa - artes que, entre os civilizados, exigem a divisão do trabalho. Assim senso, ele é, em geral, inferior aos de sua própria classe nas terras mais adiantadas, onde a sociedade dividiu-se em camadas mais estreitas. (...) O barqueiro exemplar é sossegado, inteligente razoavelmente forte, muito respeitador do patrão, o proprietário ou possuidor da embarcação. Habitualmente, evita beber em companhia de outros, receando as brigas que as bebedeiras acarretam. Os piores são os viciados incuráveis em cachaça e mulheres, no samba e pagode noturno, as ‘orgias’ da terra. Minha última turma seria um bom exemplo dos maus elementos. Todos são cabeçudos, um tipo de ‘autônomos’, que seguem seu próprio caminho e não gostam de ser dirigidos ou contrariados. Fui aconselhado a levar comigo bastante cachaça e fumo, para impedir que os homens desembarcassem diante de cada casa que vissem. Tem um apetite enorme, que vem, dizem eles, do balanço do barco. É, provavelmente uma herança dos índios; como se sabe, os selvagens sacrificavam tudo pelo alimento, e comiam com a voracidade de um jaguar. Embora soubessem que lhes fazia mal, os barqueiros como os peruanos com a ‘chancaca’, deleitavam-se com a rapadura; vi um homem comer um quilo de rapadura de uma assentada. (...) O resto de sua dieta é jacuba, carne seca, melancia e feijão com toucinho. Quase todos fumam, poucos tomam rapé e pouquíssimos mascam fumo.

Cotidiano cantado!

Tem também o hábito hindu do carregador de liteiras que, quando impertinente, improvisa canções a cerca do patrão. A língua facilita a rima, mas o estrangeiro fica atônito diante da facilidade com que homens e mulheres, acorados, respondem uns aos outros, em versos corretos, sem um momento de hesitação. Deveriam ouvir o barqueiro do São Francisco cantando um desafio com sua “moça” e fazendo canções a respeito de tudo. (...) Naturalmente o assunto é quase sempre o amor. O barqueiro deleita-se em ouvir, “largas goelas”, com a voz mais alta, versos assim:

*Ontem vi uma dama
Por meu respeito chorar*

Exalta, eternamente a cor de canela destas regiões e é severo para as mulheres que se atrevem a enganar o desventurado tropeiro ou barqueiro:

*Mulher que engana tropeiro
Merece couro dobrado.
Coitadinho do tropeiro, coitado! (Coro)*

Assim manda Mariquinha por a panela no fogo:

*Bota o frango na panela.
Quando vejo coisa boa
Não posso deixar perder.
Ô piloto! (coro)*

Algumas canções ainda ressoam nos meus ouvidos(...) Quanto mais alto eles cantam, melhor para a viagem, parece que revivem com elas.

Encantos do rio!

As superstições dos barqueiros são tão numerosas quanto as suas canções. Acreditam firmemente no duende ou goiajara, mágicos e feiticeiros, no lobisomem de Portugal, (...) nas almas, na aparição do esqueleto, no galo preto em que se transformou um mau padre, num capetinha. Contam casos curiosos a respeito do “cavalo d’água” e outros animais fabulosos. Aquela besta é do tamanho de um poldro, com cascos redondos, pêlo vermelho e gosta de pastar nas margens dos rios. O menino afirmava que já o viu em um poço abaixo da cachoeira dos Gerais, no Rio das Velhas, e que um moço atirou nele. O cachorrinho d’água tem pêlo branco e uma estrela cor de ouro na testa; quem o avistar terá o dom da fartura. O minhocão (...) tem 40 metros de comprimento por 70 centímetros de diâmetro, a forma de um barril, sem escamas, cor de bronze e uma boca pequena bigoduda. Halfed (“relatório” 119) conta que seus homens tomaram um tronco pelo minhocão, que considero fabuloso. Mais abaixo, iríamos passar em uma parte da margem do rio estragada pelo minhocão e muitos homens instruídos ainda não têm opinião formada sobre o assunto. Essa superstição é evidentemente de origem indígena.

Em Manga, despedi, com as melhores recomendações a futuros viajantes, meu velho e bom piloto, Chico Diniz, e seu companheiro, João Pereira.

Richard Burton nos contou sobre os barqueiros, descrevendo algumas características dos seus modos de vidas, suas crenças e superstições, seus hábitos e costumes. Aqui foi o viajante quem falou sobre os homens trabalhadores de barcas. No capítulo que se segue, o próprio remeiro nos contará o acontecer das viagens, por meio de suas lembranças. Duas percepções diferentes, a do naturalista estrangeiro que passou pela região do São Francisco, em 1867, e que conta o que viu, e o remeiro, já do século XX, João de Félix. Percepções e posições também diferentes, as do homem que observou e teve a oportunidade de viajar conduzido pelos braços fortes dos remeiros, e as do remeiro que, com a sua força bruta, levava as embarcações e os viajantes.

Esses dois capítulos têm muito em comum, nessas duas viagens distintas no espaço e no tempo. Mais deixarei que o próprio leitor faça as suas correlações, não quero que a minha ansiedade diminua a sua curiosidade.

3 MARGENS ESCRITAS: *per-cursos de águas e vidas*

3.1 O Rio e a vida

Apreendi com a minha fonte a não esquecer. Assim, eu aprendi que sou as águas claras, infinitas, porque a cada instante sou cada gota de mim e sou todas elas. E se sou água que vai, sou todas as águas e, assim sendo, sou uma parte e sou o todo de tudo o que há. Das serras onde estou sempre nascendo, desço e vou, viajo: é o meu destino (BRANDÃO, 2002, p. 13).

Espaços e tempos de correntezas, de águas claras e barrentas, mansas e revoltas, entre apitos de vapores que anunciam chegadas e partidas entre portos, entre margens, na delicadeza da paisagem do sertão que os sábios homens do rio vão-me contando, rememorando. Não consigo separar quem é esse homem que me conta sobre a sua vida, do rio de que ele tanto fala, ao narrar para mim essa sua vida, que sendo a dele, um vaporzeiro, é também uma vida-viagem e é, ainda, a vida do rio em que viajava, tal como e ela agora viaja dentro dele, entre estradas de água dos afetos da memória. É como se a vida de cada um deles, do Sr. Cícero, do Sr. João de Félix, do Sr. Cassiano e do Sr. Valdemar, seguisse, como um rio-de-vida dentro de um rio-de-águas e vidas, o caminho do Rio São Francisco.

Fiéis companheiros de viagem-vida-pesquisa, homens que hoje, no crepúsculo de suas vidas, relembram vidas e narram, como lembranças vivas, as suas histórias de um rio, através de suas memórias. São eles os representantes vivos de um passado não tão remoto assim, em que se vivia o São Francisco como um rio-estrada. Uma estrada de águas por onde, rio abaixo e rio acima, eram transportadas gentes, bichos e cargas. Entre corpos fortes e muitas vezes cansados, sustentavam a viagem do grande barco, entre tempos de céu aberto e fechado, de rio bravo e rio manso, lá estavam eles, tentando fazer a travessia.

Hoje realizam a travessia navegando por águas da memória, por um rio que ainda vive e pulsa no coração, na voz e na mente de cada um. Tudo lembra o rio... a presença do rio... a imagem do rio... Desde a carranca na porta de entrada das casas, as fotografias em branco e preto na parede; nelas estão eles de uniforme e em posição de trabalho, como servidores da navegação do São Francisco. Fotografias também de vapores e imagens de São Francisco de Assis.

Simbologias de uma vida vivida dentro do rio. Tenho a sensação de que esses homens sertanejos e barranqueiros são a continuação das águas, a continuação do rio. O rio vivendo em forma de homem ou homens que são memórias das águas.

Essa unidade de homem-rio, presente em todos esses símbolos, que traz o rio para o interior das casas, me faz recordar, agora, de uma frase que é título de um dos livros de Carlos Brandão, “São Francisco, meu destino”. Destino de quem viveu uma vida inteira nas beiras do rio. E que hoje, já no outono da vida, seguem sendo canoieiros da alma, navegando por esse rio de São Francisco, que vive no interior de cada um deles. “Nosso destino é a água que corre”, diz Gaston Bachelard (1989) em: “A água e os sonhos”. “*Que me deixem morrer na beira desse rio*”, pede o Sr Cícero.

São Francisco, meu destino! São Francisco, nosso destino! Dos vaporzeiros, meus interlocutores efetivos e afetivos (efetivos, pois se trata de uma pesquisa, e afetivos, pois eles se tornaram para mim companheiros desta viagem-vida-pesquisa). Eles, em suas longas jornadas de trabalho, navegadas pelo rio; jornadas que foram, ao mesmo tempo, aventuras e trabalho, e que hoje são contadas, a mim, por águas da memória que, como as de um rio, fluem de sua fonte de origem, na mente e no coração, até a foz da voz de quem me narra e recorda. Fatos e feitos que eles, os vaporzeiros, discorrem entre memórias e relatos, e que eu escuto, viajando com eles pelo longo caminho, nesse rio de leituras e interpretações, em que os meus devaneios me permitem uma travessia imaginária de águas, vidas e sonhos.

São Francisco, nosso destino! O nosso “Rio”, o rio que pesquisamos, e que por muitas e muitas vezes foi o cenário de aulas e conversas de orientações, de um caminho metodológico para a construção desta dissertação. São essas e tantas outras águas de afetos que se encontram e se misturam, seguindo juntas o curso do Rio São Francisco.

Sensibilidades que se tocam, que se penetram e se misturam, num só rio de sentimentos. Esse olhar por tabela entre espelhos, esse enxergar o rio através dos olhos do outro, levou-me a compreender e re-significar os rios que existem dentro de mim. Ao ouvi-los, ia mesclando as minhas histórias com as suas histórias. Em cada conversa, um encontro de rios sentidos e vividos; algo que, com o passar de um breve tempo, deixou clareadas as nossas “*topofilias*”. Algo que Yi-Fu-Tuan, em sua geografia afetiva, chama de “amor ao lugar”.

Neste sentido, coloco-me atentamente na condição de “espelho” e de “escuta” desses trabalhadores de rio, vaporzeiros e remeiros que navegavam sob uma velocidade de outros tempos; lentos tempos do viajar dias e dias ao longo do rio, permitindo que a vida viaje no ritmo natural do rio e do tempo. Tento recolher, com eles, através das falas de suas memórias, lembranças de espaços e tempos que ficaram para trás nas viagens a bordo dos vapores e das barcas, e que hoje refletem, na espontaneidade do presente, uma antiga forma de viver e sentir o rio. O rio do passado, as embarcações, o movimento no cais, sensações e percepções de um tempo-espaço que não vivenciei. É uma viagem por águas interioranas, por esse rio infinito que corre dentro de mim; envolvendo-me com cada história que me é contada e identificando-me com o sentimento de afeto que une essa gente ao rio. Ao relacionar e envolver o outro, durante o processo de trabalho, não há como me fazer ausente. Escrevo através das lembranças afetivas: entre riscos e rabiscos tento desenhar as palavras em histórias.

O vapor cheio de lenha e de vida já está ancorado no cais e já cantarolou o seu canto, avisando com o seu silvo que é chegada a hora de partir. Viajaremos através das palavras dos nossos comandantes. Mas, durante o itinerário simbólico dessas águas, outros companheiros poderão subir a bordo do vapor e seguirão viagem conosco. Serão eles atores, autores e poetas, que nos mostram um rio pelo caminho da literatura, da poesia, entrelaçando com a arte os conceitos científicos de memória, tempo, lembrança, espaço e lugar. Desejo que seja então uma feliz viagem em torno das águas da memória e da imaginação.

3.2 Travessia: da barca para o vapor!

Antes de iniciarmos a nossa viagem nos vapores, convido quem me leia a voltarmos um pouco no tempo e a nos remetermos a uma outra viagem. Uma viagem pelas “barcas”, um tipo de embarcação anterior aos “vapores”. Em vez de serem movidas pela lenha, que aquece e alimenta a caldeira faminta do vapor, eram elas movidas a poder das velas e, quando os ventos não favoreciam o navegar, com o recurso dos remos, utilizados para navegar rio abaixo, e das varas que, com a força dos ombros, as empurravam contra a corrente, rio acima.

Creio ser importante lembrar as viagens de barcas a partir das lembranças de um dos nossos informantes de pesquisa, o Sr. João de Félix. Ele foi, também, um remeiro do São Francisco e, por alguns poucos anos, trabalhou nas barcas, sendo que, logo depois, passou a ser vaporzeiro. O Sr. João tem uma história de vida muito interessante e que merece ser contada. Talvez seja ele um dos poucos remeiros do São Francisco ainda vivos, na beira do rio.

Fez a travessia do tempo do trabalho de barcas para vapores, e de vapores para os empurradores⁵. Quis deixar o Sr. João falar, ele mesmo contar a viagem e a sua história. Lembrome de ter dito que os lembrares é que seriam importantes. Nada mais justo que o próprio viajante e trabalhador do São Francisco nos mostrasse o caminho das águas viajadas. Assim como o viajante Richard Burton no capítulo anterior, nos contou a sua experiência de viajar numa barca no Rio São Francisco. O viajante com a sua percepção de cientista, de pesquisador e o Sr João de Félix com a sua percepção de trabalhador, de homem do Rio. Seguimos então nossa viagem, com as palavras do velho comandante do Rio.

3.2.1 Sr. João de Félix

Eu praticamente me criei nesse rio sabe... O meu pai era remeiro, trabalhou muitos anos nessas barcas, ficava até seis meses fora de casa. A minha mãe que cuidava da casa e dos cinco filhos. Lembro que ela levava a gente pra beira do rio, tudo pequeno, lá ela lavava as roupas e a gente brincava na água. Mais ela colocava a gente pra ajudar a lavar também, enquanto ela ia ensaboando a roupa a gente tirava o sabão. Ainda menino, eu e os meus irmãos quem cuidávamos da roça, enquanto o pai ficava fora. A gente plantava pra comer e fazia farinha também... A gente sentia muita falta do pai. Minha mãe chorava por causa dele, sentia falta do nosso pai junto dela e dos filhos. Ela sofreu muito por causa dessa vida de remeiro dele. Lembro da minha mãe com um rosário na mão rezando para que Deus protegesse o nosso pai, dentro desse rio, pra que ele voltasse vivo e com saúde. Quando dava ele escrevia uma carta pra gente, contando que tava tudo bem com ele. Mais a carta chegava nas mãos da minha mãe depois de muitos dias que ele tinha escrito, então não dava nem pra confiar na carta. Outras vezes algum conhecido nosso, dizia: Vi o seu pai um dia desses ele seguia bem. Mais tinha vezes que a gente ficava sem notícias dele, até seis meses. Aí quando a gente nem esperava, chegava ele. Era um alívio quando cruzava a porta, uma alegria, porque essa era a nossa certeza de que ele tinha chegado vivo. É muito difícil pra uma mulher ver o seu marido longe de casa, viajando por esse rio afora, sem notícia dele e ela em casa cuidando dos filhos. Você ia gostar? Não ia.

⁵ Depois dos vapores, vieram os empurradores, grandes barcos movidos a diesel.

Pensa pra você ver a vida de uma mulher que o marido fica seis meses viajando e um dentro de casa. Era triste, menina! Depois vieram os filhos, começou com o mais velho, e depois o segundo, o terceiro que era eu, até o último filho, todos os filhos, viajamos nesse rio, os cinco irmãos, todos homens. A minha mãe que rezava pelo pai passou a rezar também pelos filhos.

Eu comecei a trabalhar nas barcas com 15 anos, em 1930. Eu viajei em embarcações muito grandes, em barcas muito grandes. Barcas de até 40 homens 20 remeiros de um lado e 20 do outro. Tinha também o mestre, que era o motorista da barca, era como se fosse um motorista do ônibus. Ele que coordenava os remeiros. O mestre era um homem conhecedor do rio. Ele sabia onde a gente podia passar, só de observar a água. O olho que ia construindo a estrada de água por onde a gente passava. Quando era a época da seca das águas, muitos eram os bancos de areias que dificultavam a nossa passagem. Na época das chuvas em que o rio enchia, às vezes a passagem ficava fácil, porque a força da água era maior, e ajudava os nossos braços de remeiros. Mais coríamos sérios riscos de ficar perdidos, porque o rio inundava as margens, e a gente ficava por horas procurando o caminho. Também tinha os animais, como cobras que a corrente do rio trazia...A gente tinha que ficar esperto pra que esses animais não entrassem na embarcação.

Nós vínhamos da Bahia pra Minas com essas embarcações cheias de mercadorias. Era como se fosse uma venda, uma casa de comércio, lá se vendia e se comprava. Nos trazíamos fumos, querosene, rapadura, arroz. Nós os remeiros, éramos os empregados dos patrões. Os patrões eram os donos da embarcação. A gente passava dois meses numa viagem e três meses na outra. Às vezes demorávamos muito numa única cidade. Por exemplo, se parasse por aqui nesse porto de Pirapora, aí vinham às pessoas comprar as mercadorias. Enquanto tivesse vendendo essas mercadorias, o patrão ficava por aqui negociando, muitas vezes ele comprava também mercadorias aqui e na frente vendia em outra cidade. Por exemplo, se alguém era dono de algum comércio da cidade, ele chegava pra comprar a mercadoria que lhe interessava. Se tivesse pra vender pra mim, ele vendia. Eu comprava as mercadorias dele e ele as minhas. Era comum da gente trocar sal por feijão, rapadura por feijão... Grande parte das mercadorias era de rapaduras.

Quando eu comecei a viajar não tinha esse negócio de mil réis. O dinheiro era vintém. Você sabe o que é vintém? Aposto que nem os seus pais sabem, o que é esse dinheiro. Até pouco tempo eu encontrei numa caixa, dinheiro dessa época. Olha um vintém era umas moedonas amarelas, só tinha moedas, não tinha papel.

A gente viajava com os patrões, e ele tinha umas caixas grandes de couro. Quando ele chegava no porto de uma cidade e queria comprar alguma mercadoria. Então ele desamarrava aquela caixa, porque era muito bem amarrada, passada cadeado e tudo. Depois que ele abria, espalhava aquele dinheiro no chão, e ia contar as moedas, mais ele tinha também as pessoas certas que contavam aquele dinheiro junto com ele, pra entregar para aquela pessoa, que ele comprava a mercadoria. Quando era ele quem vendia, as pessoas vinham com aqueles sacos cheios de dinheiro, e entregava pra ele conferir. A importância de vinte mil réis, cinquenta mil

réis pra contar tudo de vintém. Que horas eles não passavam pra contar esse dinheiro? A vida era assim menina, tudo muito difícil, tudo muito devagar. Depois eles inventaram umas balanças, o que facilitou um pouco a vida das pessoas. Eles começaram a contar as moedas e pesar. Contavam 500 moedas e pesavam, contavam 100, 50 moedas e pesavam. Isso facilitou um pouco, não precisava mais de ficar contando moeda por moeda.

A rotina da viagem

As barcas eram diferentes dos vapores, no vapor se podia dormir dentro dele. O tempo era outro, o dos vapores, era uma maravilha. Tinha os camarotes pra gente dormir. Os camarotes eram quartos, com camas, tudo direitinho. Nós os remeiros não dormíamos dentro das barcas, não podíamos. Quem dormia dentro dela era só o dono da embarcação, o nosso patrão, como já disse antes. Ele armava a sua cama lá dentro e dormia. A gente viajava durante o dia, aí lá pelas cinco, seis horas da tarde, a gente procurava um lugar limpo, encostava a embarcação, amarrava ela. Nesse lugar limpo, cada um dos remeiros pegava a esteira, umas esteiras grandes de palhas de carnaúba. Chegava nesse limpo lá na areia, na praia, no relento, era ali que a gente passava a noite. Quando era cinco horas da manhã, o piloto gritava: vão bora gente! O dia já amanheceu. Aí cada um de nós pegava a sua esteira enrolava e botava dentro da barca, quando era de noite, tornávamos procurar outro limpo pra gente dormir. Nós que fazíamos a nossa comida. Sabe como a gente fazia a nossa comida? A gente ia no mato, pegava aquele punhado de lenha, acendia o fogo, botava aquele caldeirão de ferro, que hoje já nem existe mais. Era um caldeirão que fazia comida pra quarenta pessoas. Não era nada pequena essa panela, menina. Agora tinha dois dos remeiros que tinha a missão de trabalhar em questão de fazer a comida. Fazia um fogo desses de quatro paus, tipo uma trempe, e botava um gancho no meio. Ali o caldeirão cozinhava a comida. Aí quando acabava de fazer a janta todo mundo comia, e já tinha outra panela pra cozinhar o feijão durante a noite, pra amanhecer cozido, pro almoço. Por volta de oito ou nove horas do dia já era hora de parar de novo, pra começar a preparar o almoço. Aí tudo começava outra vez, tirava o caldeirão pra fora, fazia a comida. Depois de pronto cada um fazia o seu prato, comia... Comia... Quando acabava tornava a botar o caldeirão pra dentro da barca, e assim a gente fazia a viagem.

O contrato de trabalho

Hoje pra você trabalhar em qualquer firma em qualquer emprego, você precisa de uma carteira de trabalho, não é? Nas barcas a gente tinha umas cadernetas de trabalho. Até hoje eu tenho algumas cadernetas guardadas, uma delas ainda está bem conservada. As vezes eu pego todas e coloco em cima da cama e fico olhando e lembrando daquele tempo. Volta tudo na minha memória, tudo o que a gente passou dentro desse rio. Não consigo jogar fora, capaz de eu morrer e elas ficarem aí. Tem umas que não dá mais pra ver as letras, outras estão rasgadas faltando pedaços, amareladas. Mais não, deixa elas aí. Então a gente ficava dois, três meses viajando numa única viagem. Aí era feito um contrato fluviário pra fazer a viagem. Porém se

passasse um mês, dois, três, quatro, cinco meses, era com aquele contrato que a gente tinha feito antes de viajar. E o dinheiro era aquele mesmo, não aumentava nada, o que aumentava era o nosso trabalho e o nosso cansaço. Você pensa que era fácil a nossa vida. Hoje eu olho pra você aqui na minha frente e vejo o tanto que a vida é mais simples. Hoje é mais fácil, as pessoas podem estudar e naquele tempo não, era difícil, pra quem era pobre como a gente... O nosso destino ou era ficar naquela vida cuidando de roça, que não dava quase nada, mal pra gente comer, ou ir trabalhar viajando pelo rio. A profissão melhor que uma pessoa como eu e os meus irmãos, podíamos alcançar era a de ser vaporzeiro.

O trabalho

Os remos a gente usava pra descer o rio. Por exemplo, numa barca grande, era preciso 20 homens remando, 10 de um lado e 10 do outro. Mais isso era só quando descia o rio. E tinha também umas varas grandes, tinha delas que mediam 5 metros, outras maiores, a gente usava elas pra subir o rio, isso quando não tinha vento. Agora quando o vento aparecia, a gente parava aquilo tudo e abria as duas velas que a embarcação tinha, e o vento tocava a barca até... Também quando o vento parava, ela parava também. Quando não tinha vento, a gente metia as varas dentro da água, empurrando, botando ela aqui no peito. Menina eu fiz isso até 1938, eu era menino novo, mais olha aqui isso no meu corpo, tem uns caroços aqui na carne, não tem? Pode por a mão pra você sentir. Isso aqui menina era da vara, que a gente colocava aqui no peito, pesava, e muitas vezes ela torcia assim de rançar o pedaço da carne. Agora você sabe qual era o remédio que tinha? Que sarava esta ferida? A gente pegava um pedaço de toucinho e espetava num pedaço de pau, fazia um espeto, acendia o fogo, e botava aquilo no fogo, quando derretia, botava aqui na ferida e queimava. Era com isso que sarava a ferida que aquela vara fazia. Isso aqui ficava só na carne, e só sarava com gordura quente.

A travessia de barca pra vapor

Em 1934 o meu irmão mais velho, foi trabalhar nos vapores. Eu era o terceiro de cinco irmãos. E todos nós viajávamos em barcas. Mais aí Benvindo conhecia um velho que viajava em vapor, e tinha sido antes de vapor, viajado em barca. Esse velho começou tirando aqueles conhecidos dele, os que tinham viajado com ele em barcas e levando pra vapor. Aí foi quando o meu irmão passou pra vapor, porque já tinha viajado com o velho em barcas. O velho encontrou o meu irmão e disse: Benvindo você quer andar de vapor mais eu. Ele disse: eu vou! Então o meu irmão foi tirando a gente daquela vida de barcas. Mais vapor era bom demais, a gente sofria bem menos. Naquele tempo a profissão melhor que a gente podia alcançar era de fazer parte da tripulação dos vapores. Nos vapores a gente recebia direitinho, não precisava de dormir no relento, na areia como quando era remeiro. Tinha as camareiras, as cozinheiras, a gente tinha a comida na hora certa. As viagens eram

mais curtas, a gente tinha um outro estilo. Mais como eu lhe disse, trabalhei pouco tempo em barcas. Logo Benvindo meu irmão foi trabalhar nos vapores, aí ele levou nós os irmãos com ele. Eu tive que esperar até completar 18 anos porque no vapor só entrava com 18 anos. Eu era franzininho, miudinho sabe? Com 22,23 anos eu pesava 52 kg. Eu era gordão não era? (risos) Então desde muito cedo que eu sei o que é a vida nesse rio.

Diversão:

Era dureza essa nossa vida de remeiros! Mais quando é novo e não tem nenhuma responsabilidade com família, como eu era, quando comecei nessas barcas. Muitas vezes quando a gente ia fazer a janta, ali a gente contava causos, falava das mulheres, fazia piadas uns com os outros. Às vezes tinha um que tocava outro cantava. A gente cantava versos e conversava também durante a viagem pelo rio. Porque a nossa vida não era fácil, se a gente só reclamava pior ela ficava. Quando parava nas cidades também, a gente tinha os nossos lugares de diversão. Cada cidade dessa, cada porto desse, era uma mulher, era namorada, outras vezes mulher da zona...Ave Maria... E nos vapores também a mesma coisa, quando a gente chegava no fim do dia, dormíamos nas cidades. Então dava tempo de até namorar um pouco. Quando eu me casei eu já estava passando de barcas pra vapores. Pergunta pra minha mulher aí, o que era a vida de uma esposa de vapozeiro? Ela te conta. E elas agüentavam, coitadas. Nós saíamos daqui, passava um mês fora, pra ir a Juazeiro e voltar, isso se tudo corresse bem na viagem, e elas ficavam aqui e sabiam de tudo que acontecia. Quando uma moça pegava um vapozeiro daqui, crescido junto com elas na mesma cidade, mesmo morando no mesmo lugar, filho daqui, ainda assim elas sabiam que a vida de ser vapozeiro não era fácil e sabiam da tristeza de ser mulher de vapozeiro. O pai antes da filha se casar, ele já perguntava. Você quer minha filha, ser mulher de vapozeiro? Você sabe eles não vivem dentro de casa, é um mês fora e poucos dias aqui com você. Às vezes coincidia de chegar aqui hoje e sai depois de amanhã. Não era uma tristeza pra mulher? Outras vezes no mesmo vapor que chegava, saía no outro dia. Mais a gente também ficava triste, que prazer se tinha de chegar hoje e amanhã voltar? Ficar uma noite com a sua mulher e com seus filhos. Mais não tinha jeito, precisava trabalhar, era empregado.

Otimismos:

Ser remeiro me ajudou muito no meu trabalho nos vapores, quando eu fui prático⁶. Porque eu tinha experiência com o rio, conhecia ele de tanto andar dentro dele. Eu devo muito ao São Francisco, me criei dentro dele e até hoje vivo dentro dele. Vou lá tomar um banho quando me dá vontade. Vou ali no cais assim que dá, às vezes vejo o por do sol. Hoje eu tenho uma vida tranqüila, na minha velhice, porque sou aposentado pela Companhia de Navegação do São Francisco. Hoje eu viajo, fico um

⁶Segundo Sr João de Felix, diz que prático é quem dirige a embarcação, é o piloto.

bom tempo na casa dos meus parentes em Brasília, vou sempre na festa do Bom Jesus da Lapa, isso tudo é graças ao rio São Francisco. Pra gente ganhar o nosso dinheiro e cuidar da nossa família, a gente tinha que andar dentro do rio, naquele tempo. Olha eu viajei muitos anos nesse rio, e eu tenho lembranças de coisas que eu fiz dentro dele até hoje, me vem a imagem direitinho na minha cabeça, como se eu tivesse olhando pra você agora sentada aí nesse sofá. Tem momentos que vem coisas que eu fazia no meu tempo de menino, lembranças que vem assim ligeiro. Ainda acho que se eu passar por esses lugares lá na Bahia, eu vou ver essas lembranças, como se tivesse vivido hoje⁷.

3.2.2 Movimentos de águas e vidas

A estrada e o rio. Uma caindo no outro de repente. Nos braços do outro. De repente: o rio. Sem se anunciar. Nem barrento, como diziam. Vestido de azul, à espera. Apressado e cantador. Por entre as pedras corredeiro. Mesmo assim a espera. Saberá ele do futuro de suas andanças? Nem nós. Tanta surpresa recolhida. No caminho, tantas pedras pelo rio. (CAVALCANTI, 1998, p. 15).

Estudar a vida das águas e dos homens do Rio São Francisco é entendê-los como correnteza, como fluxo, como movimento, como travessia... O rio é um lugar que se permite viajar, um lugar que viaja, um lugar em movimento. A sua natureza de correnteza possibilitou que os homens construíssem suas histórias de vidas em seus espaços, num encontro de homens e águas que seguem juntos. Em geografias híbridas, ziguezagueando entre uma margem e outra, cenários de vidas, pontilhavam o tempo e o espaço das águas em movimento. Nesse ziguezaguear, caminhos de águas foram percorridos, com diversas finalidades, em várias embarcações, como jangadas, barquinhos, barcos, canoas, barcas, vapores, até os mais modernos, como as embarcações motorizadas.

Na verdade, todas essas embarcações fazem parte da história de um rio que navega, de rios que navegam e de homens que navegam por rios. Muitas foram construídas por meio de árvores que permitiram a locomoção do homem na travessia das águas.

⁷ As falas dos atores sociais estão descritas com um recuo diferenciado das citações dos autores e com letra em Itálico.

É pelo percurso de uma geografia humanística que lançamos as nossas redes de sensibilidades geográficas para as correntezas do São Francisco, num caminho de outras buscas, de outros sentidos, de outras paragens, de outras travessias, de olhares sob o rio como lugar de vida, que tem um significado afetivo e simbólico para a sua gente. Tendo como princípio fundamental a Topofilia, esse “elo afetivo da pessoa e o lugar ou ambiente físico”. (TUAN, 1980, p. 4-5).

Uma geografia que se faz no cotidiano, conforme nos relacionamos com suas paisagens, espaços e lugares. Uma geografia vivida e sentida por homens e mulheres que habitam o mundo. É nesse sentido que percebo a experiência vivida de navegar sob as águas, em tons variados de cores, entre tempos e espaços de cheias e de secas, que permitiram ao Sr. João um conhecimento geográfico do “Rio São Francisco” enquanto lugar de vida e trabalho. Nesse caminhar, na companhia da correnteza do rio, percorrendo os seus cantos e recantos, os trabalhadores foram construindo suas relações de identidade com ele, o que o define como lugar.

Ao olhar para o Sr. João, fico a imaginar os rios vividos por ele e que habitam os espaços da sua memória e do seu coração. Os tantos rios vividos em suas águas de tristezas, de alegrias, de saudades, de dores, de trabalhos... Vêm ao encontro do rio sentido por mim. Dois rios, habitados de formas tão diferentes. Para mim, visto de forma bonita e poética. O mesmo rio que corre com destino ao mar em cores que se alternam conforme a estação do ano e que olhamos diante do cais, em Pirapora-MG. Mas no Sr. João e em mim, rios diferentes. Rios de um passado mais distante, onde navegavam remeiros e barcas, vapores e vaporzeiros, que conversam com o rio de hoje, que chega por águas da memória. E no encontro dos nossos rios, um rio diferente começa a se formar.

A vida dos futuros remeiros começava ainda na meninice do seu viver barranqueiro. Meninos arteiros, a correnteza do rio já os desafiava em braçadas e mergulhos. Essas peraltices de crianças possibilitavam-lhes conhecer as águas do rio, desde muito cedo. Seriam estas talvez as suas primeiras viagens pelo rio? Onde, como peixes dentro d’água, já o conheciam por pequenos espaços, em águas de sonhos e fantasias que brincavam, em ciranda, nos seus imaginários infantis.

No sertão o menino amadurece devagar, ou antes: está maduro muito cedo para lidar com a natureza e está sempre muito verde para lidar com os adultos. As águas do rio eu enfrentei com cinco anos; aos sete já nadava feito piaba; aos nove fiz a travessia do cais até a coroa – Ilha que surgia no meio do rio, no período da estiagem, diante da cidade. (SOUZA, 1996, p. 38).

Canoeirinhos, já percorriam, por meio de pequenas embarcações, os espaços das águas, nas atividades de pesca, para ajudar a complementar a alimentação da família e, na adolescência, já começavam com os trabalhos nas barcas. Assim aconteceu com o Sr. João e os seus quatro irmãos; filho de pai remeiro, o seu destino foi percorrer as águas do rio entre remos, varas e velas, tornando-se também um remeiro do São Francisco.

O Sr. João conta a sua história de vida dentro dos espaços do rio, nos diz sobre os tempos em que navegava nas águas por meio de barcas, embarcações grandes que os remeiros chamavam de “emas”, porque o seu formato lembrava a grande ave, pelo acabamento da proa e por serem cobertas de palha de carnaúba, como informa Zanoni Neves, em seu livro “Navegantes da Integração: os remeiros do São Francisco”. A imagem a seguir (Foto 2) nos mostra a estética dessas embarcações, retirada do livro “Bahia, Recôncavo e Salvador do ano de 1946”, do fotógrafo francês Marcel Gautherot.



Foto 2- **Barcas de figura** (1946)
Autor: Marcel Gautherot (1995)

Nas barcas havia uma espécie de carrancas nas proas, conhecidas como “barcas de figura”. Zaroni Neves fala sobre a origem dessas barcas, citando Durval Vieira de Aguiar como o primeiro viajante a mencionar algo a respeito de sua existência no São Francisco, nos anos 80 do século XIX. “Na proa vê-se uma carranca ou grifo de gigantescas formas, de modelos sem dúvidas transmitidos pelos exploradores dos tempos coloniais”. (Neves, 1998, p. 243).

O autor segue lembrando que as figuras de proa constituíam um evento artístico milenar. No médio São Francisco elas aparecem na segunda metade do século XIX, e tiveram como exemplos as figuras antropomorfas e zoomorfas da navegação marítima. Essa adoção da zooantropomorfia, na região do São Francisco, com suas figuras horrendas, relembra as lendas e os mitos regionais: o caboclo d’água, o minhocão, o cavalo d’água etc. Seres que povoavam os imaginários dos ribeirinhos.

Essas “casas de comércio”, as barcas onde se vendiam e compravam mercadorias, faziam todo o comércio ambulante da região, num tempo onde o “ir à feira” ou o “fazer compras” aconteciam nas beiras do rio. O cais era um grande centro comercial dos lugares beiradeiros. Por meio dessas relações, estabelecidas entre vendedores e compradores, remeiros e donos de barcas, curiosos, gentes, em seus movimentos de vidas, entreteciam os cenários de beiras de rio. Tornou-se, assim, um costume das populações ribeirinhas acorrerem ao cais, para observar o movimento das embarcações. Esse costume permaneceu por muitos anos; o cais e o rio, juntos, eram o lugar do encontro entre as diferentes classes sociais (Foto 3).



Foto 3- **O movimento no cais** (1946). Cirandas de águas e vidas!
 Autor: Marcel Gautherot (1995)

3.2.3 *Um rosário na mão*⁸

Os meninos pequenos, nuzinhos como os anjos não os são, atrás das mulheres mãe deles, que iam apanhar água na praia do rio de São Francisco, com bilhas na rodilha, na cabeça, sem tempo para grandes tristezas (ROSA, p. 391).

Entre viagens longas pelo rio, uma mãe com um rosário na mão, pedindo proteção divina para o companheiro, viajante errante das águas. Um rio sentido e vivido em espaços do feminino e do masculino. “*Minha mãe chorava de saudade dele, queria o nosso pai junto dela e dos filhos. (...) Nosso pai ficava viajando pelo rio, precisava trabalhar*”, lembra o Sr. João. Se pensarmos que essas viagens de barca chegavam a durar seis meses, quantos momentos perdidos! Filhos que nasciam, ou que começavam a dar os primeiros passos, tudo na ausência do pai.

Na viagem que faço dentro de mim, por águas da minha imaginação, entre muitos devaneios, por vezes me vem a imagem de mulheres chorosas no porto, despedindo-se de seus

⁸ Usei como subtítulos frases do Sr. João de Félix

companheiros. Pela paisagem da água seguem os remeiros em suas barcas, riscando o rio, desenhando o rio. Na paisagem da água, mulheres lançam suas saudades, a esperança do retorno do amado que se foi, pela corrente do rio. E o rio seguia cantando suavemente, cheio de saudade, cheio de desejo no movimento contínuo das águas, que nascem, correm e morrem, mas que estão ali sempre, diante dos olhos. O rio segue no seu continuar. Pelo rio vão os remeiros, pelo rio retornam. Nas águas saudades, choros, tristezas e alegrias. Mulheres sertanejas rodeadas de filhos pequenos com suas roupinhas simples, que acenavam e diziam adeus aos seus companheiros, até o momento em que a barca desaparecia em meio ao infinito correr das águas, onde o rio fazia a curva. Que Deus os acompanhe e que os traga de volta!

Os remeiros eram festeiros, gostavam de dançar, fazer versos, seguiam muitas vezes cantando e remando ao compasso do rio. Cantavam o cotidiano, nos seus versos homenageavam o trabalho no rio, as lendas, as mulheres, as cidades que passavam. A sociedade os discriminava, pela fama de homens pervertidos. Frequentavam os cabarés, se divertiam com as mulheres. *“Cada cidade dessa, cada porto desse, era uma mulher, era namorada, outras vezes mulher da zona... Ave Maria!”* Conta o Sr. João.

“Triste cina era a delas”. (Sr. João de Félix). “Cinas” de homens e mulheres, intercruzadas pelo mesmo rio. Tempos e ritmos contrastados pelo movimento temporal do rio. Quando se aproximava o período das chuvas, era a hora de o companheiro remeiro voltar para casa e se dedicar ao trabalho camponês. Percebo que há, aí, um tempo da natureza que é marcado pela chuva e pela seca, e o tempo psicológico, que é sentido pelas angústias e aflições da mulher, em sua espera rotineira pelo marido. Eis um outro lado do rio, ou o outro lado da viagem, a de quem espera pelo retorno. Três movimentos temporais tecem a vida da mulher e do viajante errante das águas: o da partida, o da espera e o da chegada.

Entre o tempo de partida e chegada dos remeiros, mundos vividos de formas diferentes. Os homens nos espaços das barcas e dos caminhos do rio, na vida que seguia durante a viagem, entre movimentos e pausas. E as mulheres cuidando dos filhos, pelejando com os afazeres da casa, utilizando a água do rio para lavar as roupas, no preparo da comida para as crianças...

Cada um em suas geografias de espaço e tempo. Remeiros que vão traçando cartografias de vidas por meio de um lugar em fluxo e mulheres que vivem entre os espaços da casa e das

beiras do rio. Cartografias vividas de maneiras distintas e, ao mesmo tempo, entrelaçadas pelo espaço-tempo do rio e pelo pensamento. Pois o homem que trabalha viajando pelo rio volta para a mulher e os filhos; e a mulher o espera e o recebe, de volta a casa. Cirandas de vida! Cirandas de água!

um tempo		em espaço
de espaço		em tempo
um espaço		em tempo
de tempo		um espaço
um tempo		de tempo
um espaço		um espaço
um espaço		de espaço
em tempo		um tempo ⁹

Augusto de Campos desenha, em forma de poema, o próprio movimento do tempo e do espaço, numa cartografia em travessia infinita... O poema sugere uma continuação ao infinito, onde os mapas, com suas curvas e linhas, não dão conta da cartografia vivida sob o movimento do “tempoespaço”.

E, assim, muitas são as continuidades e descontinuidades temporais, tecidas como num confuso novelo de poemas, como em Augusto de Campos; são muitos os “territórios alternativos”, como nos informa Rogério Haesbaert (2002). Destrinchar as linhas desse novelo é a questão das escalas e da própria região; como também explica Bergson a dimensão temporal e espacial que compõe as linhas cartográficas de nossas vidas:

O meu passado tem seu espaço, seus caminhos, seus lugares específicos, seus monumentos. Sob as ordens cruzadas, mas distintas, do sucessivo e do simultâneo, sob a seqüência das sincronias que se acrescentam linha a linha, reencontramos uma rede sem nome, constelações de horas espaciais, pontos-acontecimentos (BERGSON, 1990, p.14).

⁹ Poema “Tempoespaço” incluído no livro “Onovelo” de Augusto de Campos, retirado do livro de Flora Sussekin, 1998, “A voz e a série”.

3.2.4 “A vida era assim, menina, tudo muito difícil, tudo muito devagar”

*Os barcos nascem como nascem dores.
E chegam como pássaros ao céu,
como flores do chão. São mensageiros.
Vêm ba crusta dis astrism vêm de ventres
por onde rolam rastros de cantigas
de antigas barcarolas estaleiras.
Trazem na prosa audácias e esperanças,
as cismas e os assombros nos porões.*

*A mão que os faz, humana, os não perfaz,
apenas segue, tímida, ao comando
de vozes nascituras que lhe chegam
da boca dos martelos e das ripas.
A si mesmo se fazem, pelo mando
de voz sem boca: os barcos são auroras.
Despejam-se na foz de águas escuras.
Contudo, chegam sempre de manhã.*

*Chegam antes, alguns. Outros são póstumos.
Há os que não chegam nunca: naufragaram
nas primícias do rio. Tantos mastros
se vergam na chegada, outros se racham.
Partem-se popas, lemes, em pelejas
imaginárias contra calmarias.
Uns são velozes, zarpam mal-chegados,
outros são lerdos, de hélices sem sonhos.*

*Há barcaças nascidas para as idas
ao oco dos mistério, há as que trazem
lendas futuras presas ao convés,
as que guardam nos remos os roteiros
de grandes descobertas, e as que vêm
para vingar galeras soçobradas.
Há as que já chegam velhas, sem navêgo.*

Thiago de Mello (Tenebrosa Acqua)

Tenho a sensação que o rio é o limite dos horizontes desses homens. Entre idas e vindas, rio acima e abaixo, o rio se modificava, havia bancos de areias, às vezes cheio, às vezes raso, os cenários se transformavam, mas a vida deles não. Estavam presos à correnteza da água, como fiéis escudeiros, a liberdade tinha os limites do rio, por onde passava a barca.



Foto 4- “**Remeiro na proa da barca**” (1946). O Rio é a linha do horizonte.
Autor: Marcel Gautheroth (1995)

Assim ainda é com o Sr. João, vive da aposentadoria que ganha devido o trabalho no rio, não consegue se separar dele, do rio, mesmo não navegando mais por ele em barcas e em vapores, a forma de navegar agora é outra, apenas por meio de lembranças que estão entrelaçadas no tempo. Vive na margem do rio.

Nos espaços das barcas, sacos de feijão, milho, sal, para vender pelas margens. Pelo rio seguia a barca pesada, carregada de tripulantes, de passageiros e de cargas. Gentes de um viver simples coloriam as cenas do cenário empoeirado do sertão, limitados a vida toda àquele rio. De repente o sorriso de um molequinho que acena na margem, um remeiro que começa a cantoria, a moça em seu vestido simples de estampa florida que espera, sorrindo, no porto. Pronto! O espetáculo da vida sertaneja entra em cena, tudo tão igual e natural, como a noite que cai sobre o rio.



Foto 5- **Menina sertaneja na beira do Rio** (1946). O que estás olhar a menina? Será uma terceira margem do rio?
 Autor: Marcel Gautherot (1995)

Esse é um tempo distante do meu, a modernidade me permite viver tempos de uma velocidade mais rápida, onde as distâncias entre os espaços podem ser menores. Mas o tempo todo, enquanto escrevo sobre essa vida de tempos lentos de viagens sobre o rio, tento me colocar dentro dele, me desloco do espaço em que me encontro e, imaginariamente, sigo em direção ao tempo dos remeiros. Onde, ao olhar o cenário barranqueiro, de dentro da barca para fora, vejo que o mundo se passa entre as duas margens do rio. Os meninos nas margens, de pés descalços, as mulheres lavadeiras, os pescadores. Será o mesmo banho que se toma, no rio? A mesma água, que se usa para fazer a comida na barca, no preparo do feijão que todos comiam juntos como irmãos? As mesmas conversas, de um “prosear sem pressa” dos sertanejos? E o meu olhar, sobre essas águas barranqueiras do passado, me diz que tudo parecia acontecer rotineiramente de maneira simples e natural. Como a luz do sol refletindo sobre as águas.

É bom escutar o Sr João, gosto de ouvi-lo. Cenas me vêm à mente, como as de um filme de cinema mudo. Mais escuto do que falo, e a sua história chega às águas da minha emoção. Percebo que o rio é uma bonita paisagem, um bonito cenário para as acontecimentos de uma vida,

no caso deles, uma vida sofrida com dores de alma e dores de corpo. É a beleza do cenário barranqueiro que se mistura ao sofrimento. Os remeiros têm suas histórias sinalizadas no corpo, os varejões de madeira que utilizavam para empurrar as barcas eram pesados e grossos, e feriam os ombros dos homens.

Criam-lhe grandes calos ao mergulharem e emergirem, vinte, trinta vezes com a tora apoiada no ombro. Até conseguirem fazer com que a barca se mova. Cada vez que se levantam da água, que lhes bate quase na cintura, os homens lançam uma espécie de grito, ritmado como um canto de guerra, que uniformiza os esforços de todos (CAVALCANTI, 1998, p. 95).

O Sr. João tem o corpo sinalizado, com marcas que lhe recordam as dores de trabalho, cicatrizes deixadas pelo instrumento que utilizava para empurrar a embarcação rio acima. A vida de uma lida diária de 14 horas de trabalho, iniciadas com o nascer do dia; as saudades de casa, o desconforto em noites dormidas ao relento, a discriminação perante a sociedade, que os chamava de porco d'água, pé pubo, remeiro piau, as dores no corpo me fazem concordar com a frase: *“a vida era assim menina, tudo muito difícil, tudo muito devagar”*. Remar parecia ser a única condição desses homens, humilhados e sofrendo xingamentos devido às suas condições de trabalho. Remeiros que, entre seus remos e varejões, só queriam ganhar o pão de cada dia. A seguir transcrevo uma triste passagem do romance “Remeiros e romeiros do São Francisco”, de Accioly Lopes, onde o personagem Miguel, desabafa sobre a sua classe de trabalho.

Miguel cinde o silencio. Dizendo que eles ficam zangados quando são chamados de bichos d'água. Ele mesmo se sente bicho. Perdido naquele cafundó. Sem pai. Sem mãe. Sem família. Naquele serviço bruto. Sem direito. Sumido na lama. Engolido pelo mato. Envolvido no barro dos barrancos. Coberto d'água. Olhado com diferença. Sem saber ler(...) remando. Varejando. Sofrendo. Dizendo palavras feias. Sem beira e sem eira(...) Quem da gente se sente gente? (LOPES, 1978, p. 61).

Desprovidos da oportunidade de estudar e de aprender, longe de canetas, livros e lápis. Zanoni Neves revela que os calos no peito, provocados pelos varejões, eram comparados ironicamente pela sociedade, a medalhas, e o instrumento a canetas. Eram discriminados até mesmo pelos vaporzeiros. Muitas de suas cantigas eram uma forma de defesa, de responder a sociedade que os ofendia. Em forma de versos, a carência de uma vida social era revelada. Zanoni Neves em seu livro “A barca Aurora” conta a história dos remeiros em forma de poema. É a barca Aurora em forma de poesia que viaja pelo Rio do poeta Zanoni Neves. Os versos desse

poema se misturam aos meus escritos para ilustrar e completar as falas dos remeiros e as interpretações que faço delas.

*Nossa lida de remeiros
É infame nesse rio
Pois onde chega a barca
Nos tratam ao arrepio
Do respeito e elegância
Não revelam o nosso brio!*

*Nos chama de porco d' água
Pé pubo, remeiro piau
A forma de tratamento
Reflete o trato banal
Que nas vilas recebemos
Da população marginal...
(Zanoni Neves, 1991, p. 38)*

Conversei com o Sr. João em uma dessas raras tardes de chuva, no sertão. Sentados, ele em uma cadeira e eu no sofá, frente a frente. Fala-me com a naturalidade de um “prosear sem pressa” de um velho aposentado da Companhia de Navegação do São Francisco. Muitos são os momentos em que ele sorri, brinca. Mas nesse momento, em especial, em que me conta sobre as marcas no corpo, deixadas pelas varas, utilizadas pra navegar rio acima, embora tenha-me contado com naturalidade, como diversas vezes já deve ter contado para a família, para os amigos, para outros pesquisadores, não consegui ouvir de forma natural o que me dizia. O silêncio tomou conta de mim, por poucos e longos minutos. Não me senti à vontade em ser testemunha desse passado marcado no corpo. O que me faz lembrar, neste momento, de um dizer de Geertz (2001), que em campo temos que aprender a viver e pensar, ao mesmo tempo.

*A faina que enfrentamos
Com suor no dia a dia
É um trabalho penoso
De fibra e ousadia
A vara fincada ao peito
É lida de escravaria
(Zanoni Neves, 1991, p. 41)*

Lá, na cidadezinha de Santana de Sobradinho, na Bahia, que hoje está submersa, devido à barragem de Sobradinho, a vida difícil, entre um pai remeiro e uma mãe que cuidava dos filhos

e da casa, fizeram a vida do menino João repleta de responsabilidades. Dividia o seu tempo entre as brincadeiras de banho de rio e ajudar a mãe lavadeira a cuidar das roupas e o pai nas plantações de alimentos que cultivavam. E aos 15 anos, quando a infância mal acabou de dizer adeus, chega a responsabilidade de uma vida regida entre viagens, remos, velas, varas e águas. Depois dos dezoito anos, “franzino e magrinho”, como ele mesmo nos disse, integra a tripulação dos vapores. Foi assim por mais de cinqüenta anos, navegando a favor e contra a corrente – rio abaixo e rio acima. Os caminhos do rio definiram também os seus caminhos; casou-se, teve filhos e netos, sustentou a família com o suor do seu trabalho. Hoje, é possível vê-lo na porta de casa, sentado em uma cadeira, entre gestos e expressões, proseando com os amigos, alguns ainda companheiros do tempo em que navegavam juntos pelo rio, aposentados, assim como ele. A vida já não carece mais de tanta pressa, as águas correm mansas pelo rio da memória, não são mais necessários barcos e remos, para navegar por elas. “Caminho para o fim cada vez mais sabendo de mim. Com orgulho da minha vida de barranqueira desse Rio de São Francisco, que de tão grande me põe no mundo todo” (MOURA, 2007, p.18).

3.3 A chegada do Vapor

O apito do vapor despertava a cidade para as emoções da espera. Será o vapor? Será? O breve silêncio e a breve imobilidade favoreciam a distinção do som: à distância, vencendo as refrações do ar, o apito longo, frágil e docemente agudo parecia originário de uma flauta cujo dom era o de ativar nos moradores a sensação de que algo original se aproximava. Então, por toda a parte, o coração da cidade mudava o ritmo do tempo. A rotina de cada gesto ganhava um impulso novo com o aviso do vapor que dobrava o pontal e daí a instantes seria atracado no cais (SOUZA, 1996, p. 9).

Passamos a um outro momento na nossa viagem por esse Rio do tempo. Agora já não é mais só a força bruta do homem que movimenta o barco. Uma outra força vem auxiliar o braço do homem que o conduz, a das madeiras das árvores das matas ribeirinhas, a lenha que alimenta a caldeira faminta do vapor, fazendo-o navegar.

Por instantes fecho os olhos e consigo imaginar o vapor se aproximando do cais, imaginariamente escuto o seu cantarolar, num canto que é um longo silvado e que parece embalar a vida das gentes do lugar. Um misto de ansiedade, medo, alegria invadia a alma de todos. As expressões do rosto, os gestos do corpo ganhavam impulsos novos com a chegada do

grande navio que, em alguns instantes, seria atracado no cais. Uma multidão de gente, entre passageiros, tripulantes, negociantes, curiosos, em meio a sons misturados, entre sorrisos, risos ou olhos atentos de espera e de espanto. Falatórios e gestuários.

Num tempo em que a televisão não habitava a casa das pessoas, em que as crianças tinham que inventar as suas próprias brincadeiras, a figura do vapor era o que os habitantes de beira-rio tinham de mais curioso e bonito. De longe podia-se ouvir um som doce e frágil. E, então, toda a cidade se movimentava diante daquela paisagem sonora e visual, em que o som anunciava a imagem do ser móvel pelo rio, que crescia sobre as águas, povoando o olhar e o imaginário das pessoas do lugar. Lá vinha o grande barco, que parecia dançar sobre as águas.



Foto 6 – **Vapor ancorado no cais (1946)**. Movimentos de beira de rio.
Autor: Marcel Gautherot (1995)

O movimento no cais, a compra e venda de mercadorias, peixeiros, vendedores de doces, de frutas, de pássaros, os mendigos e pessoas doentes, curiosos de toda a cidade direcionavam os passos e a pressa rumo à beira do rio e ao porto onde o vapor desembarcava, entre a multiplicação de olhares e expressões de tão diversos gestos. Era como se o rio fosse o cenário de um grande palco de arte no momento do início de um grande espetáculo: a chegada de

parentes e amigos, que vinham de terras distantes; as mocinhas com secretas intenções de namorar algum dos marinheiros; as crianças, em fantasias que brincam na memória, ao ouvir o cantarolar do vapor que se aproximava.

E, assim, a intensa vida barranqueira acontecia nos entornos do grande rio. Mesmo as pessoas que nada tinham a resolver com a chegada dos vapores, que não compravam e não vendiam mercadorias, nem esperavam pessoas próximas, ainda assim eram tomadas por uma mesma ansiosa curiosidade, um desejo de ali estar naquele momento.

O Sr. Cícero expressa bem a poesia do cotidiano barranqueiro daquele tempo, numa mistura de sons e cores bordando a paisagem.

Quando o vapor apitava a cidade parava, aparecia tanta gente, pra ver ele chegando no cais. Ele reinava, diante do seu povo, as pessoas tinham o maior prazer em sair de casa e se deslocar pra beira do rio era pobre, rico, branco, preto, gente de tudo quanto é tipo. Naquele tempo não havia televisão. E o rio era um reino, a espera do vapor, a gente via no rosto das pessoas, que parecia que tinha chegado um Deus. Era uma festa só, quando a gente chegava e encontrava o porto cheio, chegava um e conversava com a gente, aí vinham às moças pra tentar namoro com a gente, as crianças gritavam: apita de novo! Querendo ouvir e ver o apito do vapor, era uma festa só. Em cada porto a gente se transformava, se renovava em cada lugar. A gente era novo todo dia, porque todo dia era um lugar diferente. Nunca irei esquecer, que enquanto viajava a bordo no vapor, observava as matas, os passarinhos, os animais na beira do rio, mais o que chamava mesmo a minha atenção era os menininhos negros e mulatinhos, quase sem roupa de olhos arregalados e tremendo de frio de cócoras na margem do rio, com as duas mãozinhas no queixo, vendo e admirando o vapor que passava. De repente levantavam as mãozinhas, para nos saudar. Essa é uma das minhas mais bonitas lembranças, a dessas crianças”.

Esse é o mapa afetivo que Cícero, o velho capitão de vapor desenha na memória. Vapores de encanto habitavam os espaços do imaginário das gentes barranqueiras. “Será o vapor? Será o vapor?” Era essa a pergunta que saía da boca das pessoas ao ouvir o “vapor chorar”, O “vapor cantar”, O “vapor apitar”¹⁰. Depois da algazarra do momento de chegada, voltavam todos para os seus destinos, retomando a rotina de suas vidas.

¹⁰ “Vapor chorar”, “vapor cantar”, “vapor apitar”, expressões estas utilizadas pelas pessoas da região.

Esse entusiasmo infantil do olhar das crianças, a que o Sr Cícero se refere como uma de suas mais bonitas lembranças, despertou em mim uma curiosidade em saber como essa paisagem de chegadas e partidas de embarcações eram sentidas por meninos e meninas dessas beiras de rio. Não conversei com ninguém que me desse detalhes, sobre esse olhar curioso e inquieto de criança, diante dessa paisagem desenhada entre cais, vapores e gentes...



Foto 7 - **Crianças na margem do Rio** (1946) “Rio-riso” nos olhos de meninos”.

Autor: Marcel Gautherot (1995)

Para contar sobre o momento vivido das crianças, paramos agora num porto desses de “beira-vida - beira-rio”, e José Antonio de Souza, autor de “Paixões Alegres”, adentra os espaços do vapor e segue viagem conosco, para nos falar das alegres paixões, vivenciadas um dia por ele, nas beiras do rio. Ele conta a história de um amor proibido entre uma mulher de 25 anos, casada, e um menino de 13. Tudo começa quando o menino vai receber o primo e a esposa, Licínio e Izabel, que desembarcariam em Januária, a bordo do vapor Raul Soares. Seria a sua primeira experiência de receber parentes de bordo.

No desenrolar da história de amor, o autor narra com muita sensibilidade a alma que tece a vida, nos espaços da cidade barranqueira. Ele nos transporta, imaginariamente, para a década de 50, para as margens do São Francisco, onde a vida da cidade pulsava numa paisagem de chegadas e partidas de embarcações. José Antonio de Souza é um companheiro especial dessa viagem-pesquisa, pois as margens escritas do seu Rio de São Francisco estarão margeando as margens escritas dos nossos rios, meus e dos meus velhos vaporzeiros e as de quem me ler e acolher também, essas águas Franciscanas. O autor de “Paixões Alegres” é um barranqueiro do São Francisco e a cidade que ele descreve é a sua terra natal, onde passou a infância. Ele, já em sua fase adulta e morando em terras cariocas, banhadas por águas do mar, que são muito mais profundas que as do rio que banhava a cidade da sua infância, recorda e escreve, em páginas de poesia, a vida barranqueira de Januária-MG. O que me faz lembrar de um outro autor o filósofo, Gaston Bachelard, que nasceu numa região da França cercada por rios e riachos e que, anos mais tarde, entre os seus devaneios noturnos, escreve o livro: “*A água e os sonhos*”. “Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água que enverdece os prados (BACHELARD, 1997, p. 9).

As citações que se seguem, são percepções da chegada dos vapores na cidade de Januária, que estão descritas no olhar desse menino do romance, em toda a fantasia que brincava na sua imaginação de criança.

A meio caminho entre o pontal e a cidade, o pequeno barco à distância apitava a segunda vez. O segundo aviso, mais nítido para o ouvido, transmitia aos moradores o seu código de identificação. Cada vapor tinha um estilo particular, apito prolongado, breve ou entrecortado, som mais agudo ou mais grave, aveludado ou áspero, e pelo timbre a população adivinhava o emissor do aviso. Mais uma vez apurava-se o ouvido e suspendia-se o fazer. “É o Raul Soares” – “Não é o Halfed” – “É o Saldanha Marinho” – “O Paracatu”. Quem estava no cais, com a ajuda da imagem crescendo sobre as águas, identificava mais rápido. Já se podia distinguir pelo pontilhado das janelas, se era vapor de passageiro ou de carga. (SOUZA, 1996, p. 10).

O comandante raramente atracava no cais durante a noite, a não ser por algum acidente de percurso, ocorrido durante o itinerário da viagem. “*Era perigoso viajar durante a noite são muitos os bancos de areia, e a nossa vista pode não perceber, e o vapor quando encalhava, dava uma trabalhadeira pra tirar ele daquele lugar, ele é muito pesado e precisava da força de muitos marinheiros. Houve um tempo, que se a gente chegasse à noite, só podíamos apitar só até as dez da noite, e no outro dia só as seis da manhã, quando o dia amanhecia, foi uma exigência da companhia de navegação*”, lembra o Sr. Cassiano.

À luz da lua, a trajetória de um vapor do pontal até o porto tinha um toque de colorido e deslumbramento, como se um barco de brinquedo se transformasse em navio real enquanto avançava pelo facho tremeluzente das águas. Uma réstia prateada cobria o dorso das ondas, clareando a larga pista do rio e dando um contorno nítido à passagem; e a roda do vapor deixava uma calda de reflexos onde a espuma parecia estilhaçar a lua.(SOUZA, 1996, p. 11).

Se havia todo um encanto local, na chegada do vapor sob a luz do dia, a paisagem noturna despertava sensações ainda maiores no imaginário das pessoas, sobretudo nas crianças; eram cenários que oscilavam em céus claros e escuros povoados por estrelas e luas, encobertas e descobertas.

Mas nas noites de céu escuro havia qualquer coisa de fantasmagórico, de assombrador, no avanço da luz de bordo contra o predomínio devorador da escuridão. Era como se um olho turvo espiasse a cidade pelo umbigo da noite, lá daquela noite sinistra da sombra onde o que cresce e alumia tem a força de encantar e assombrar. O próprio apito do vapor, na claridade sempre agradavelmente sonoro, à noite adquiria (para os nossos ouvidos de criança) uma tonalidade amedrontadora, tornava-se grave como um gemido, longo e doloroso gemido de alma do outro mundo errando sobre as águas noturnas. Então víamos (mais a distancia do que de dia) os marinheiros saltando do convés feito demônios, gritando nomes que crispavam os silêncios do rio, envoltos em capas encardidas, metidos em botas e chapéus que davam ao panorama da atracagem noturna a silhueta de uma invasão dos bárbaros (SOUZA, 1996, p. 11).

Hoje existe um único vapor que navega pelas águas do São Francisco, o Benjamim Guimarães. Realiza-se um passeio aos domingos, com funções turísticas, percorrendo um trecho pequenino, durante um período de 4 horas. Os passageiros, em grande parte, são turistas ou outras “gentes de fora”, de outros lugares do Brasil. Não existe mais a mesma “empolgação” de outrora e nem o mesmo movimento no cais. O tempo e o ritmo das pessoas, nos dias de hoje, é outro, diferente daquele tempo do passado. E, também, os ruídos e silvos são agora outros, bem diversos. O Sr Cassiano é o comandante dessa pequena viagem; depois de muitos anos aposentado, voltou à ativa. É ele quem me diz: *existe muita diferença dessa viagem pras outras que a gente fazia antigamente. Hoje as pessoas querem só se divertir e passear, não existe nenhuma preocupação, não vão desembarcar em outra cidade...*



Foto 8- **“Lembrança da navegação”**. Vapor Benjamim Guimarães em Pirapora-MG.

Autora: Joycelaine Oliveira (dezembro em 2008)

Da minha casa, em Pirapora, eu conseguia ouvir, às vezes, o apito anunciando que um vapor estava partindo ou chegando. O som despertava em mim, um misto de tristeza e alegria. Era uma melancolia que vinha de algum lugar de mim mesma e que, ainda agora, não consigo identificar. Escuto do Sr. Cícero a expressão “o choro do vapor” e ponho-me a me perguntar: será o seu canto triste? Porque chora o vapor? Talvez essa expressão carregue também o sentido de uma vida sofrida, dessa gente sertaneja e barranqueira. Nas duas margens do rio, o mundo realiza o seu acontecer, e os diferentes tempos das muitas vidas passavam. Sinto que ainda há muito de tristeza nessa poesia de beira de rio.

Fica a imagem de um passado que vive nas águas do Velho Chico, que também é Rio São Francisco, Rio do Chico. Não existe mais a viagem dos nossos comandantes dos vapores, o Rio já não é mais o mesmo, barragens foram construídas e, com elas, cidades foram destruídas. O ritmo do rio foi alterado, já não são mais as mesmas cheias e as mesmas secas. Em Pirapora, ele se distancia cada vez mais da cidade; na praia, onde por várias vezes me banhei, a areia está ocupando o espaço da água, aproximando o rio da outra margem, onde vive a cidade de Buritizeiro. O Sr Cícero me diz: *“o rio fala, mais os homens não querem ouvir, ele grita, ele sente dor”*. O rio fala por meio do Sr Cícero, pede ajuda. *“O Rio, flui... nas falas, nos tons de voz,*

nos gestos, no olhar, no coração... na subjetividade dos personagens... revelam... os seus sentimentos hídricos-fluviais, os seus vínculos de geograficidade topohirica” (GRATÃO, 2001, p. 39).

Hoje vivemos em tempos de plena transposição das águas do São Francisco. Geógrafos, biólogos, ambientalistas, geólogos fazem suas análises e previsões. Saberemos nós, ao certo, o que acontecerá com o nosso rio? O tempo nos dirá as suas reações.

A Companhia de Navegação do São Francisco, a FRANAVE, está hoje de portas fechadas, em Pirapora (Foto 8). A imagem do prédio de cor amarela, como se fosse um retrato pendurado na parede, está ainda de pé, e nela vive a lembrança do tempo em que o rio era a estrada de água, percorrida por nossos velhos comandantes dos vapores.



Foto 9- Lembrança simbólica. O prédio da FRANAVE (Companhia de Navegação do Rio São Francisco)

Autor: Joycelaine Oliveira (dezembro em 2008)

Fecho esse momento com as palavras do Sr. Valdemar de Borges. A sua fala é uma percepção de tristeza de um rio que está diante dos olhos, mas remete a um outro rio que se foi, que não volta.

“Não gosto de ir no rio porque eu chego lá, tá aquilo tudo parado, tudo quieto parecendo um cemitério. Eu gostava era do movimentos dos vapores no rio,

antigamente aquele cais vivia cheio de gente, gente de tudo quanto é tipo, pobre, rico, preto, branco, criança, velho aquilo era só movimento, era um tempo alegre. Chegava um vapor, saía outro, de longe a gente ouvia um outro vapor assim Piiii(imita o som do vapor) que vinha de longe cantando. Hoje quando chego ali no cais e vejo aquela paradeira toda, me bate uma tristeza.”



Foto 10- “**Aguas que remansam**”. O São Francisco correndo lentamente, e um barqueiro solitário no meio das águas parece pedir a benção! Que venha bom tempo!

Autor: Joycelaine Oliveira (dezembro em 2008)

3.3.1 Os espaços do vapor

*Lá vem vindo o Wenceslau
Vapor de rara beleza
Na carreira deste rio
Com seu porte de nobreza
É o dono do banzeiro
E também da correnteza!*
(Zanoni Neves, 1991, p. 47)

O vapor é um barco grande, igual aos do Rio Mississipi, nos Estados Unidos da América. Uma grande roda de pás na parte traseira movimenta o barco. Ele se divide em três

partes. Na de cima estão as cabines do comandante, do piloto e do comissário, além dos camarotes reservados à primeira classe, aqueles que possuíam uma posição social mais elevada e que podiam pagar pelo conforto. Um espaço, também na parte de cima, dispõe de várias cadeiras, onde se pode tomar sol.

Na parte de baixo ficam a caldeira, o lugar para se depositar a lenha que a alimenta; fica, também, a carga. Finalmente, no espaço maior, central, ficam as redes, que se entrecruzam, colocando lado a lados os viajantes mais pobres. Nesse espaço ficam os camarotes do contramestre e dos maquinistas, a casa das máquinas e a cozinha.

Conta Zanoni Neves que as lenhas que movimentavam a embarcação eram empilhadas por metro cúbico, ao longo do barranco. Os vapores aportavam e abasteciam (Foto 10). “As goelas insaciáveis de suas caldeiras estimulavam a indústria extrativa da lenha que, ao longo de um século, contribuiu para a destruição da cobertura vegetal ribeirinha”. (NEVES, 1998, p. 182)



Foto 11 - **Porto de lenhas** (1946). Parada para reabastecer o vapor para que a viagem pudesse continuar.

Autor: Marcel Gautherot (1995)

Entre os vaporzeiros, ou seja, a tripulação dos vapores, havia diferenciações internas de acordo com as especialidades de cada um. Sr. Cassiano esclarece sobre elas:

Moço de convés e marinheiro era subordinados ao contramestre. O contramestre é o responsável pela área de convés. A área de convés era o embarque desembarque de mercadorias. O contramestre que ficava responsável de conferir essa mercadoria juntamente com os marinheiros em cada cidade que parava, no total eram vinte e oito cidades. Os marinheiros eram os que ficavam responsáveis pela faxina da embarcação, atracação e desatracação. O piloto é o motorista da embarcação, junto com o auxiliar. Ai vem o comissário, responsável pela embarcação dos passageiros, e responsável pela alimentação da tripulação e dos passageiros. Nas embarcações menores, não tinha comissário, o comandante mesmo que coordenava. Tinha os taifeiros, o garçom, aquele que servia a comida e responsável pela faxina da primeira classe. A camareira que cuidava da arrumação dos camarotes e a cozinheira que dependendo da embarcação eram duas ou dois cozinheiros, ou uma cozinheira e um cozinheiro. Agora vem o pessoal de máquina, tem o supervisor maquinista que era o responsável pela máquina e a caldeira, e o cabo de máquina que era o auxiliar. E tem o pessoal da caldeira que, naquela época, eram foguistas, hoje o nome é marinheiro de máquina, que é aquele que joga lenha na caldeira. Em embarcações como o São Francisco, o Benjamim Guimarães, Wenceslau Braz, o normal eram trinta e dois tripulantes. Os demais, média de vinte e poucos.

Os vapores percorriam um itinerário entre dois espaços: o porto de Pirapora e o porto de Juazeiro. As embarcações chegavam e partiam dessas cidades, levando mercadorias e passageiros. “*Aqui existia três companhias de navegação: Navegação Mineira do São Francisco, que era do estado de Minas, Companhia Viação Pirapora, empresa privada que era daqui de Pirapora, e Viação Baiana do São Francisco Juazeiro Bahia. No governo de João Goulart, veio a junção. Ai por volta de 1964 foi criada a companhia de Navegação do São Francisco*”.

Mas a vida de bordo não era fácil, não tinha hora certa para o serviço. A qualquer momento do dia podiam soar os três silvos agudos da máquina, avisando os pilotos de que a fornalha carecia de lenha. O navio manobrava , virava a proa de encontro à correnteza e atracava na barranca . Explica M. Proença Cavalcanti:

Um cabo em cada extremidade o mantém, e logo são colocadas as pranchas por onde os marinheiros desfilarão, conduzindo feixes no ombro. Antes porem o encarregado mede a lenha de má qualidade, revessa, lenha de cerrado, uma que outra tora mais grossa (PROENÇA, 943, p. 135).

A imagem a seguir (Foto 11), reflete bem os ombros nus e fortes dos marinheiros, mesmo com o trabalho pesado, um sorriso no rosto.



Foto 12- “**Marinheiro carregando lenha**”. A força dos braços e o sorriso no rosto, um cigarro na boca e a delicadeza sertaneja.
Autor: Marcel Gautherot (1943)

Os marinheiros eram os responsáveis em abastecer a lenha do vapor. Proença descreve o processo desses marinheiros. Homens apenas de calção, com camisetas rasgadas, colocavam sobre as cabeças uns sacos de lonas em feitiço de capuz e ajeitavam, nos ombros uns dos outros, os feixes de lenha. Às vezes era possível se ouvirem gritos, seguidos de muitas risadas, denunciando a descoberta e festejando a morte de uma jararaca, percebida no levantar de um galho de árvore.

Passageiros e tripulantes repartiam-se entre os espaços dos vapores, durante as continuidades e as pausas do viajar pelo rio. Conta o Sr. Cassiano que houve, em algumas ocasiões, embarcações grandes, como o Benjamim Guimarães, que transportava, aproximadamente, 300 pessoas. Na época da Festa da Lapa, a festa do Bom Jesus, na cidade de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, esse fluxo grande de pessoas era comum. Grande parte dos

ribeirinhos eram romeiros, devotos do santo, que iam a busca de graças e de cumprir promessas pelas graças já recebidas.

A quantidade de romeiros era grande pra pouco espaço no vapor, porque só tinha lugar pra 28 passageiros, mas eles viajavam até na Lapa, na base da esteira e da rede. Tudo quanto é canto no vapor era ocupado por redes e esteiras pra que eles pudessem deitar. Mais eles iam assim mesmo sem conforto, porque queriam participar da festa do Bom Jesus.

Assim, a vida se organizava no grande barco-casa, entre dias e noites dormidas em camarotes ou esteiras e redes, pelos espaços dos vapores e entre os diferentes espaços que ora uniam e ora separavam pessoas e vidas. Como uma casa que flutuava nas águas e que acolhia, por algum tempo, algumas pessoas de passagem, o vapor era vivido como um lar. Para os trabalhadores, ele era mesmo a memória de toda uma vida, em pensamento e em ação, que acontecia entre os seus tempos e espaços de dentro e entre os quais ele passava. Fico a imaginar quantos amores começaram nesses espaços? Quantos namoros foram neles terminados? Quantos sorrisos e quantas lágrimas?

Conta o Sr. Cassiano que, uma vez, uma cozinheira deu à luz um menino, dentro do vapor. Exatamente na divisa de Minas com a Bahia a criança nasceu, e ele ajudou no processo do parto. E acabou por ser padrinho do menino. Quantas histórias viajadas nessas águas de rio?

3.3.2 No caminho do rio: um porto do Sagrado

*Mano, não se deve bulir
Assim com coisa sagrada
A prudência é virtude
A ser por nós cultivada
Respeitemos esta gruta
Tempo e Santa Morada...
(Zanoni Neves, 1991, p.34)*

Bom Jesus da Lapa é uma cidade muito falada pelos vaporzeiros. Era uma espécie de Porto do Sagrado, lugar da gruta sagrada do Santo Bom Jesus. Era o santo protetor das gentes barranqueiras e sertanejas. O Sr. João de Félix, conta que vai sempre à cidade, quando é período de festa do santo Bom Jesus. O Sr. Cícero também é freqüentador assíduo, todos os anos visita a

família na Bahia e a festa já é uma espécie de rotina na sua vida. A devoção ao santo faz parte da tradição do povo barranqueiro. Devido à proximidade geográfica da gruta sagrada, uma grande parte de devotos do santo era originária dos três estados banhados pelo Médio São Francisco, sendo eles pernambucanos, bahianos e mineiros.

Zanoni Neves explica que o “São Bom Jesus da Lapa”, como alguns romeiros o chamavam, não protegia apenas o gado (no campo), a pesca (nos rios e lagoas), as roças (na ribeira e “no lameiro das ilhas”); sua proteção valia, também, para os viajantes “na carreira do rio”, em vapores, barcas, balsas e paquetes.

Os moços de barca não fugiam à regra. Eram também fervorosos devotos de Bom Jesus da Lapa. No mês de agosto durante a romaria, ou em qualquer oportunidade que se apresentasse, visitavam a gruta sagrada enquanto seus patrões “faziam a praça”. (...) Misturavam-se aos romeiros no sopé do Morro da Lapa. Dividiam o mesmo espaço sagrado com cegos cantadores, com os aleijados, com os mendigos, com os vendedores de imagens, medalhas e quadros do Senhor Bom Jesus. Às vezes pagavam promessas: levavam votos em oferenda ao santo da Lapa nos casos de doença ou ferimento grave. Nas situações de perigo e desespero podia-se ouvir um apelo patético ao santo: Valei-me, meu Bom Jesus!(NEVES, 1998, p. 242).

Dentre as 28 cidades que os nossos navegantes percorriam, Bom Jesus da Lapa era o lugar do sagrado, das manifestações simbólicas. O lugar onde o sertanejo depositava a sua esperança, a sua fé. Os vapores iam lotados de gentes espremidas em seus espaços desconfortáveis, viajando por muitos dias, para reverenciar o Bom Jesus da Lapa. “*Quando a gente entrava na cidade da Lapa, o nosso mestre já nos avisava, que aquela parte do rio, era de águas sagradas, pertenciam ao Bom Jesus, sempre parávamos na cidade da Lapa para pedir proteção ao Bom Jesus*”. Lembra o Sr João.

*Meninos, tomemos o braço
Que dá acesso ao Morro
Para saudar Bom Jesus
Amparo do negro forro
Na lida das corredeiras
Onde pedimos socorro!
(Zanoni Neves, 1991, p.32)*

Construída no interior de uma gruta, escavada em uma montanha solitária, a igreja possui todas as condições para despertar o misticismo de um povo já de si propenso a essas manifestações. M. Cavalcanti Proença destaca os encantos da Igreja de Bom Jesus da Lapa, quando em passagem pela região, em 1926.

(...) o aspecto da gruta é impressionante na sua beleza natural, com uma abertura que dá pra fora, espécie de janela aberta no paredão a pique do cerro, em cuja base coleia um braço do São Francisco. Conseguia mesmo vencer o mau gosto das estalactites coladas a cimento grosseiramente no céu da gruta e o espetáculo confrangedor de miséria física dos mendigos e doentes que exameiam nos arredores (PROENÇA, 1944, p.152).

Lembro-me de ter ido a Bom Jesus da Lapa, numa viagem que fiz acompanhando uma tia. Nunca esquecerei da imagem daquele lugar, muita informação junta no espaço, muitas cores, muitos cheiros, muitos sons. Barraquinhas de lonas, forradas de chitas estampadas, brigando por espaços mínimos, nelas se vendiam, artigos religiosos, santinhos, velas, lembranças da cidade, da gruta do Bom Jesus. Gente por todos os cantos que pede esmola cantando, pessoas deficientes, muitas com feridas pelo corpo, cenas fortes para a percepção dos meus nove anos. Os meus olhos conheciam pela primeira vez um outro lado do sertão. Um sertão que chora e reza. Pedidos e promessas de uma gente que tem tão pouco, que de tudo carece, de desenvolvimento, de alimento, de saúde, de educação. É preciso ter fé, uma grande fé curandeira, para suportar os limites de tanta carência.

As romarias anuais constituem até os dias atuais, um espetáculo rotineiro, repetido ainda, com a mesma fé fervorosa, por muitos sertanejos de todos os sertões do Brasil. Na memória do rio e do sertão, muitos são os milagres do santo, conta-nos M. Cavalcanti Proença:

Um ladrão protestante que resolveu roubar a igreja, por mais esforço que fizesse não conseguiu aproximar-se do cofre das esmolas, foi preso e se converteu mais tarde (...) um menino de meses caiu da janela da gruta nas águas do São Francisco e não afundou, antes ficou sentadinho, brincando com as águas até que veio uma canoa para o tomar. E vários outros de autênticos milagres e misericórdias (PROENÇA, 1943, p. 153).

Entre símbolos e signos configurava-se a cidade da Lapa do Bom Jesus. Pelo rio, várias manifestações desse simbolismo. Os sertanejos que não podiam ir à gruta colocavam os seus pedidos e oferendas dentro de cabaças, para que assim, pelo rio, navegassem até o templo. A correnteza do rio era um meio de transporte; por ela navegavam a fé e a esperança dos ribeirinhos e sertanejos, em seus muitos pedidos de melhoras para as suas vidas, que as águas entregariam ao santo. Como lembra o Sr João de Félix: *“eu me lembro de que quando eu era menino, lá na Bahia, a gente via um monte de objetos que as pessoas jogavam no rio para o São Bom Jesus da Lapa, a gente nem encostava neles, deixava tudo quietinho dentro do rio, às vezes a gente via até dinheiro, mais a gente não mexia porque aquilo era coisa sagrada”*. O sagrado que viaja pelas águas, o rio que leva as promessas ao santo, a água como travessia da fé.

Eu vou à cidade da Lapa todos os anos, porque aquela gruta é um mistério de Deus na natureza, quando eu vou ali eu sinto que me fortaleço cada vez mais. Você conhece lá, aquilo é incrível. Você ver a fé das pessoas isso é muito bonito. Lá eu faço os meus pedidos as minhas orações. Eu já alcancei várias graças que pedi a ele. Todos os anos quando eu vou peço ao Bom Jesus que me dê saúde pra que eu possa voltar no ano que vem.

A cidade de Bom Jesus da Lapa se constituiu, ao longo de todos esses anos, como um espaço de “geografias míticas”, em suas muitas representações, de fé e devoção, das pessoas que vinham de vários cantos do sertão para reverenciar o santo, na gruta sagrada.

3.3.3 Intervalos: “em cada porto era uma mulher”

*Ontem na barra
Eu vi passar
O navio do vapor
E bem pertinho
Ali no pontal
O navio apitou*

*Se você vai navegar meu amor
Na barquinha do vapor
Se você vai navegar meu amor
Eu juro que também vou
(Música de Tavinho Moura/ Benjamim)*

Em cada porto uma mulher! Não é de hoje que escutamos falar sobre as fantasias femininas, diante dos marinheiros vestidos de branco. O branco da roupa e as viagens por meio das águas pareciam recheiar o imaginário das mulheres. São muitos os poetas que escreveram, sobre esses amores efêmeros, amores que vinham pelas águas a bordo de um navio. Amores de porto! Amores de cais! Amores de rios! Amores de águas!

“O pai já alertava as filhas: vaporzeiro não pára em casa. Você quer mesmo casar com ele?” (Sr. João). “Tionilia”, personagem de Paixões Alegres, se deliciava com esses amores de beiras de rio. Gostava dos homens das águas, achava-os calientes, mas não se arriscava em estabelecer maiores laços com eles, duvidava das suas condições de fidelidade. “Eu, casar com marinheiro? Pra chegar na lua de mel, você me deixar na lua e a outra lambar o seu mel no porto adiante?” (SOUZA, 1998, p. 112). Essa deveria ser a dúvida e o medo de algumas esposas que

ficavam em casa, na espera de seus companheiros. “*Será que ele tem outra por esse rio afora? Não, o meu marido é fiel, não faria isso comigo. Será?*”. Sr João me diz: “*pergunta pra minha esposa que ela te conta a sina de ser mulher de um vaporzeiro*”.

Muitas eram as tentações femininas que cercavam os homens das águas. “*Em cada porto era uma mulher, mulher da zona, namoradas. Vixe!*”! (Lembra o Sr João) O cais era também um lugar dessas relações afetivas. Paixão e saudade eram o sustento desses romances, de porto e de beira-rio. A viagem possibilitava-lhes ter vários romances, ao longo do rio.

Tionília só se abria na entresafra, ou seja, entre um namoro terminado e um outro a começar, entre o marinheiro desalojado e o próprio eleito vapor acima. Duas palavras tinha uma constância particular em sua boca: paixão e saudade (Souza, 1998, p. 112).

Os remeiros ficavam por mais dias numa única cidade, quando podiam estabelecer uma relação mais demorada com o lugar. Zanoni Neves nos informa que eles, os remeiros, eram freqüentadores de cabarés, gostavam de tomar cachaças, estavam sempre nos “arrasta-pés”, nas festas dançantes, onde só eles dançavam com as mulheres. Eram verdadeiros poetas populares, sabiam cantar, compor versos.

*Cabocla mel de engenho
Sopro do vento geral
Sabor de manga minera
Sabiá no meu quintal
Nas bordas do rio-jardim
És uma flor marginal
(Zanoni Neves, 1992, p. 46)*

Os vaporzeiros não se demoravam por muito tempo nas cidades, no máximo de um dia para outro. Os remeiros, porém, eram muito discriminados pela população; os vaporzeiros tinham uma receptividade maior perante a sociedade, sobretudo pelas mulheres. O ditado popular de “que marinheiro tem uma mulher em cada porto” parece ganhar sentido na história dos remeiros e vaporzeiros do São Francisco.

Marinheiro, você não deixe lhe pegar na cintura.braço..se rodeia o braço, já quer atracar, sojigar...marinheiro, você carinha com uma mão e a outra você já empurra... facilite com eles não! (...) Homem que lida com as águas sabe fazer uma fêmea suar... marinheiro tem a mão mais molhadinha.(SOUZA, 1998, p. 111).

Amores efêmeros, aquecidos pelo sabor da paixão e da saudade. O rio os levava e os trazia, de volta ao cais e ao porto. O anúncio do apito, longo e vagaroso, acendia o coração das moças, para ver os tripulantes saltarem do grande barco. “Até que o apito do vapor seguinte vencida a resistência do seu tímpano, penetrava-lhe o ouvido e tangia seu coração para a beira do rio... de onde voltava afogueada por uma nova paixão e já suspirando de saudade” (SOUZA, 1998, p. 111).

A história de vida desses homens em seus amores e desamores, que aconteciam na travessia do rio, fazem com que o meu corpo e o meu pensamento se desloque, imaginariamente, para o espaço dessas águas beiradeiras a flor do Chico. Como nos romances que leio, imagino homens que vêm pelo rio, sedentos de calor. Homens que trazem no corpo e na alma a água que corre, a natureza interagindo com os seus hormônios masculinos. A alegria de uma moça que espera o seu amor, que daqui a alguns instantes irá atracar a bordo do vapor, no porto. Saudade e alegria se misturando. A dor da partida e a alegria da chegada. Deve haver muitas histórias de amores proibidos, de moças que fugiram com algum dos tripulantes do vapor e se lançaram pelo sertão, nas águas do rio.

3.3. 4 “O olho que ia construindo a estrada de água que a gente passava”

*Não manga assim, marinheiro
Nessa proa a descansar
Agradeça ao remeiro
Que na lida secular
Mediu todo este rio
Nos permitiu navegar!*

*Com estas mesmas canetas
Num trabalho inclemente
O remeiro conheceu
Do rio cada acidente
Desde o século dezoito
A cultivar a semente
(Zanoni Neves, 1991, p.47)*

Um saber advindo da experiência de conviver com o Rio, em tempos e espaços em suas mais variadas tonalidades de cores de águas, em cenários que se transformavam com as cheias e com as secas do rio. Num exercício de atenção e memorização, o olho ia-se orientando de acordo

com o ritmo do Rio e da natureza em seus arredores. Sr João de Félix revela que a sua experiência como remeiro, facilitou a vida de vaporzeiro. *Ser remeiro me ajudou muito no meu trabalho nos vapores, quando eu fui prático. Porque eu tinha experiência com o rio, conhecia ele de tanto andar dentro dele.*

Os remeiros talvez sejam os trabalhadores mais especializados, nessa cartografia das águas, pois antes dos vapores, eram as barcas que navegavam pelo rio, e eles com seus braços fortes seguiam tocando a barca, utilizando remos e varas, para tatear o rio, sentir o rio. *“Através do olho a gente ia conhecendo o rio e íamos criando os pontos de referência. Às vezes uma árvore, uma barranca, uma casa em uma margem indicava o caminho que podia passar”*, diz o Sr. Cassiano.

Nos vapores gastava-se, com uma viagem, uma média de oito dias para descer e 12 dias para subir o rio¹¹; isso se não ocorresse nenhum impedimento. O mais comum deles eram os bancos de areia, formados dentro do Rio. Era muito comum a embarcação ficar presa ali, por horas, até se conseguir retirá-la, sobretudo na época das secas.

“Pra você andar dentro do rio, você tinha que conhecer ele. Era como se fosse uma pessoa. Pra você ficar amigo de alguém, você precisa conhecer. Não é? Pra você pegar confiança numa pessoa, você precisa descobrir ela. Assim era o rio, enquanto mais a gente sabia sobre ele, mais confiança a gente tinha de andar por ele”. Sr. Cassiano

Segundo os nossos comandantes dos vapores, no tempo da seca, os encalhes eram numerosos, os marinheiros se esforçavam o dia inteiro e, muitas vezes, pela noite adentro, a labutar com o navio preso. *“Quando o vapor encalhava, ele dava um arranco que ele todo estremezia, quando o fundo encostava naquele baixo”*. Lembra o Sr. Cassiano.

Como o rio é um lugar em movimento, nem sempre as referências do caminho das águas, memorizadas pelos viajantes, estavam no mesmo lugar. Acontecia, muitas vezes, de um banco de areia não estar mais no lugar referenciado por eles.

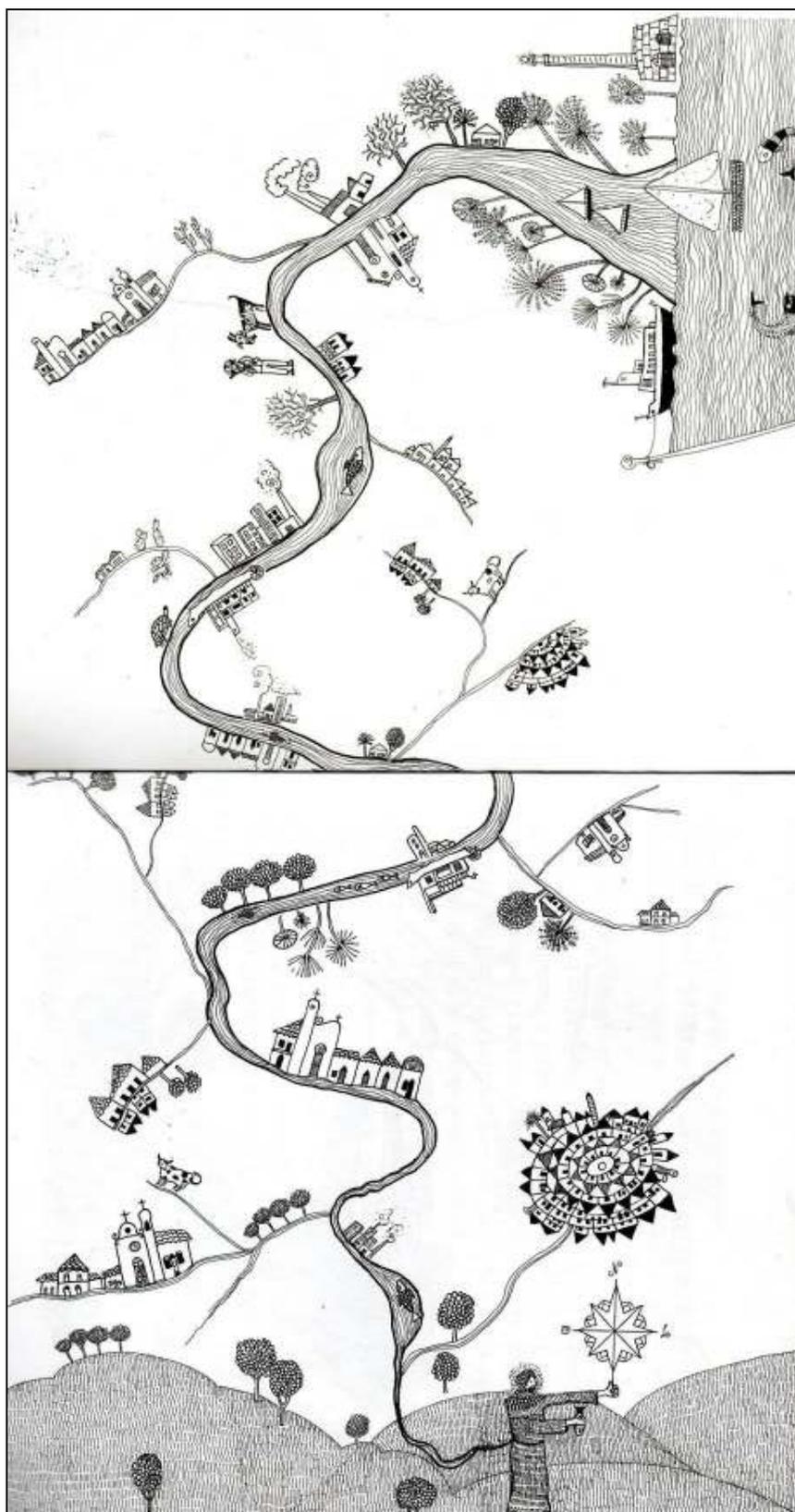
¹¹ Descer o rio, ou rio abaixo era o trecho de Pirapora a Juazeiro, navegando a favor da correnteza. Subir o rio, ou rio acima, era o trecho de Juazeiro a Pirapora, navegando contra a corrente do rio.

Muitas vezes, você ia a Juazeiro, em determinado trecho passava ou na margem esquerda ou na margem direita, no retorno o canal já mudou e já não está mais ali. De dia a gente conseguia descobrir, agora a noite, vamos sondar o trecho, vamos dali e daqui. Com as barragens a correnteza diminuiu em algumas cidades, e isso também não é bom pra navegação. Porque a correnteza possibilita o nosso conhecimento, aqui tá mais fundo, mais raso. Quando tem um banco de areia, por exemplo, dá pra diferenciar a água, ela fica diferente das outras, ela dá uma abaixadinha.(Sr. Cassiano)

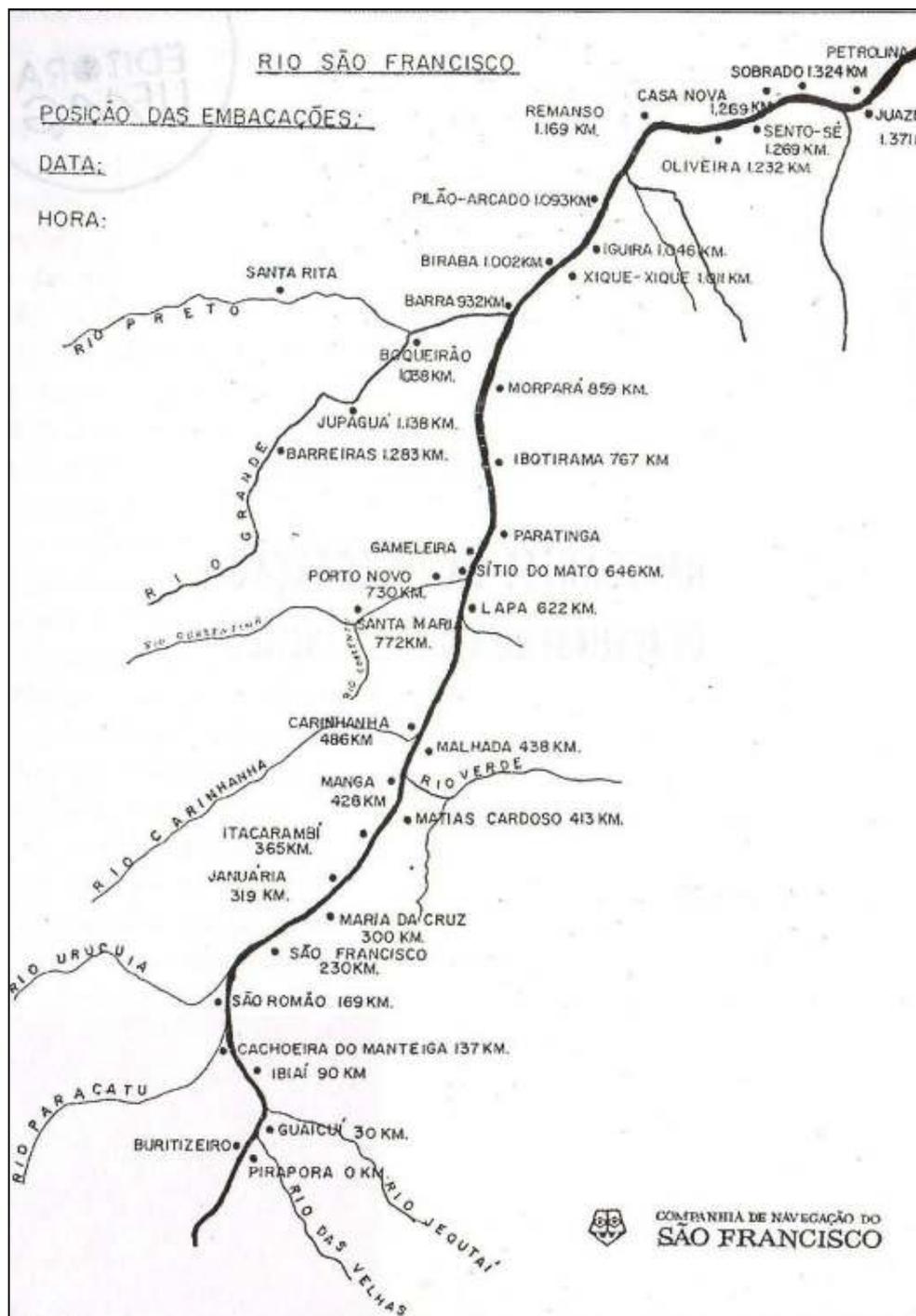
Assim, como cartógrafos do rio, eles iam ziguezagueando e construindo o caminho das águas. Mapas que, em vez de serem traçados com canetas esferográficas e papéis, eram traçados na memória e no olhar, que iam possibilitando o tracejar das águas. Nesse tracejar das águas, no olhar a vida de dentro da barca do rio para fora, cenários de vida grafavam o mapa da memória, em cada cidade, em cada vila, em cada curva do rio, pessoas, cenas, gestos. Um animal que pastava, na beira da margem, o rancho de um pescador, uma plantação na vazante, um amigo querido numa cidade, um bar para se tomar uma cachaça, um cabaré para dançar e namorar mulheres... E assim seguiam viagem, lentamente, entre idas e vindas. A imagem a seguir (Desenho 1), desenhada por Desmótenes Vargas, mostra bem essa “geografia do caminho das águas”.

Cada um de nós desenha os nossos próprios mapas, conforme vamos descobrindo o mundo. Nesse sentido, temos histórias e geografias de vidas, pois as histórias precisam de espaços e de lugares para acontecer.

Logo, um outro desenho, mais concreto, o percurso do rio com todos os lugares de paradas, durante a travessia de Pirapora a Juazeiro. Temos então um mapa mental, num olhar mais perceptivo de cenas e cenários. E um outro com um enfoque na concretude, na localização geográfica; este era utilizado pelos tripulantes das embarcações, no percurso do rio.



Desenho 1- O Rio e a vida se desenhando
Autor: Demóstenes Vargas, 2000



Desenho 2 - O percurso navegável do Rio em todos os portos de paradas.
Fonte: Zanone Neves, 1998

Escrevi sobre histórias de um rio que me contaram, de um rio que criei a partir das histórias que ouvi. Foram as lembranças dos homens do Rio, em seus percursos de águas e vidas que foram reveladas a mim, e que agora partilho e revelo. Enquanto ouvia, viajei na viagem

contada por eles, criava no meu imaginário os meus cenários e as minhas cenas de gentes, cais, portos, rio e vida. Percebo que nesses homens das águas, a vida se constituiu em função do rio, casamentos, viagens, filhos e netos. Ou será a vida um rio? Somos nós navegantes das águas da vida?

No próximo capítulo, falo das minhas lembranças, trazendo as minhas águas do passado, águas da infância e da adolescência, conto as minhas lembranças, partilho as minhas memórias. Os antigos trabalhadores do rio me contaram sobre as águas de suas vidas, me ofertaram o Rio São Francisco de coração aberto. Numa troca solidária de memórias, senti que deveria registrar nesta dissertação, também as minhas lembranças, as águas da minha vida.

4 ÁGUAS PRIMEIRAS

4.1 Encontro de tempos e águas

“Quando amamos uma realidade com toda a nossa alma, é porque essa realidade é já uma alma, é porque essa realidade é uma lembrança” (BACHELARD, 1997, p. 121).

Entreolho pela janela do presente e percebo que relembrar é estar vendo, sob um outro olhar, uma história e algumas estórias, podendo compreender as outras histórias-estórias muitas, que se misturam. Sim, histórias ou estórias, como em João Guimarães Rosa, de múltipla e rememorada vivência de mundo, que se entrelaçam e se contrapõem às minhas. Por mais que queira lembrar as minhas memórias de acontecimentos que ocorreram em outro dia mesmo, isto não me é possível, porque tudo agora se dispõe de um modo desigual, no meu campo perceptivo. Muita coisa já se foi com a corrente do tempo. O tempo, esse rio não visível por onde viajamos uma vida, sem saber ou lembrar que a própria vida é, ela também, uma viagem entre águas, portos e vidas.

O tempo nos conduz a passar de um estado de espírito a outro: a perda de um amigo, de um parente, a formatura, o primeiro dia de aula, o primeiro amor, uma primeira partida, um primeiro retorno dividem a nossa travessia em e entre diferentes períodos. Passamos de criança a adolescente, a adulto, a velho. O tempo é um rio que corre. A vida é o sentimento que temos do nosso próprio viajar por esse rio. O rio de uma história coletiva que corre e nos leva, a todo o momento. E o viajar nele é o vogar de nossas estórias, de nossas pequeninas biografias pessoais, ao longo desse mesmo rio comum, a que damos ora o nome de “tempo”, ora o nome de “vida”. O rio do tempo cujas águas são o curso da vida. Como lembra Herman Hesse, em Sidarta, onde o rio é também o tempo, uma unidade que mescla tempos diversos em um instante de presença. Entre andanças e errâncias, entre muitos mestres que encontrou durante o caminhar, Sidarta, o personagem principal do livro, decide por terminar a sua vida num único porto, vivendo na beira e nos entremeios do rio, trabalhando como um balseiro, fazendo a travessia, levando gentes para a outra margem. O rio se torna o seu mestre maior, aprende a ouvir a linguagem fluida e líquida das águas, e com ele segue em busca de uma terceira margem, a margem de si mesmo.

(...) o rio se encontra ao mesmo tempo em toda a parte, na fonte tanto como na foz, nas cataratas e na balsa, nos estreitos, no mar e na serra, em toda a parte, ao mesmo tempo; de que para ele há apenas o presente, mas nenhuma sombra de passado nem de futuro. (...) E, quando me veio essa percepção, contemplei a minha vida, e ela também era um rio. O menino Sidarta não estava separado do homem Sidarta e do ancião Sidarta, a não ser por sombras, porém, nunca por realidades. (HESSE, 2004, p. 126).

Como o rio que nasce em sua fonte de origem todos os dias e que corre para um determinado destino, assim também nós, em viagens nesse rio, nascemos, viajamos e partimos um dia. Perguntas me vêm à mente. Que destino queremos? O que nos move na vida? Quais as nossas paixões, nossos sonhos vividos e cartografados por caminhos às vezes incertos, em busca de um desejo, de uma bela paisagem, ao fim do dia? Ao final da vida? Perguntas, incertezas, dúvidas seguem conosco na travessia desse rio-vida. Só o tempo pode responder a todas elas. Mas será que o próprio tempo conhece as nossas perguntas e sabe nos conduzir às nossas respostas? E como o rio que nasceu ainda hoje é, em um dia como este, sinto em mim mesma, aqui, agora, que tudo começa e que tudo continua. É no continuar desse rio da vida que me vejo, envolvida pela memória, ao me transportar, imaginariamente, para um outro tempo, no espaço sempre em movimento.

Em tempos como esse, em que tento escrever este último capítulo da dissertação, percebo que todo esse processo de escrita e de pesquisa é como o preparo artesanal de fazer o pão, agregar os elementos, o trigo, a água, o fermento, o sal e amassar com bastante cuidado... Deixar a massa descansar e crescer... Só então assar... Quando, finalmente, sair do forno, dividir e partilhar... Assim escolhemos partilhar vidas e histórias, partilhar lembranças, sentimentos e palavras. É esse pão feito a várias mãos que acaba de sair do forno, está quentinho e, imaginariamente, posso sentir o seu cheiro, que se espalha por toda a casa, e cresce o desejo de saboreá-lo. Um pão feito a várias mãos, por meio de muitas lembranças que foram colhidas, assim como o trigo que, na safra, é colhido, sempre, entre várias mãos. Nesse processo coletivo misturo também as minhas mãos e as minhas lembranças, mesmo me sentindo uma aprendiz ainda, enquanto ouvia as histórias vividas pelos homens do rio, memórias das histórias e estórias que são, na verdade, o fermento desse pão, eu as escutava com atenção, misturando as minhas lembranças de minhas histórias nas histórias deles.

Enquanto escrevo isto, novembro se inicia e, com ele, uma paisagem molhada e sonora, que embala os nossos sons, é tempo das águas, no Triângulo Mineiro. Da janela do quarto vejo a

chuva que cai, durante esses dias. Depois fecho os olhos e ouço a chuva caindo. E me vem a lembrança da proximidade das festas de final de ano, quando por todos os cantos e recantos a paisagem da cidade se colore de vermelho para a chegada do Natal. Vivemos um período de travessias, terminar e recomeçar, mais um ano que se vai e um outro que logo começa. Organizar a casa, pôr para fora o que não queremos mais, viajar, esperar visitas...

Da pequena varanda do apartamento percebo que o cerrado agradece a chuva, nas árvores que estão verdes e repletas de flores. Sinto que o cerrado brota também em mim. A estação do ano, o tempo, a paisagem e o lugar em que me encontro, durante esses dias, me convidam a um passeio pelo rio do tempo, um convite às minhas memórias. É por caminhos de veredas de mim que reviro o baú de minhas memórias e evoco as lembranças de tempos outros: da infância, da adolescência e de tempos de agora, em busca das minhas primeiras águas. Águas que estão adormecidas em algum canto de mim mesma. Tento despertá-las!

Crio agora um espaço imaginário para o desfiar dessas lembranças, e me vejo numa tarde de chuva, uma chuva mansa e calma que cai lá fora. Sentada no chão, num dos quartos da casa do sítio do meu avô, rodeada de objetos da minha infância e início da adolescência. Cadernos com desenhos de flores, de cavalos, de bois, de vaga-lumes, de riachos, de galos no quintal, bonecas de palha e de pano que eram costuradas pelas minhas tias, sementes, tampinhas de garrafas e muitas pedrinhas colhidas no riacho. Um quarto real e imaginado onde estão armazenados os objetos que registram parte de minhas lembranças. Ele existe, mas não assim do jeito que o descrevo e os meus objetos, pois a maioria deles se perdeu no tempo. O que faço agora é agrupá-los em um lugar de lembranças e, assim, agora os vejo e os sinto como se estivessem diante de mim, à margem de mim.

O sítio do meu avô, ou a “casa do vovô”, como costumava chamá-lo, era um desses lugares mágicos aos meus olhos e a minha imaginação de criança. Uma casa grande, bem rústica, com bancos e mesas de madeira, de piso vermelho; na cozinha, um fogão de lenha e uma chaminé, também uma prateleira de madeira, onde ficavam as vasilhas de alumínio que eram areadas com a força dos braços e das mãos de duas tias.

O cuidado com a casa era algo que me chamava bastante atenção; muitas vezes presenciei as duas colhendo barro próximo ao riacho, para pintar as paredes da pequena cozinha

que, com o correr dos dias, ficavam escurecidas pela fumaça do fogão de lenha. Era um barro fininho, uma espécie de argila, que tinha nas proximidades do riacho, eu as via misturando o barro com a água, formando uma espécie de tinta, e com o cuidado e a delicadeza das mãos, passavam sobre as paredes, e eu queria ser como elas. Com olhos grandes e atentos a cada detalhe, via as paredes se transformarem em novas, via o encardido desaparecer. Artes da feminilidade. Magia feita de natureza, terra, água e mãos. Às vezes ia junto colher o barro, e insistia com elas para me deixarem pintar um pouco, um pedacinho de parede. Ainda guardo a sensação viva na memória e nos dedos das mãos, que hoje escreve e revive essas lembranças. O sentir o barro escorrendo por entre os dedos da menina, como que num acarinamento do universo.

Num dos quartos, ficava uma máquina de costura que tinha sido da minha avó. A janela do quarto onde dormia, com uma tia, dava para um pé de deliciosas pitombas, onde nós, os netos, subíamos até o topo, para a preocupação de todos. A sombra dele brincávamos e inventávamos as mais fantasiosas estórias, transformando-nos nos mais interessantes personagens.

No lugar não havia luz elétrica, e era uma lamparina que iluminava as nossas noites. O filete de luz daquele pequeno fogo, convidava-nos aos devaneios infantis, conduzia-nos a uma “poética do fogo” como escreve Gaston Bachelard em “A Chama de uma Vela”. Lembro-me de ficar, por longos minutos, observando aquela tímida chama, às vezes me pegava passando o dedo, rapidamente, de um lado para o outro, sem me queimar. Observar a luz miúda da lamparina era o mesmo que ver o sol durante a noite, um mistério.

Nas noites quentes e de claras luas, alegres paisagens em movimentos, meninos e meninas correndo, entre gritos e sorrisos, nas brincadeiras de rouba bandeira, passar anel, pique-pega, pique-esconde, chicotinho queimado...

O escuro cedia também lugar às mais encantadoras e fascinantes fantasias, o Saci Pererê, o Romãozinho, o diabinho que vem quando estamos dormindo. Estórias e histórias contadas pelo vovô e pelas duas tias, as últimas a se casarem. Os vaga-lumes eram as estrelas em movimento, no meio da escuridão. Observá-los era um deleite para a nossa imaginação infantil e curiosa. Nenhum resquício de modernidade havia chegado ali, naquele cantinho de sertão.

Não havia também água encanada, e sim uma cisterna, no fundo da casa, da qual, por uma corda, descia um balde que buscava, no fundo, a água. Era essa água que usávamos para beber, comer e tomar banho. Achava essa cisterna a coisa mais estranha e fascinante do mundo. Ficava me perguntando como, no fundo do chão, podia haver água? Muitas vezes, às escondidas, eu me aproximava da cisterna, inclinava a cabeça, esforçando-me para ver a água no fundo. Eu não entendia... Mas eu me lembro da minha tia dizendo: “menina, se você procurar no fundo da terra, bem lá no fundo, vai encontrar água”. A idéia de haver um rio debaixo de mim me fascinava. Muitas vezes escavava buracos no chão na esperança de que a água nascesse.

Mistérios da natureza, que a geografia mais tarde me revelaria. Há pouco mais de três anos, já adulta, vim ler o Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa, e encontro Riobaldo, personagem e narrador da história dizendo que, no sertão, se encostarmos o ouvido no chão, podemos escutar o barulho de fortes águas, que dormimos sobre um rio. Riobaldo...Rio-Baldo, um homem rio em busca de si mesmo e que quando chega ao mar de si, se pergunta se a sua vida (foi ou não uma vida)... Balda, perdida.

Era nesse lugar que eu passava todo o período de férias e trocava a luz elétrica pelos numerosos vaga-lumes. Trocava os banhos de chuveiro pelos banhos no riacho. Trocava a televisão pelas árvores, pelos bichos, pelas brincadeiras de uma típica menina do meio rural. Sons de passarinhos, barulhinhos de água, cheiro de mato, gotinhas de orvalho nas folhas, casinhas de João de Barro. Nesta paisagem sertaneja, sob os olhares e cuidados de duas tias e um avô, é que se desenha a paisagem da minha infância, a geografia afetiva da menina que fui e da mulher que sou, e que hoje visita a menina de outrora e, juntas, mulher e menina, no ato de recordar trazem para as águas do presente sentimentos e sensações de tempos outros, de águas outras, que consubstanciam as águas de hoje.

Nesse rio do tempo que, na correnteza da vida, se movimenta no espaço, sinto que muitas de minhas memórias de afetos não estão antes e nem depois da menina que fui e da mulher em que me transformo, encontra-se na travessia, no caminho, no atravessar das coisas. Ao seguir a correnteza do rio da vida, trago no meu barco paisagens e imagens de tempos e espaços outros... recordo sentimentos... Durante a travessia, faz-se necessária a construção de pontes que ligam os caminhos diversos. “Como um rio, cujas águas sempre encontram caminhos de saída —

às vezes vão de encontro ao mar —, mas sempre à procura de um espaço para continuar, segue por trilhas que se subdividem, criando um grande labirinto. Um labirinto formado por pequenos movimentos que atingem o todo (FERRÃO, 2006, p. 32). E é na totalidade do movimento do tempo e do espaço que está o que de mais precioso temos, tão precioso que foi guardado, sentimentalizou-se, virou recordações”.

No sentimentalizar das coisas, vou ao encontro da menina de seis anos, sentada na janela grande de madeira da sala de jantar da casa, e uma chuva caía, formando e variando, entre os relevos do quintal, grandes correntezas. No meu imaginário infantil, um rio se formava com aquelas águas caídas do céu, e eu me sentia em minhas fantasias, navegante delas.

Mas Brejerinha tinha o dom de aprender as tenuidades: delas apropriava-se e refletia-as em si – a coisa das coisas e a pessoa das pessoas. “Zito, você podia ser o pirata inglório marujo, num navio muito intacto, para longe, lo-õ-ongue no mar, navegante que o nunca-mais, de todos?” Zito sorri, feito um ar forte (ROSA, 1974, p. 470).

Como Brejerinha, uma das meninas personagens do conto “Partida de um audaz navegante”, do Guimarães Rosa, em seu livro “Primeiras estórias”, a chuva me convidava a muitos devaneios infantis. Quando chovia, criança era proibida de sair do interior da casa. A quietude do corpo me levava a fantasiar. Sentia-me muitas em uma só, marinheira de veste branca, canoeira remando dentro de um barquinho, sereia como a Yara; com o seu canto-encanto; enquanto a chuva caía que da janela eu via, com grandes olhos que cresciam, me transportando para outros espaços, outros lugares, em que só a imaginação pode conhecer. Como: “O Audaz Navegante, que foi descobrir os outros lugares valetudinário” (ROSA, 1994, p. 470).

A chuva passou, o tempo temperou, o céu claro volta a aparecer, mas a chuva deixa surpresas por onde passa, a paisagem se modifica. Espanto de menino era acompanhar a cheia do riachinho que ficava aos fundos da casa. Nós, os netos, adorávamos ver a metamorfose das águas. E a mais jovem das minhas tias, adulta, mas a alma de criança, nos levava, sempre, para ver essa transformação do riacho, ela gostava também de ver e gostava da gente vendo. Posso ouvir, como hoje, os seus gritos. “Cuidado, menina! Não pode entrar! É perigoso, a corrente te leva pra longe”. O corpo não viajava, não podia, mas o olhar navegante e vagaroso ia, ao longe, por entre aquelas águas. “Você vai buscar um audaz navegante?” (ROSA, 1994, p. 473).

Porque, o rio, grossoso, se descomporta, e o riachinho porém também, seu estuário já feio cheio, refuso, represado, encapelado – pororoqueja. – “Bochechudo!” – grita-lhe Brejeirinha. Sumiu-se a última areinha dele, sob baile de um atalhado de espumas, no belo despropositar-se o bulir de bolhas (ROSA, 1994, p. 473).

Perguntava-me como, manso e inocente, o pequeno riacho que, em lugares mais profundos, alcançava um pouco acima da minha cintura, podia se transformar num rio grande, com fortes correntezas e cores barrentas. Era espécie de menino crescendo de repente, no susto. “Sirimim ronca e barulha: em vez de correr para baixo, sobe ao arrepio, faz ondas, empurra-se para trás com a tanta água do rio, supera o chão e o tempo confirma: toda a vida, todas as vidas, sim” (ROSA, 1994, p. 1173).

Com poucos dias sem chuva, o riacho voltava ao normal, o processo de esvaziamento era bem rápido. E assim ele voltava a ser o riachinho amigo e inocente de sempre. Onde nos banhávamos brincando. No verão, as suas águas eram claras e cristalinas, era possível enxergar as pedrinhas no fundo. Águas mansinhas correndo em suaves correntezas; no geral, ele era estreito, e bem raso, em um ou outro lugar se formava um poço um pouco mais profundo, mas não impunha medo, não assustava, não cobria uma criança inteira.

O lugar em que mais gostávamos de brincar era uma espécie de uma praiazinha, á beira dele havia um monte de areia e um ingazeiro, onde nos deliciávamos com as frutinhas brancas, que lembravam bolinhas de algodão. Do outro lado da margem, aproximando-se do barranco, uma pequena plantação de melancias e abóboras. À sombra do ingazeiro nós, as meninas, com os artificios da natureza, montávamos a nossa casa – as folhas grossas e as sementes eram nossos pratos e panelas, um fogãozinho de lenha construído por meio de duas pedras. Colhíamos flores de diversas cores para enfeitar o lugar. Tínhamos sempre, conosco, pitombas e goiabas, para o preparo do almoço.

O riacho era um território demarcado por nós, os netos; às vezes, ficávamos tardes inteiras dentro dele. Descíamos o barranco correndo e gritando pra ver quem chegava primeiro, eufóricos nos despíamos e pulávamos dentro da água. Algazarras de criança dentro da água, ririso no olhar e nas vozes da meninada. “O riacho ri e o riso rola” (BACHELARD, 1989, p. 198). Doces águas meninas, espaço de inocência da infância pulsando. “É um barulho de nino de água, rolando todo o tempo” (ROSA, 1994, p. 1777). Escuto e sinto ninos de água enquanto recordo e

escrevo, barulhinhos de águas pequeninas, que ecoam dentro de mim, em sorrisos, cheiros, sons, cores, saudades. Ah! Esses lembrarezinhos que fazem pensamento da gente voar feito passarinho...

Um riacho aos fundos de um sítio, por mais estreito que seja, e com aguinhas tímidas, tinha lá grandes vantagens. O meu avô dizia que tudo, na beira de rio, na beira de um riacho, é regrado pelo espírito das águas. A água do riacho servia de bebedouro para as vacas, alimentava uma pequena plantação de abóboras e melancias. Era nele que as minhas tias lavavam roupas, mas isso somente quando se acumulavam grandes quantidades. Guardo nitidamente, na memória, a imagem delas, com trouxas de roupas na cabeça, mulheres em posturas elegantes, desfilando por uma paisagem de sertão, rumo às beiras do riacho, sem deixar cair, sem mesmo balançar o corpo.

O lugar de lavar as roupas era num outro trecho do riachinho, diferente do que costumávamos brincar; a corredeira era um pouco mais forte, apesar de todo o riacho ser mansinho, e havia também, uma quantidade maior de pedrinhas ao fundo. Hoje vamos lavar roupa no riacho – dizia uma das tias. Enquanto para elas seria um dia de trabalho pesado, para mim seria de pura brincadeira.

Mulheres bonitas, de peles morenas e ainda mais bronzeadas pelo sol, eu as observava, entre movimentos leves e sedutores, no processo de ensaboar a roupa, deixar quorar e enxaguar, num cenário de cantarolar de águas. Lá falavam de amor, de sonhos com uma vida na cidade, de casamentos e de filhos. Juntas escutavam um pequeno radinho de pilha, às vezes cantavam uma música que conheciam. Enquanto isso, eu brincava e sonhava dentro da água. “Perto do riacho, em seus reflexos, o mundo tende à beleza” (BACHELARD, 1989, p. 28).

Ao término de todo o processo de lavar as roupas, o sol já quase se pondo, com grande parte do corpo molhado despiam-se as duas e entravam dentro da água. Divertia-me com a transformação de mulheres em meninas, atirando-se dentro da água para brincar comigo. Depois do trabalho e da brincadeira, faziam os seus rituais de beleza, lavavam os cabelos na correnteza, à flor d’ água. Sedutoras águas! Espaço de feminilidades acontecendo, inocentes sensualidades. A água pode ser um espaço de sensualidades, de intimidades, no mergulhar e senti-la correr pelo corpo, no ato de despir-se, de lavar-se. Seriam essas águas femininas? (...) A água evoca a nudez

natural, a nudez que realmente pode conservar a inocência” (BACHELARD, 1989, p.36). Mulheres que nadam como se fossem sereias, um convite a devaneios femininos. “Qual é, pois, a função sexual do rio? É a de evocar a nudez feminina”(BACHELARD, 1989, p.36).

Foi nesse riacho que tive as minhas mais doces experiências com o universo místico das águas. A minha primeira água corrente, o meu primeiro riozinho, minhas águas risonhas. “No riacho quem fala é a natureza criança” (BACHELARD, 1989, p. 35).

Até aqui navegamos pela correnteza do rio do tempo, deslocamentos imaginários, o pensamento voando, indo e vindo de lugares, o corpo fixo com os olhos diante da tela do computador, e os dedos desenhando as memórias. Sinto-me em travessia de mim mesma, a margem de mim, ando gostando muito de estar em companhia da menina que fui, que por vezes sou. A meninice continua, vida afora.

Agora retiro um pouco o corpo da vertical, depois de uma longa travessia imaginária, navegando por águas da infância, águas que mais tarde desaguarão no grande rio, o rio maior, o São Francisco. Volto ao sítio da infância, para que os olhos possam sentir o que antes foi lembrado. “Só olhamos com uma paixão estética as paisagens que vimos antes em sonho” (BACHELARD, 1989, p.4). Lembrei e escrevi primeiro, viajei dentro de mim, sonhei.

15 de dezembro, chuva no sertão, é cedo ainda, desloco-me da casa dos meus pais, onde me encontro neste dezembro, e sigo rumo ao sítio do vovô, para fotografar e ver com os olhos a transformação da paisagem. Como geógrafa, vou em busca de minhas paisagens. Tudo se dispõe diferente dos meus olhos de criança, a casa grande, hoje velha, quase não se sustenta de pé, virou uma espécie de depósito de ferramentas. Não tiveram coragem de colocá-la chão abaixo, o tempo aos poucos se encarregará de fazer isso.

Não entrei na casa, fechada e calada. Olhei vagarosamente a fachada, as janelas de madeiras, as paredes alegres de outrora, agora velhas e carcomidas. Habitei cada espaço dela, como faço agora na memória, é o sonho que toca a lembrança. Vejo cenas vivas como antes, que entram e chegam por meio de meus pensamentos, cheias de risos, de falas, de gestos, como no tempo do meu avô. Dentro delas estou eu, menina, correndo pelos cômodos da casa, pulando as janelinhas de madeira. Num ruído, num cheiro, um movimento, a menina aviva a lembrança, que

me vem como cantiga antiga. No desenho da casa, um traço de infinito. Parecia chover a mesma chuva que via da janela, na paisagem dos meus seis anos; ao som de uma cigarrinha, fotografei a chuva caindo pelos relevos do quintal.



Foto 13-“**casa da saudade**”. O Sítio do vovô. Várzea da Palma-MG.
Autor: Joycelaine Oliveira (dezembro em 2008)

Li, de Carlos Brandão um texto sobre o “habitar”, que as casas nos habitam, assim como nós as habitamos, um dia. “Eu, guardião dos lugares onde vivi. E dentro de mim me habitam, moram em mim agora as casas onde morei um dia” (BRANDÃO, 2007, p. 8). É assim que sinto ao olhar a casa da infância, que a sua imagem está incorporada ao meu corpo, uma casa-corpo, de instintos orgânicos e sensoriais. O meu corpo é tempo e espaço acumulado.

Convido o meu primo de nove anos para me acompanhar até o riacho. Doce menino sertanejo, que me lembra o Dito, o Ditinho, do livro *Manuelzão e Miguilim*. Dito era assim como ele, menino esperto, companheiro inseparável do irmão Miguilim, era ingênuo de uma bondade no olhar. “Dito era uma alminha que via o céu por detrás do morro” (ROSA, 2001, p. 124). Juntos seguimos rumo ao riachinho, olhava o menino que me acompanhava num prazer de companhia, estive nos meus nove anos. No caminho encontramos, a “dorme-dorme”, uma

plantinha pequenina cujas folhinhas, quando as tocamos se fecham. Á quanto tempo eu não via uma assim! Cantamos para ela: “*Maria, fecha a porta que o boi já vem*”. Cantamos como quando eu era criança. Fazia, aos 25 anos, o mesmo caminho de menina, olhei a paisagem da infância com os meus olhos crescidos. A mesma trilhazinha, o mesmo coqueiro, ainda de pé. Desci o barranco, não com a mesma euforia de antes, mas um misto de sensações se entrelaçavam dentro de mim, saudades, melancolias, alegrias, tristezas, tudo junto e a um só tempo. Por vezes me vi menina, sorrindo e aos gritos, como se tivesse diante de mim uma paisagem paradisíaca, e nada mais era do que um riacho miudinho.



Foto-14 – “**Travessias da infância**”. Caminho que leva ao riachinho dos meus tempos de menina. Várzea da Palma-MG.

Autor: Joycelaine Oliveira (Dezembro em 2008)

Lá estava ele, bem mais estreito e com bem menos água, mal cobria os meus pés, às vezes tenho a sensação de que ele dá o seu ultimo suspiro e se despede da gente, como o riacho menino que corria aos fundos da casa do vaqueiro Manuelzão. É tão costumeiro riachos secarem por esses gerais do norte! Tive medo! À beira dele me veio a passagem do conto “Uma estória de amor”, de Guimarães Rosa, e a imagem de Manuelzão e sua família, diante da morte do riacho.

Dava alegria, a gente ver o regato brotar espuma e oferecer suas claras friagens, e a gente pensar no que era o valor daquilo. Um riachinho xexe, puro, emsombado,

determinado no fino, com rogojeio e suazinha algazarra – ah, esse não se economizava: de primeira, a água, para se beber. Então, deduziram de fazer a Casa ali, traçando de se ajustar com a beira dele, num encosto fácil, com piso de lajes a porta- da- cozinha, a bom de tudo que se carecia. Porém ao estrito cabo de um ano de lá se estar, e quando menos esperassem, o riachinho cessou. Foi no meio duma noite, indo para a madrugada, todos estavam dormindo. Mas cada um sentiu, de repente, no coração, o estalo do silenciozinho que ele fez, a pontuda falta da toada do barulhinho. Acordaram, se falaram. Até as crianças. Até os cachorros latiram. Aí, todos se levantaram, caçaram o quintal, saíram com luz, para espiar o que não havia. Foram pela porta da cozinha. Manuelzão adiante, os cachorros sempre latindo. – “Ele perdeu o chio...” triste duma certeza: cada vez mais fundo, mais longe nos silêncios, ele tinha ido s’ embora, o riachinho de todos. Chegado na beirada, Manuelzão entrou, ainda molhou os pés no fresco lameal. (...) o peito batendo num estranhado diferente(...) ainda viu o derradeiro fiapo d’água escorrer, estilar, cair degrau de altura de palmo a derradeira gota, o bilbo. (...) ainda esperaram ali, sem sensatez; por fim avistou no céu a estrela-d’ alva. O riacho soluço se estancara, sem resto, e talvez para sempre. Secara-se a lagrimal, sua boquinha serrana. Era como se um menino sozinho tivesse morrido (ROSA, 2001, p. 164).

Aguinhas que remansam e rezam! Caminhei por entre elas, senti o frio nos meus pés, molhei as mãos, passei nos braços, lavei o rosto, molhei os cabelos, como num ato sagrado de pedir a benção àquela água pequenina, peregrina, caminhante do sem fim, guardiã das minhas alegrias meninas. “Sirimim – abaixo – alma para qualquer segura”(ROSA, 1994, p. 1172).



Foto 15- “**Águas meninas**”. Cenário de crianças em cirandas dentro d’ água. Várzea da Palma-MG.
Autor: Joycelaine Oliveira (dezembro em 2008)

O espaço da infância se reinventou, como o espaço do meu corpo que se transformou de menina a mulher. A modernidade agora se faz presente nesse canto de sertão, uma nova casa foi construída, as pessoas se reúnem na sala, agora em volta da televisão. Os banhos são quentes, com a água que cai do chuveiro. A cisterna ainda existe, mas nela funciona uma bomba de água, que por meio de uma mangueira, leva a água até a caixa, assim sustenta toda a casa. Não se lavam mais roupas no riacho, mesmo porque o próprio riacho já não é mais o mesmo, e nem as pessoas são mais as mesmas.



Foto 16- **Espaço da infância reinventado.** Várzea da Palma-MG.
Autor: Joycelaine Oliveira (dezembro em 2008)

Mudaram-se os hábitos, a disposição dos objetos no espaço, ficaram as lembranças. E as lembranças muitas vezes me vêm acompanhadas do cheiro de café torrado, da fruta madura no pé, do calor do fogão de lenha que aquecia a cozinha nas noites de inverno, dos gestos do vovô tirando leite das vacas no cenário do curral, do frescor da sombra do pé de pitomba, dos vagalumes piscando, no infinito. “Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande” (BARROS, 2003, p. 19).

Vivi pouco desse espaço transformado, tudo parece ter ficado sem graça, com a chegada da luz elétrica e da água encanada, logo também a minha tia mais nova se casou, foi morar na cidade. Um outro tio se casou e lá foi morar com a esposa, não muito tempo depois o meu avô

veio a falecer. O encanto e a magia se perderam, a adolescência foi chegando e eu tinha diferentes vontades.

Como a transformação do riacho pelas águas da chuva, transformava-se também a menina. A mulher que me tornei me possibilitou outras leituras sobre as águas e nesse processo de re-visitação de lembranças e de águas do passado, vejo e sinto que a influência de uma poética das águas teve o seu início nesse lugar que acabo de descrever. O riacho, a cisterna e a chuva que caía foram re-significados no olhar de uma geografia dos afetos. Assim, apresentei a vocês, leitores, algumas de minhas memórias afetivas, nas poucas páginas que, como águas de um riacho, fluem de minha vida, até as águas dos meus rios que, de riachinho a riacho e de riacho a rio, começam em mim e acabam por desaguar no Rio de São Francisco.

4.2 São Francisco meu destino

Nasci em uma cidadezinha do Norte de Minas, na escola vim aprender que o lugar onde me criei e que morei por muitos anos faz parte da Região Mineira do Nordeste, um cantinho do sertão brasileiro. Na televisão assistia, que o sertão era um lugar feio, onde as pessoas são extremamente pobres e que morrem de sede e de fome. Notícias assim me assustavam, tinha medo de que a minha cidade se colorisse de cinza, e que o rio, que nos fornecia água pudesse vir a secar.

Conforme fui crescendo, aprendi que o sertão que cercava os entornos da minha casa era cheio de identidade, inclusive geográfica, o nosso céu e de um azul infinito, com poucas nuvens, porque não chove muito, que as árvores de galhos retorcidos que existia no sítio do meu avô, eram árvores de uma vegetação que se chama “cerrado”. Hoje consigo perceber que a boniteza de uma delicadeza sertaneja se re-significa por caminhos da arte e da poesia. É bonito de ver e ouvir o sertão sendo cantado por músicos, escrito em verso e prosa, sendo representado por meio da madeira, do barro em objetos e esculturas pelas mãos de artesãos.

Vivi até os meus 17 anos em um pequeno espaço de sertão... Numa única casa, na mesma cidade em que nasci. Na infância fui acostumada em brincar em riachos, só adulta, nos

meus quase dezoito anos, vim a me banhar nas águas do Rio São Francisco, o rio que tanto era falado nas minhas aulas de Geografia, como o rio da Unidade Nacional, o OPARÁ que no dizer dos índios, significa rio-mar.

As águas desse Rio, eu habitei, durante seis anos enquanto estive em Pirapora, cidade onde morei e em que criei laços de identidade com o rio, sua gente e a cidade que, por alguns poucos quilômetros, ele banha. Diversas vezes ele foi apreciado por mim desde algum lugar do cais, entre vários pores de sol. Bonitezas de um sertão tão sem fim, entre as duas (ou seriam três) margens do rio, e tão dentro da gente. Paisagens que eram sentidas por mim de acordo com o vivido e o sentido do momento.

Durante todo este período morei em bairros próximos ao rio, o que facilitava a minha convivência com ele. Os passeios de domingo, solitários ou acompanhados, convergiam sempre para a beira do rio. E lembro de quando eu me sentava numa pedra e ali ficava por um bom tempo com os pés na água, contemplando a paisagem, entre tristezas e alegrias.

Foi um espaço de diversão com meus companheiros de casa, quando íamos à praia e nos banhávamos em suas águas. Diversos foram os “luais” com amigos do curso de graduação da Universidade Estadual de Montes Claros, quando, ao som do violão e do murmúrio do rio, sob a luz da lua e de uma fogueira, partilhávamos momentos em que cantávamos e sorriamos. E éramos felizes e leves como as garças, como um pequeno rio branco que voa, no fim da tarde sobrevoavam o rio de volta ao ninho.

Foi o mesmo Rio também companheiro de tantas caminhadas, quando seguíamos juntos, lado a lado, eu em um ritmo e ele em um outro. Ambos com destinos diferentes. Ou não? Afinal aonde o rio quer chegar? Será no mar? Guimarães Rosa me diz que o rio não quer chegar a lugar nenhum, ele quer é ser mais profundo. Profundezas de vidas? É o que queremos, eu e o rio? Sinto que são mesclas e misturas de águas e de vidas...

Caminhadas também partilhadas na companhia de amigos queridos, quando muitas vezes falamos de sonhos, de angústias e de pesquisas. Falávamos da vida. E o rio seguia o seu caminho e nos ouvia? Assim, eu hoje me sinto barranqueira, como se tivesse nascido na ribeira desse rio.

Segue o rio, segue a vida. Seguimos! Em paisagens que se modificam em cada curva que ele faz. Como os caminhos do rio, a vida tem também os seus caminhos. E, ao término de um deles, vim parar em Uberlândia, cidade do Triângulo Mineiro e espaço que também se tornou um meu lugar de vida, de afetos e de estudos, enquanto por aqui estiver. E depois? O que me será esta cidade para onde vim e que, longe de meu Rio São Francisco, agora me desafia a escrever sobre ele? Incertezas... Sigo navegando pela correnteza...

Todos e todas nós temos lembranças de uma paisagem que nos marca, de um lugar que nos acolhe, entre nossas lembranças da infância, da adolescência, do fluir da vida. Um riacho aos fundos, num sítio da casa do avô, um curral; uma montanha; ou até mesmo os micro-lugares, como um cantinho de uma sala atrás do sofá, uma árvore no fundo do quintal, o colo quente de alguém querido que pode ser um avô, uma tia, um amigo. Lembranças de lugares que estão a fluir suas água de memória dentro de nós e estão a brincar em algum cantinho de nós mesmos. O São Francisco é um desses lugares que levo e levarei comigo. Ele é o rio que corre dentro de mim, habitando espaços subjetivos da Joyce, enquanto mulher que está agora em Uberlândia e que, neste estar aqui e agora, percebe que tem um projeto de vida e que pesquisa e sente o Rio.

O rio de tantas poesias, de tantas músicas, de tantos romances, que eu os habitei imaginariamente. Cenário de “Paixões Alegres” de José Antonio de Souza, onde aconteceu um bonito romance entre Isabel e Doca, ela socióloga mulher feita, que acabava de chegar da cidade de São Paulo, com o marido e ele menino de treze anos ainda se descobrindo homem. Juntos vivem uma intensa história de amor toda barranqueira. Ela pesquisadora, vê na cidade de Januária um porto para as suas águas de leituras e interpretações, quer escrever sobre a história do lugar, a gente do lugar, sobre o rio que banha a cidade. Encantada pelo viver barranqueiro, em suas rodas de conversas ao entardecer nas portas das casas, nos meninos que correm e gritam pelas ruas, o rio e o cais. Encanto e pesquisa juntos. Muitas vezes me senti como Isabel, personagem do livro, me via nas páginas escritas, influenciada pela sua “sociologia barranqueira”. “Eu tenho que me dar tempo para realizar esse trabalho... me aprofundar... Não é só colher dados, tenho que meditar sobre eles”(SOUZA, 1996, p. 167).

Preciso meditar sobre as minhas águas, sobre as águas do São Francisco, um meditar constante, enquanto mais sigo navegando em leituras sobre esse rio, maior é o meu desejo de aprofundar, de ir às profundezas das suas águas. Carece de ter coragem para fazer a travessia...

4.3 Um porto afetivo

Levo, por onde eu vou, as imagens e todos os ruídos. Quem chega perto e escuta o meu corpo ouve só os murmúrios de um rio como os outros. Mas, quem encosta, com a calma do amor, o ouvido em minha alma, esse há de ouvir a multidão dos sons de tudo o que foi vida em mim e a minha volta (BRANDÃO, 2002, p. 16).

Ah! Esses rios infinitos que vivem dentro da gente... Rios que nos permitem viver e sonhar... Rio São Francisco, que faz com que o Sr. Cícero, aos 84 anos de vida, vá todos os dias, antes do nascer do sol, banhar o seu corpo e os seus afetos em suas águas, num processo ritual de amor e de fé. O Sr. Cícero é um desses portos afetivos que encontrei durante essa travessia de leituras e olhares sob o rio. Ele, um velho comandante do vapor, sábio homem e interlocutor sensível, guardião e defensor dessas águas franciscanas... Ele sonha entre espaços e devaneia entre tempos em suas lembranças.

Nossas longas conversas, em fins de tardes sertanejas, foram um deleite, mais do que uma entrevista. Poeticamente, o São Francisco navegado por vapores de sua vida e de suas lembranças era ofertado a mim. Viagens, idas e vindas, deslocamentos imaginários... As suas lembranças me transportavam para um tempo que eu não vivi. A rotina da viagem dos vapores seguia dentro de mim; as saudades da família, o cansaço, os medos, os encontros, as alegrias, as tristezas, cenas e cenários em movimentos, em travessia de mim.

Compreendo, por meio do Sr. Cícero, a profunda frase do Guimarães Rosa, quando ele diz e repete que o “sertão vive dentro da gente”. Sertão entrelaçado no corpo e na alma, na vida desse homem e de tantos outros, que estão a viver por esses cantos e recantos sertanejos, sertão de intimidades, com uma natureza que é interior e exterior, a um só tempo. Lembro da nossa primeira conversa, em que ele me diz:

Minha filha, se hoje eu estou aqui conversando com você, olhando pra você, sentado e de pernas cruzadas, isso eu devo ao Rio São Francisco. Se estou aqui conversando com você é a ele que eu devo agradecer, tudo eu tirei de lá. Vivi no rio, e até hoje vivo dentro dele, e quando me for dessa vida, quero ficar perto dele. Ao Rio São Francisco devo tudo o que tenho e o que sou. Pra mim ele é pai e mãe.

E o rio, Sr Cícero? O que é o rio para o senhor? Pergunto ao comandante. Me responde ele:

Não consigo me separar do rio, quero morrer aqui pertinho dele... nasci e me criei nas beiras dele, sou barranqueiro de nascença e de coração, trabalhei e sustentei a minha família, viajando dentro dele. Preciso do rio para continuar a viver, agradeço a Deus todos os dias pela vida desse rio. Tenho necessidade de ver o rio de tocar na água de ter o rio perto de mim. Todos os dias antes do sol nascer às cinco horas da manhã, me levanto e vou tomar o meu banho de rio, vou pedir a benção ao meu pai Rio São Francisco. Quando entro na água, acontece uma coisa diferente comigo, uma sensação que eu não consigo explicar direito. A maioria das pessoas quando entra na água, sente a água escorrer pelo corpo, não é? Comigo acontece o contrário, em vez de a água descer, eu sinto como se ela subisse pelo meu corpo, como se fosse um sangue, que percorre todas as minhas veias. É essa a sensação que tenho quando me banho nas águas do São Francisco. É um banho de alma, renovo as minhas forças para seguir vivendo. Pra mim não há rio mais bonito e mais bondoso que o rio de São Francisco. Temos a água, o peixe, o alimento. O que ele precisa é de mais cuidado de mais amor por parte de nós os homens.

O rio continua a correr no Sr Cícero, ele é, a todo o momento, água que corre, fluidez, sensibilidade. Os seus olhos são banhados por lágrimas, quando fala do Rio. “O frescor da água é uma força de despertar” (BACHELARD, 1989 p. 34). “São Francisco Franciscano! Ah! Meu rio! Ah meu irmão! Suas águas vão brotando dentro do meu coração” como diz a música de Carlos Brandão e que agora escuto, como canta bonito Josino Medina, cantor e violeiro do Vale Jequitinhonha, num ato de consagração e afeto.

Beiras de Minas...

Beiras do Chico...

Beiras de minas...

São Francisco! Franciscano!

São Francisco rio diverso

Ora largo, ora fino

Suas águas vão levando

Minha vida, meu destino...

São Francisco! Franciscano!

Ah! meu rio!

*Ah! meu irmão!
Suas águas vão lavando
o rio do meu coração.
(música de Carlos Brandão e Josino Medina)*

Só descobrimos o valor das coisas quando as sentimos com intimidade. E esse é o rio do Sr. Cícero vivido, sentido no corpo e na alma. Cícero canoieiro da alma! Os versos desses dois poetas, um, carioca de alma sertaneja, que pesquisa e escreve sobre o sertão e a sua gente, e um outro, sertanejo dessas beiras de Minas, barranqueiro do vale do Jequitinhonha, parecem ter escrito essa melodia poética para o Sr. Cícero. São Francisco, um rio irmão, onde as águas levam a vida e o destino, lavam o rio do coração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Volto a me sentar na beira do rio...

O domingo amanheceu de céu aberto, caminho pelas ruas da cidade, vou em busca da paisagem do rio, volto a me sentar diante das suas águas. Me pego novamente repetindo os mesmos gestos, as mesmas cenas de tantas vezes, num mesmo cenário. É o curso do rio da vida... Águas que vão e voltam...

A paisagem que vejo é de águas não tão claras, devido às chuvas dos últimos dias, o sertão desses Gerais de Minas recebe as águas que caem do céu de dezembro. Já não faz tanto calor assim, sinto um cheiro de flor da manhã, que parece vir do rio...

Lá estou eu diante das águas, a meditar mais uma vez sobre a vida. Muitas cenas compõem a paisagem das minhas lembranças. Recordações e sensações se entrelaçam... Nas lembranças me vêm paisagens de banhos de rios, paisagens de alegria e cantoria nas noites de lua cheia, o azul das águas no mês de julho... Aqui estou, é um momento de travessia... Escrevo as últimas páginas da dissertação... Termino um ciclo de águas e vidas... Recomeço outros.

Aqui, diante das águas, aquieto o meu coração, precisava viver esse momento de escuta, de intimidade, de quietude... Pois foi aqui, nessa paisagem de águas sertanejas, que tudo começou... dois anos se passaram... e não somos os mesmos, o rio e eu.

Percorro, com um olhar, toda a paisagem que me envolve, e não poderia deixar de pensar nos homens que percorriam essas águas, em suas longas viagens de trabalho, navegando por esse rio afora, descobrindo lugares, mapeando o rio, conhecendo o rio. Olho para o mesmo cais, que agora se dispõe diante de mim, calado e parado, o componho, com paisagens da minha imaginação: lá estão em gestuários, risos, e sorrisos, em um ato e uma cena, gentes à espera de um vapor que chegaria em instantes.

De longe escuto um som longo e nostálgico, olho para a linha do horizonte das águas e vejo que um grande barco se aproxima, um barco que parece dançar sobre as águas. “O apito do vapor despertava a cidade para as emoções da espera” (SOUZA, 1996, p. 9).

Devaneios de beiras de rio...

O vapor que espero não chega... Está a navegar nas águas do passado. O rio que vejo não é o mesmo rio por onde navegavam esses barcos. Os vaporzeiros são homens que vivem a contar suas histórias sobre o rio. Histórias de beira-vida beira-rio... Depois de ouvi-los, não posso mais olhar para o rio e não povoá-lo de imagens do passado. Nas águas do São Francisco habita o suor dos homens, as histórias de amor, as saudades, os medos, as lendas... é um rio que flui por águas da lembrança... lembrança de uma vida inteira, toda barranqueira, que conhece os segredos, os mistérios, que aprendeu a ouvir os murmúrios do rio. Assim viajam os nossos comandantes, por caminhos de mansas águas, caminhos da memória.

Mas um dia chegam eles ao porto final de suas travessias. E quem nos contará sobre essas tantas histórias de vidas, vividas dentro do rio? Como que poderemos viajar no tempo, sem um ponto de partida? Temo pela vida deles! Os anos passam e a velhice se faz cada dia mais presente, eles caminham para o fim da mais longa viagem, a vida. Ao contrário de muitos velhos, que passam seus ensinamentos para os filhos e netos, isto não acontece com eles; os vaporzeiros e remeiros do São Francisco são uma classe de trabalho extinta, já não navegam mais pelo rio, como nos tempos de antigamente. A companhia de navegação do São Francisco, a FRANAVE, está de portas fechadas, apenas as paredes sobrevivem. Será essa a nossa única lembrança, daqui a alguns anos? Ao completar a viagem, o término de suas vidas, levaram junto todas as suas histórias e, com elas, todos os saberes adquiridos dentro do rio. É preciso pensar e refletir sobre isso.

Não sou mais a mesma, depois desse processo de escuta, sobre o rio. As águas do São Francisco que hoje conheço, esse outro rio que flui o tempo todo dentro de mim, devo a esses homens. É como se fossem eles os responsáveis pelos movimentos dos meus dedos que compõem as linhas destes escritos. Enquanto os ouvia, eu me sentia diante deles, totalmente envolvida por uma poesia do “habitar” o caminho das águas.

De todo este processo de pesquisa, entre muitas leituras, o mais significativo que carrego comigo foram esses diálogos, que mantive com esses homens sábios. As suas histórias são sofridas, porém fascinantes. Não há como não admirá-los. Eles são, de uma certa forma, a continuação das águas, memória das águas, o rio em forma de “homem-humano-travessia”. Que

se faz por esse sentimento de afeto, que entrelaça o homem e o rio, em uma natureza viva e íntima, um rio que sobe por caminhos do corpo, pelas veias arteriais do Sr. Cícero, ao se lavar nas águas.

Esses homens do rio nos ensinam sobre uma geografia do sentir e escutar a própria vida, ao se deixarem seduzir pelo lugar e seus encantamentos. É um rio que corre, a água que corre pelo corpo, a chuva que cai, o cheiro da manhã, um som, o olho que observa a água em suas cores e tons, que permite que o barco navegue, onde as linhas e rotas são construídas por meio da memória. Uma geografia que sente que é ser e mente, semente...

Toda viagem tem um fim. Será?

Que assim viemos. Mas conto ao senhor as coisas, não conto o tempo vazio, que se gastou. E glose: manter firme uma opinião, na vontade do homem, em um mundo transviável tão grande, é dificultoso. Vai viagens imensas (ROSA, p. 402).

É aqui, diante do rio, sentada a beira dele, observando a água que corre, como tudo começou, lá na introdução deste trabalho, que tudo agora termina e continua. Pois tenho a sensação de que a viagem não acaba nunca. Há sempre algo que ficou para trás e deveremos voltar ao porto em que ficou, para buscá-lo, entre memórias, lembranças, sonhos, devaneios, conversas, saudades, que fazem parte do espetáculo da vida. Como na correnteza do rio, este trabalho não se fecha, haverá sempre algo a acrescentar, nessa travessia de águas e vidas e entre tantos detalhes que não foram percebidos, histórias que não foram contadas, segredos a serem revelados.

Nesse momento faço uma pequena parada, que consiste em nada mais do que um rápido intervalo de descanso, uma pausa até o próximo porto, um descanso necessário, mas não definitivo, pois a viagem não termina aqui, há muitas águas ainda a serem navegadas pelo rio de leituras e interpretações. É preciso abastecer o vapor que já carece de lenha, a viagem é longa e precisa continuar.

Travessia...

*É o fim desta viagem
Mas apenas um momento
Nesta árdua tarefa
Aqui levada a contento
Do rio rever a história
Com arte fé e talento!*

*Uma lição a lapidar
Temos agora em mente
História não é só passado
E também o presente...
E porque não o devir
De modo subjacente?
(Zanoni Neves, 1991, p.55)*

REFERÊNCIAS

ARRENDT, Hanna. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar.** Tradução de Antônio Abranches. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 2000.

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do Não; O Novo Espírito Científico; A poética do Espaço** Tradução de Joaquim José Moura Ramos. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores.)

_____. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria.** Tradução de Antonio de Paula Danesi. São Paulo: Martin Fontes, 1989.

_____. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade.** São Paulo: Martin Fontes, 1990.

_____. **A poética do devaneio.** Tradução de Antônio de Paula Danesi. São Paulo: Martin Fontes, 1996.

BARROS, Manoel de. **O guardador de águas.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **Livro de pré-coisas.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso.** Tradução de Hortência dos Santos. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. **Aula.** Aula Inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de Franca. Tradução de Leyla Perrone-Moises. São Paulo, Cultrix, 2004.

BASTIDE, Roger. **Poetas do Brasil.** São Paulo. EDUSP. 1994.

BERGSON, Henri. **Cartas, conferencias e outros escritos.** Seleção de textos de Franklin Leopoldo e Silva; trad de Franklin Leopoldo e Silva, Nathanael Caixeiro: São Paulo: Abril cultural 1984.

_____. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martin Fontes, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade.** 11ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2004

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos.** Tradução de Daniela Versiani: Rio de Janeiro: ELSEVIER, Campus 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **São Francisco meu destino**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

_____. **Memória-Sertão**. São Paulo: Cone-Sul/UNIUBE, 1998.

_____. **A partilha da vida**. São Paulo: GEIC/Cabral Editora, 1995.

_____. **O afeto da terra**: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamento com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

_____. **Pesquisa participante**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos**: Escritos para conhecer, pensar e praticar o Município Educador Sustentável. Brasília: MMA, 2005.

_____. Tempo e espaço na comunidade rural: a visita de um antropólogo à geografia. In: II Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa – agricultura e desenvolvimento regional. 2, 2006, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: UFU, Instituto de Geografia, 2006. CD-Rom.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. Ed. Perspectiva S.A. 1982.

BURQUE, Peter (org). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BURTON, Richard Francis. **Viagem de Sabará ao Oceano Atlântico**. Belo Horizonte, Ed Itatiaia; São Paulo, ed da Universidade de São Paulo, 1977.

CAPPIO, Flavio, MARTINS, Adriano; KIRCHNER, Renato. **Rio São Francisco: uma caminhada entre vida e morte**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola e Margareth de Castro Afheche Pimenta. 2 ed. Florianópolis. UFSC, 2001.

CAVALCANTI, Dirce de Assis. **O Velho Chico ou a vida é amável**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

COWAN, James. **O sonho do cartógrafo**: meditações de Fra Mauro na Corte de Veneza do século XVI. Tradução de Maria de Lourdes Menegale. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

DELEUZE Gilles, Guatarri. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro. Ed 34. 1992.

_____. **Conversações.** Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.

DENIS, Ferdinand. **Brasil.** Belo Horizonte, Ed Itatiaia; São Paulo, Ed, da Universidade de São Paulo, 1980.

DUMONTE, Sávia. **ABC do Rio São Francisco.** Belo Horizonte: Dimensão, 2000.

FERRÃO, Águeda Márcia. **Compartilhando silêncios:** um resgate de recordações. 150 f. Dissertação (Mestrado em artes) Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

FREIRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil aspectos da influencia britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil.** 2 ed Rio de Janeiro, José Olímpio; Brasília INL, 1997.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral. Possibilidades e Procedimentos.** São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP: Imprensa oficial do estado, 2002.

GAUTHEROT, Marcel. **Bahia Rio São Francisco: Recôncavo e Salvador.** Rio de Janeiro: Noca Fronteira, 1995.

GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841.** Belo Horizonte, Ed Itatiaia; São Paulo, Ed, da Universidade de São Paulo, 1975.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC S A, 1989

_____. **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução de Vera Melo Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem.** Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1978.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Memórias:** poesia e verdade. Tradução de Leonel Vallandro. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **A Poética d' " O Rio" – Araguaia! De Cheias. e vazantes (à) luz da imaginação.** 2003, 354f. Tese (doutorado em geografia) – Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo, 2002.

GUATARI, Félix; Rolnik, Sueli. **Micropolítica cartografias do desejo.** Petrópolis RJ: Vozes, 1986.

- HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. Niterói: Eduff; São Paulo Contexto, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: centauro, 2006.
- HEIDGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução. Márcia de Sá Cavalcante. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. **Pensamento humano. Ensaio e conferências**. Tradução de Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis 1995. Vozes 2001.
- HESSE, Herman. **Sidarta**. Tradução de Herbert Caro. 46 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LEFEBVRE, Maurice Jose. **Estrutura do discurso da poesia e a narrativa**. Tradução de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almeida, 1980.
- LEITE, Ilka Boaventura. **Escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- LEITE, Miriam Moreira (org). **A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX**: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: HUCITEC; Brasília, INL/Pró – Memória, 1984.
- LEVI-STRAUS, Claude. **Tristes Trópicos**. Tradução de Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo. Companhia das letras, 1996.
- LOPES, Accioly. **Remeiros e romeiros do São Francisco**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1978.
- MAFESSOLI, Michel. **A conquista do presente**. Tradução de Alípio de Souza Filho. Natal: Argos, 2001.
- MEHY, José Carlos. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002
- MELO, Adriana Ferreira de. **O lugar - Sertão**: grafias e rasuras. 2006, 131 f. (Mestrado em Geografia)-Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- MOURA, Otávio Augusto Pinto de. **Maria do Matué** – Uma estória do Rio São Francisco. Belo Horizonte (s.n), 2007.
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.
- NAVA, Pedro. **Baú de ossos**: Memórias I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NEVES, Zanoni. **Navegantes da integração: os remeiros do Rio São Francisco**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1998.

_____. **A Barca Aurora**. Belo Horizonte: Mazza edições, 1991.

ORBIGNY, Alcide d'. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed da Universidade de São Paulo, 1976.

PONTY, Maurice Merleau. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martin Fontes, 1994.

_____. **Conversas**. Organização e notas de Stéphanie Ménasé; trad. Fábio Landa, Eva Landa; revisão da tradução: Marina Appenzeller. São Paulo. Martin Fontes, 2004.

PROENÇA. M. Cavalcanti. **Ribeira do São Francisco**. Rio de Janeiro. Biblioteca Militar, 1944.

PROUST, Marcel. **O tempo redescoberto**. Tradução de Lucia Miguel Pereira. 10 ed. São Paulo: Globo, 1990.

RIBEIRO, Ricardo Pereira. **Sertão, lugar desertado** – o Cerrado na cultura de Minas Gerais. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

_____. **Ficção completa, em dois volumes/** João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

_____. **Manuelzão e Miguilim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSENDHAL, Zenny; MELLO, João Batista de. Rio de Janeiro e de Simbólicas Centralidades. Anais: In: VI Encontro Nacional da ANPEGE. Pág 1 a 14. Fortaleza – Ceará. **Anais...** Fortaleza

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte, Ed Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

SANTOS, Rodrigo Herles. **Aqui estou, aqui faço o meu lugar: um estudo sobre percepções e manejo do ambiente entre camponeses, na comunidade de Barra do Pacuí, município de Ibiaí – MG**. 148 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia- MG, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa **Um discurso sobre as ciências**. 9 ed. Porto. Edições Afrontamento. 1987

_____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo, razão e emoção**. 3.ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. **As Terras inventadas: discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton**. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

SPIX, Johann Baptist Von; MARTIUS, Carl Friederich Philip Von. **Viagem pelo Brasil: 1817 – 1820**. Belo Horizonte, Ed Itatiaia; São Paulo, ed da Universidade de São Paulo, 1981.

SOCIEDADE DOS POETAS VIVOS DIGITAL. Poema Tenebrosa Acqua de Thiago de Melo. Disponível em: <www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/sociologia>. Acesso em 22 de jan. 2008.

SOUZA, José Antônio de. **Paixões alegres**. São Paulo: Globo, 1996.

SUSSEKIND, Flora. **A voz e a série**. Rio de Janeiro: Sette Letras; Belo Horizonte, ed UFMG, 1998.

_____. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

SPÓSITO, Sposito Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo. Editora UNESP, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução de Lolio Lourenço de Oliveira. RJ: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

UNGER, Edila Mangabeira. **O sertão do Velho Chico**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1997.

UNGER, Nancy Mangabeira. **Da fóz a nascente: o recado do Rio**. São Paulo. Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.